



UNIVERSIDADE
DO BRASIL
UFRJ

**Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE**

FERNANDA DE LIMA SOUZA

**A ESCOLHA DE UM ESTABELECIMENTO DE ENSINO
CATÓLICO POR ALGUMAS FAMÍLIAS MORADORAS DO
MÉIER: A PLURALIDADE DO ATO DE ESCOLHER**

Rio de Janeiro
Maio 2012

FERNANDA DE LIMA SOUZA

A ESCOLHA DE UM ESTABELECIMENTO DE ENSINO CATÓLICO POR ALGUMAS
FAMÍLIAS MORADORAS DO MÉIER: A PLURALIDADE DO ATO DE ESCOLHER

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Waidenfeld Chaves

Rio de Janeiro

Maio 2012



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Dissertação “A escolha de um estabelecimento de ensino católico por algumas famílias moradoras do Méier: a pluralidade do ato de escolher”

Mestrando: **Fernanda de Lima Souza**

Orientado pelo (a): **Profª. Drª. Miriam Waidenfeld Chaves**

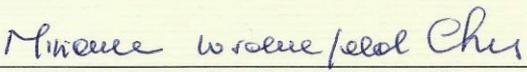
E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

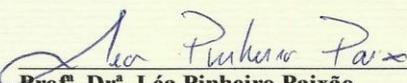
Rio de Janeiro, 03 de maio de 2012

Banca Examinadora:

Presidente:


Profª. Drª. Miriam Waidenfeld Chaves


Profª. Drª. Ana Maria Villela Cavaliere


Profª. Drª. Léa Pinheiro Paixão

FICHA CATALOGRÁFICA

S729

Souza, Fernanda de Lima.

A escolha de um estabelecimento de ensino católico por algumas famílias moradoras do Méier: a pluralidade do ato de escolher / Fernanda de Lima Souza. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. 140f.

Orientadora: Miriam Waidenfeld Chaves.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2012.

1. Ensino religioso – Méier (Rio de Janeiro, RJ). 2. Escolas católicas. 3. Educação – Finalidades e objetivos. 4. Família - Condições sociais. I. Chaves, Miriam Waidenfeld. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

CDD: 371.0712

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por terem sido sempre os meus maiores incentivadores e por terem acreditado em mim. À minha estrela-guia, minha irmã Vivi, pela força, pelas palavras encorajadoras e sábias que confortaram meu coração quando eu me senti desamparada.

À minha orientadora, professora Miriam Waidenfeld Chaves, pela preocupação constante, pelas cobranças que me fizeram mais forte e pela presença firme que me ajudou a caminhar com segurança. Obrigada por ter acreditado na minha capacidade e pelas orientações que levarei para o resto da vida. A convivência com você foi um grande aprendizado.

Aos meus colegas de turma, especialmente à amiga Andrea, com quem dividi mais de perto as angústias e os momentos difíceis desse caminho que escolhemos, mas que também nos reservou amizades e sorrisos.

A todos os meus amigos que participaram direta ou indiretamente deste momento especial da minha vida.

Às Irmãs, professoras e famílias do Colégio Nossa Senhora de Fátima que me receberam com educação e gentileza e me oportunizaram desenvolver este trabalho com qualidade e eficiência. Muito obrigada pela receptividade e generosidade.

Às professoras da banca, por terem gentilmente aceitado meu convite e pelas orientações essenciais que levarei por toda a vida acadêmica.

A Deus, por ter me permitido viver essa experiência maravilhosa: a de adentrar mais profundamente no mundo do conhecimento e de me permitir essa realização pessoal. O Mestrado foi o meu maior sonho realizado.

RESUMO

SOUZA, Fernanda de Lima. **A escolha de um estabelecimento de ensino católico por algumas famílias moradoras do Méier: a pluralidade do ato de escolher.** Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

O objetivo deste trabalho é compreender os fatores que determinaram a escolha de algumas famílias moradoras do Méier por um estabelecimento de ensino católico para educar sua prole. Salienta que essa escolha se insere em um processo social de busca que pressupõe uma associação entre o perfil das famílias e o tipo de colégio selecionado pelas mesmas. Também ressalta que os critérios que entram em ação no momento em que esses pais executam suas escolhas defrontam-se com algumas opções de escolas no Méier, imbricando-se, assim, ofertas educacionais e exigências familiares diferenciadas.

Parte-se do pressuposto de que essas famílias apresentam algum conhecimento do universo escolar que as circunda, o que permite que realizem sua opção a partir de diversos critérios que se conectam às suas crenças, experiências, preferências pedagógicas e projetos de futuro para seus filhos. Percebe-se, então, que se há uma variedade de razões que emergem para justificar a escolha do Colégio Nossa Senhora de Fátima, entre elas destacamos a rede informacional acumulada e acionada pelas famílias no momento da escolha, a busca por uma escola católica em função de sua autoridade para incutir em seu público escolar certos valores já em desuso, o fato de a escola localizar-se no mesmo lado da linha de trem que as moradias das famílias e a posição da escola no ENEM.

Para alcançar tais objetivos, esta pesquisa apoia-se em Pierre Bourdieu, através dos conceitos de capital cultural e social, e, principalmente, em Bernard Lahire, na medida em que, com mais clareza, dá conta da heterogeneidade, diferenciação e pluralidade dos aspectos que fundamentam o ato de escolha das famílias entrevistadas, isto é, permite que se relacione a ação idiossincrática dos sujeitos com as configurações sociais a que se encontram conectados. Ainda cabe ressaltar os estudos de Maria Alice Nogueira acerca da escolha de um estabelecimento de ensino pelas famílias, bem como as pesquisas de Tânia Salem, Álvaro Senra e Ana Maria Almeida sobre os colégios religiosos e a influência da Igreja Católica sobre sua estruturação.

Foram realizadas onze entrevistas. Oito delas com famílias cujos filhos estudam no Colégio Nossa Senhora de Fátima e três outras, respectivamente, com a Diretora do estabelecimento de ensino e com duas mães cujos filhos encontram-se matriculados em uma escola católica próxima à investigada.

Acredita-se que a análise aqui realizada contribuirá para os estudos entre escola e família, na medida em que explicita mais uma de suas várias facetas, que, em última instância, pressupõe novas abordagens sobre a relação entre escola e desigualdades sociais.

Palavras-chave: Escola Católica, Família, Escolha, Valores, Distância, Capital Social.

ABSTRACT

SOUZA, Fernanda de Lima. **The choice for a catholic school establishment by some of the families dwelling in the Meier neighborhood: the pluralism in the act of choosing.** Thesis (Master's Degree in Education). College of Education, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

The purpose of this work is to understand the factors defining the choice of some families from Meier's neighborhood for a catholic educational institute to their children. Such choice is inserted within a searching social process that assumes a relation between the profile of the families and the type of school selected by them. It is also worth emphasizing that the criteria used by the parents, at the moment they consider their choices, are limited by some of the school options in Meier, thus resulting in the struggle between differentiated educational offers and family needs.

It starts from the assumption that such families have some knowledge of the school universe around them, which allows them to make their choices through several criteria related to their creeds, experiences, pedagogical preferences e future projects to their children. Therefore, it can be noted that there are several reasons to justify the choice for the *Colégio Nossa Senhora de Fátima*, such as the informational network accumulated and activated by the families at the moment of the choice, the search for a catholic school due to its authority in enforcing certain forgotten values to its students, the fact the school is located at the same side of the railway where the families dwell and the school's position in ENEM's ranking.

In order to reach the referred purposes, this survey seeks support in Pierre Bourdieu, through the concepts of cultural and social capital, and mainly, in Bernard Lahire, and as the survey progresses, it provides clarifications on the heterogeneity, differentiation and plurality of the aspects that serve as grounding to the act of choosing of the interviewed families, i.e., it allows the relationship between the idiosyncratic action of the subjects and the social configurations in which they are connected. It is also worth mentioning the studies of *Maria Alice Nogueira* regarding the choice for a teaching establishment by the families, as well as the surveys of *Tânia Salem*, *Álvaro Senra* and *Ana Maria Almeida* on religious schools and the influence of the Catholic Church over their creation.

Eleven interviews were carried out. Eight with families whose children study at *Colégio Nossa Senhora de Fátima* and the other three, respectively, with the Principal of the teaching establishment and with two mothers whose children are currently enrolled in a catholic school near the one investigated.

It is believed that the analysis now conducted will contribute to the studies between school and family, to the extent that it describes another of its sides, which ultimately, presupposes new approaches on the relationship between school and economic inequalities.

Key-words: Catholic School, Family, Choice, Values, Distance, Social Capital.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. OS DESAFIOS DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE	16
1.1. A reprodução: um princípio da Sociologia da Educação Crítica	16
1.2. As novas perspectivas de análise e a relevância dos estudos sobre escola e família	24
1.3. A escolha por um estabelecimento de ensino	33
2. ESCOLA, FAMÍLIA E <i>ETHOS</i> RELIGIOSO: UMA RELAÇÃO PERTINENTE	42
2.1. A relevância dos colégios católicos nos dias de hoje	42
2.2. As transformações da família e da escola: um desafio ao quadrado	48
2.3. A influência dos valores religiosos sobre a família: sua força e poder	55
2.4. O Colégio Nossa Senhora de Fátima: seu lugar no Méier	62
3. A MULTIPLICIDADE DE FATORES NO PROCESSO DE ESCOLHA	71
3.1 Os indivíduos: o foco central de nossa análise	72
3.2 Quem são as famílias investigadas?	75
3.3. O mercado escolar do Méier	86
3.4. As escolhas: explicações possíveis	93
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
ANEXO A: Roteiro Geral das entrevistas - diretora	127
ANEXO B: Roteiro Geral das entrevistas – famílias (pais que não estudaram na escola)	129
ANEXO C: Roteiro Geral das entrevistas – famílias (pais ex alunos da escola)	133

INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da relação família e escola têm crescido bastante nos últimos anos. A relevância do tema possibilita diferentes perspectivas de análise sobre essa relação, permitindo, inclusive, o desenvolvimento de pesquisas sobre a escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias; assunto esse que pretendemos discutir ao longo da pesquisa.

Já há alguns anos tem chamado a atenção de alguns sociólogos da educação (ALMEIDA & NOGUEIRA, 2002; NOGUEIRA, ROMANELLI & ZAGO, 2003; BRANDÃO & LÉLLIS, 2003 e PAIXÃO, 2007), principalmente, devido à heterogeneidade do sistema escolar nos dias atuais que, diante de um mercado escolar bastante diversificado, permite que as famílias se transformem em “consumidores de escola”:

...a atitude das famílias diante da determinação do estabelecimento frequentado mudou radicalmente no curso das últimas décadas. De “usuários cativos”, a quem nenhuma escolha era solicitada, os pais atuais transformaram-se em “consumidores de escola”, a quem incumbe a obtenção do serviço educativo mais adequado a suas demandas, segundo as possibilidades ofertadas no mercado (BALLION *apud* NOGUEIRA, 1998, p. 51).

Buscando entender as expectativas das famílias em relação à escolha da escolarização de sua prole, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, de cunho sociológico e de caráter empírico centrada na fala dos pais. Pretendemos investigar as razões que levaram algumas famílias moradoras do bairro do Méier a optarem por um estabelecimento de ensino católico situado na região.

A escolha por um estabelecimento de ensino católico está associada a uma série de fatores que não podem ser pensados de maneira isolada. Consideramos nesta análise o contexto de vida das famílias, bem como os capitais de que dispõem – capital cultural, econômico e social - associados as suas posições no meio em que vivem.

Através de entrevistas realizadas com um universo de oito famílias cujos filhos estudam no 4º ano, buscamos compreender que tipo de capital cultural e econômico as famílias possuiriam, na medida em que acreditamos que esse patrimônio em muito tenha influído sobre suas escolhas. Porém, também não nos esquecemos do papel que o capital social possa ter desempenhado nesse momento da vida dessas famílias, uma vez que a partir da ideia de rede, teia e de espaços variados de socialização, nos permite compreender que as

redes de relações que os indivíduos, hoje, estabelecem entre si são muito diversificadas e podem ter, muitas vezes, servido como estratégias utilizadas pelas famílias na busca por uma melhor escolarização para seus filhos.

As famílias, nesse sentido, com base em seus diferentes contatos e relações com os outros, poderiam, muitas vezes, fazer uso desse conhecimento a fim de obterem alguma informação ou conhecimento sobre algum estabelecimento de ensino que, por ventura, estejam pensando para matricular seus filhos. Com essas informações poderiam alcançar, segundo eles próprios, uma decisão mais apropriada, já que a opinião de outros pais, além de amigos, parentes ou vizinhos tem um peso significativo na decisão das famílias por uma escola. Nesse caso, ZANTEN (2007), socióloga francesa, afirma que os pais buscam não somente aumentar a base cognitiva de sua decisão, mas, também, a opinião do outro serve de guia para orientar sua ação.

Optamos nesta pesquisa pela análise de um grupo de famílias que, em termos de categorias sociais, se insere entre as classes superiores e as classes populares, por considerarmos a existência de certa invisibilidade em relação aos estudos sobre esse segmento social, já que é composto por famílias extremamente heterogêneas entre si e, portanto, difícil de serem captadas em sua totalidade. Além disso, cabe salientar que essas famílias, ainda, se veriam diante um cardápio bastante variado de escolas que, justamente, teriam como alvo esse diversificado público familiar.

As leituras, inclusive, confirmam que se esse conjunto é composto por uma considerável quantidade de escolas e famílias, é fato de que ainda não se encontra suficientemente investigado dado essa variedade.

Acreditamos, portanto, que o colégio selecionado apresenta certas peculiaridades que justificam sua escolha por um grupo de algumas famílias; o que precisamente pretendemos explorar ao longo deste estudo.

Assim, pensaremos nesse “miolo” das classes médias enquanto um bloco heterogêneo, fragmentado e repleto de ramificações. E seria justamente a falta de homogeneidade desse grupo que imporia uma análise sociológica (qualitativa) a fim de que assim possamos compreender as particularidades e idiosincrasias dos sujeitos inseridos nesse contexto, seus meios familiares, sua realidade, atitudes e escolhas valorizadas, evitando, portanto, pensamentos generalistas.

A relação entre família e escola será aqui estudada a partir da escolha das famílias por um estabelecimento de ensino católico. Devemos, então, considerar ainda que a Igreja

Católica¹, nesse contexto, emerge como uma instituição fundamental, uma vez que através de uma atuação centenária dispõe de seus colégios para disseminar seus valores e perpetuar seu poder no campo educacional.

Entre avanços e retrocessos, inclusive em se tratando de legislações que vigoraram ao longo de várias décadas, contou com alianças que estabeleceu com suas organizações representativas e, especialmente, com seus estabelecimentos de ensino que, através de sua função socializadora buscam formar cidadãos com base em seus pressupostos religiosos.

No entanto, apesar da grande influência do catolicismo na sociedade brasileira, sabemos que outros fatores parecem atualmente contribuir para a escolha de uma instituição confessional que não a religião propriamente dita, fato esse que também pretendemos evidenciar ao longo desta pesquisa.

Através da análise sobre as razões da escolha de um estabelecimento de ensino católico por oito famílias moradoras do Méier, temos, ainda, que considerar algumas questões sobre o mercado escolar da cidade do Rio de Janeiro (COSTA, 2008): o tomamos como um espaço de disputas que pode ser melhor compreendido a partir das escolhas que certas famílias fazem por uma escola católica “comum”² do Méier. Ou seja, entendemos que exista um mercado escolar que, em última instância, estaria expressando uma desigualdade escolar, uma vez que o acesso às escolas da cidade do Rio de Janeiro ocorreria de maneira diferenciada - há escolas privadas, privadas e religiosas e muitas públicas administradas pelo município e, outras poucas, pela união, por exemplo.

Esta pesquisa, justamente, pretende compreender um pouco mais sobre os mecanismos de estruturação desse mercado a partir das famílias que através de suas ações, reforçam a sua própria desigualdade escolar acima citada.

Para que tal proposta seja realizada, dividimos a dissertação em três capítulos e uma consideração final. No primeiro capítulo faremos uma explanação sobre as teorias reprodutivistas da educação, sua concepção de escola e sociedade, bem como um diagnóstico a respeito das novas formas de se perceber essa mesma relação através dos estudos sobre família e escola. Finalmente, ainda, chamamos a atenção para alguns trabalhos que discorrem a respeito da escolha por um estabelecimento de ensino pelas famílias, objeto do nosso estudo.

¹ A partir de agora denominada apenas Igreja.

² A escola escolhida para análise não se encontra no rol das escolas católicas mais tradicionais da cidade, tais como o Colégio Santo Inácio e o São Bento, por exemplo.

No segundo capítulo apontamos para algumas transformações da escola e da família, bem como para a representatividade da Igreja que conta com seus colégios para propagar seus princípios e preservar sua influência educacional na sociedade. Abordamos o poder dos valores religiosos na vida das famílias, assim como os desafios atuais que impõem à Igreja certas adaptações em função de sua luta pela preservação de seu *ethos* escolar. Ao analisar a experiência de escolarização em um colégio religioso tradicional da cidade de São Paulo e sua função educadora na formação da elite paulista, ALMEIDA (2002), inclusive, nos ajuda a compreender a presença e representatividade dessas instituições, que apesar das transformações da sociedade e do passar dos anos, ainda continuam a fazer parte da idealização de educação de muitas famílias. Ainda neste capítulo descrevemos algumas características do bairro do Méier, assim como da escola investigada.

No terceiro capítulo, traçamos um perfil das famílias, seus valores e suas considerações sobre o Colégio Nossa Senhora de Fátima, além de analisarmos as próprias entrevistas realizadas. Antes dessa análise, porém, chamamos atenção para o conjunto das escolas privadas citadas pelas famílias a fim de tanto evidenciar suas opções disponíveis no momento em que realizam suas escolhas, quanto melhor podermos compreender o porque da escolha do Colégio Nossa Senhora de Fátima.

Neste contexto, entendemos que cada família ou grupo de famílias possui estratégias próprias de escolarização que de forma consciente ou inconsciente vão se configurando como um projeto intencional de educação que influencia e define percursos escolares y ou z para seus filhos. Procuramos perceber que estratégias estão em ação na escolha dessas famílias: “A escolha da escola significa um primeiro movimento familiar na construção da trajetória escolar dos filhos” (BRANDÃO, 2010).

Baseando-se nos estudos de NOGUEIRA (1998), nesse capítulo partimos da hipótese de que algumas famílias possuem certo domínio do mercado escolar e, por isso, escolhem um estabelecimento de ensino com características específicas. Acreditamos, ainda, que o fator religioso constitui aspecto relevante na escolha das famílias por esse tipo de estabelecimento, embora também possamos afirmar que essa variável encontra-se agregada a outros diferentes critérios, que não o da religiosidade em si.

Procuraremos, ainda, mostrar que a partir de uma nova relação que as famílias estabelecem com a escola, aquelas se veem cada vez mais pressionadas a escolher o que para elas seria uma boa escolarização para seus filhos. Porém, como os capitais são desigualmente distribuídos entre essas famílias, de acordo com o grupo a que pertencem, suas escolhas,

critérios e estratégias seriam influenciados por essas condições. Ou seja, desiguais posses de capitais implicam em desiguais possibilidades de efetivação das escolhas.

Nessa perspectiva, NOGUEIRA (1998) considera os pais das classes médias os mais aptos para o ato de escolha pelo conhecimento que demonstram do universo escolar e pela posse de capital cultural e social que lhes serve de subsídios para efetivação de suas escolhas. Enfim, procuraremos confirmar essa hipótese por meio das entrevistas e, ainda, ao observar um pouco as trajetórias de vida, os percursos escolares e os valores dessas famílias, buscaremos compreender a gênese das disposições, o *habitus* que se forja no âmbito das múltiplas socializações das famílias ao longo de suas vidas e que se encontram diretamente relacionados às diferentes visões de mundo e às ações desses mesmos agentes; ou ainda, as escolhas que fizeram por x ou y estabelecimento de ensino.

Nas considerações finais procuraremos, principalmente, destacar os aspectos relevantes obtidos das entrevistas, e mesmo apontar alguma discussão que o próprio estudo tenha suscitado e que, nesse caso, poderia ser aprofundada em outro momento.

1. OS DESAFIOS DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE

A relação entre escola e desigualdade social constitui-se em um tema clássico da Sociologia da Educação. Entretanto, essa discussão tem se aprofundado gerando a possibilidade de inúmeras abordagens que muito já se distanciam das análises reprodutivistas sobre a escola (SILVA, 1990).

Essa evolução tem, inclusive, indicado a riqueza dos estudos sobre escola e família, na medida em que explicitam questões, muitas vezes, invisíveis, caso estejamos entendendo o problema de forma bastante generalizante e impessoal.

Portanto, este capítulo pretende mostrar como esses trabalhos ao ultrapassarem a análise de classe que permeava a compreensão sobre a escola e a desigualdade social permitem outra leitura sobre essa mesma questão.

1.1. A reprodução: um princípio da Sociologia da Educação crítica

A Sociologia crítica inaugura um novo paradigma ao afirmar que a escola reproduz a desigualdade social. De maneira plural sua análise procura criticar a perspectiva funcionalista, bem como propor uma análise de classe sobre a escola.

Explicitando melhor essa afirmação, encontramos através de SILVA (1990) e FREITAG (2007) as teorias da reprodução cultural representadas, sobretudo, pela obra de BOURDIEU & PASSERON publicada em 1964 que, apesar de reprodutivistas, conferem à escola certa margem de independência em relação à esfera da vida material, e pelos escritos de ALTHUSSER, BAUDELLOT & ESTABLET e BOWLES & GINTIS, da década de 1970, que, marxistas, enfatizam a participação do aparelho escolar na reprodução das relações sociais de produção.

Difundidas no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, essas teorias se sobrepõem à corrente sociológica preponderante até então que considerava a escola como uma instituição justa e acessível a todos. Para essa concepção, que domina a Sociologia da Educação até os anos 1950, o sistema de ensino é concebido a partir de uma homogeneidade que implica as mesmas oportunidades educacionais aos indivíduos, que competiriam em condições iguais dentro desse sistema.

A base desse pensamento funcionalista entende a escola como instância de formação social. Prevalece a visão de que através da educação o indivíduo supera sua natureza egoísta e se torna um ser social, em condições de viver em sociedade. A educação constituir-se-ia, então, em um mecanismo de correção e ajustamento do indivíduo às estruturas societárias dadas (FREITAG, 2007).

Os fundamentos dessa teoria podem ser encontrados nas ideias que DURKHEIM (1858-1917) possuía sobre a educação que, segundo ele, seria definida como um fato social que se imporia coercitivamente ao indivíduo. Normas, regras e valores da sociedade seriam internalizados e reproduzidos por ele (*idem*, 2007) em função da crença de que nasceria em um grupo social que já possuiria um *ethos*, valores e linguagem próprios. Restaria, então, à criança passar por um processo de inculcação que, em última instância, seria a reprodução dos valores sociais na escola.

Nessa perspectiva, a imposição de valores e comportamentos já postos na sociedade mostraria a própria força da estrutura social e, ao mesmo tempo, indicaria que caberia a cada indivíduo uma função pré-determinada em um espaço social já estruturado para além de sua vontade. A sociedade funcionaria, assim, como uma engrenagem, um relógio ou, ainda, como uma forma de organização com funções bem definidas que, inclusive, impediriam algum tipo de interferência por parte desse mesmo indivíduo.

Ao considerá-la como um conjunto sistêmico, composto por indivíduos interligados que garantiriam seu funcionamento harmonioso, a escola, nesse caso, se constituiria em uma instituição fundamental para garantir o equilíbrio social, condição indispensável de ser atingida, de acordo com os pressupostos funcionalistas.

Ao criticarem essa visão harmônica tanto da sociedade quanto da escola proposta por DURKHEIM, as teorias da reprodução constroem outra interpretação sobre essa questão. Apontam para uma análise que deve estabelecer uma relação entre escola e classe social, uma vez que os defensores desse ponto de vista consideram que a escola reproduz a desigualdade e que as oportunidades são diferenciadas de acordo com o lugar que os indivíduos ocupam na estrutura social. Assim, os filhos de operários teriam uma escolaridade de curta duração e seriam destinados a trabalhar nos postos mais simples da divisão social do trabalho, sem perspectivas de ascensão, enquanto os filhos da burguesia chegariam até a universidade e ocupariam os cargos de maior prestígio: “Eis aqui a contribuição fundamental desta nova Sociologia da Educação - uma análise de classe no interior da escola” (BAUDELLOT, 1991, p. 32).

Essa concepção reprodutivista acredita que a escola deva ser entendida como uma instância reprodutora da desigualdade social, servindo ao sistema capitalista. ALTHUSSER (*apud* FREITAG, 2007) a concebe como um dos aparelhos ideológicos do Estado que tem como objetivo sua conformação segundo a ordem estabelecida e as hierarquias sociais já pré-definidas. Ou seja, a escola contribuiria para a inculcação da ideologia dominante, uma condição de classe, sujeitando os indivíduos ao esquema de dominação vigente.

Segundo o autor, a escola, então, transmitiria as formas de justificação da divisão do trabalho, levando os indivíduos, segundo sua classe social, a aceitarem, sem questionar, sua condição de explorados e/ou exploradores. Cumpriria, conseqüentemente, uma função estratégica de dominação nas mãos da classe dominante (FREITAG, 2007, p. 66).

Portanto, os aparelhos ideológicos do Estado, como a família, a Igreja, os meios de comunicação e, especialmente, a escola funcionariam como veículos de transmissão dos valores e princípios da sociedade sob a ótica das classes dominantes, ideias estas que reforçam a posição subordinada de uma parcela da população nas relações sociais de produção (SILVA, 1990):

A escola é, para Althusser, o Aparelho Ideológico de Estado dominante. Ela transmite as ideias dominantes tanto através dos conteúdos escolares que mais se prestam a isto (como Estudos Sociais, Educação Moral e Cívica, etc) quanto através de matérias menos suspeitas, como Matemática, por exemplo, ou ainda através de rituais e práticas que corporificam a perspectiva dominante de sociedade (p.159).

Outra leitura possível dentro dessa perspectiva reprodutivista é a de BAUDELOT (1991). O sociólogo defende que a função da escola dentro do sistema capitalista é a de preparar mão de obra para o mercado de trabalho. Aquela funcionaria, então, como um instrumento do sistema social, lugar onde se encontraria a gênese de todas as desigualdades da escola; ou seja, para o sociólogo, as desigualdades se localizam fora da escola, já que seriam urdidas pelo próprio sistema capitalista.

BAUDELOT (*idem*), portanto, parte do pressuposto de que existiria uma segregação na esfera do trabalho gerada pela própria divisão social do trabalho. Ainda acredita que essa estrutura de mercado incidiria tanto sobre a forma de funcionar da escola quanto na separação, em duas vias, que existiria no seu próprio interior. À escola restaria, então, formar mão de obra qualificada para exercer determinadas funções na esfera do trabalho, bem como mão de obra menos qualificada para atender outras atividades menos valorizadas: “A escola

capitalista divide as crianças porque a divisão capitalista do trabalho exige que os trabalhadores intelectuais sejam separados dos trabalhadores manuais” (*idem*, 1991, p.37). Ou seja, opera no reforço da desigualdade, cuja origem se encontra na organização capitalista do trabalho:

A divisão capitalista do trabalho, a exploração dos trabalhadores, a extorsão da mais-valia, a desqualificação do trabalho, o temor do desemprego, o exercito industrial de reserva, a separação crescente entre trabalho intelectual e trabalho manual, eis aqui as verdadeiras causas que permitem explicar a estrutura e o funcionamento da escola capitalista. As razões de sua separação em duas vias de escolarização e a divisão que opera entre as crianças, é necessário buscá-las na organização capitalista do trabalho, isto é, fora da escola (BAUDELLOT, 1991, p.37).

Afastando-se tanto de uma teoria sobre o Estado proposta por ALTHUSSER quanto da abordagem economicista de BAUDELLOT, a obra de BOURDIEU & PASSERON, apesar de se enquadrar em uma perspectiva reprodutivista, nos dá margem para outras leituras mais atuais, como veremos abaixo (SILVA, 1990).

Para eles, a reprodução é analisada, sobretudo, no campo cultural: “São formas de relação com a cultura dominante que são reproduzidas” (*idem* p. 158). Ou seja, nos mostram o papel ativo da cultura na produção da reprodução social que, por sua vez, se efetivaria no interior das relações simbólicas que assim como as relações materiais também distribuiria os indivíduos hierarquicamente na sociedade.

Nessa perspectiva, as relações simbólicas ao serem determinadas pela cultura dominante/legítima fariam com que essa apenas essa cultura fosse assim reconhecida e afirmada pela instituição escolar. A herança cultural, que varia de acordo com as frações e grupos sociais, seria, então, apontada como a responsável pelas diferenças entre as crianças em relação à experiência escolar e as taxas de êxito na escola, já que a cultura dominante/legítima seria basicamente adquirida por familiarização, ou seja, deve ser entendida como algo herdado.

Entretanto, apesar dessas contradições, afirmam que a instituição escolar desconsideraria as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais, tratando-os por mais desiguais que fossem, como iguais em direitos e deveres:

Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona e consagra as

desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima (BOURDIEU, 1998, p. 58).

A norma culta da linguagem valorizada pela instituição escolar se apresenta como um bom exemplo dessa operação realizada pela escola e que, nesse caso, acaba privilegiando alguns em detrimento de outros. Por exemplo, as crianças das classes mais desfavorecidas ao apresentarem pouca familiaridade com o universo escolar, em última instância, teriam mais dificuldades para acompanhar e cumprir as exigências escolares impostas. Precisariam se esforçar mais para serem notadas por seus professores e, ainda, construiriam uma imagem de si marcada pela vergonha, submissão e fracasso.

Alguns estudos, inclusive, salientam que se a escola não as valoriza também não lhes fornece o devido suporte para que assim possam construir sua trajetória escolar de modo mais estável. Mostram, ainda, que a família, muitas vezes, por não valorizar aquilo que a escola acredita ser relevante - a cultura legítima/dominante - contribui para a própria exclusão escolar de seus filhos. Excluídas do processo de aprendizagem, LAHIRE (1997) nos mostra seus efeitos no processo de aprendizagem das crianças. Utiliza-se do termo “solidão” para descrever o sentimento dessas crianças na escola:

De certo modo, podemos dizer que os casos de “fracassos” escolares são casos de solidão dos alunos no universo escolar: muito pouco daquilo que interiorizaram através da estrutura de coexistência familiar lhes possibilita enfrentar as regras do jogo escolar (os tipos de orientação cognitiva, os tipos de práticas de linguagem, os tipos de comportamentos... próprios à escola), as formas escolares de relações sociais (p. 19).

Colaborando com essas ideias, SILVA (1990) considera que a pedagogia da instituição escolar seria uma espécie de enigma, de mensagem cifrada, escrita em uma linguagem capaz de ser decifrada somente por aqueles que receberam a chave para decifração em outro local, ou seja, na família (p. 160).

Dentro desse ciclo fechado, cada família transmitiria a seus filhos todo um sistema de valores e *ethos* definidos como herança cultural que passaria de geração para geração. Ao nascer, portanto, a criança já estaria fixada em um grupo, com valores já interiorizados, esquemas e formas próprias de perceber o mundo e de se relacionar com as instituições. Ou seja, cada criança de acordo com sua origem de classe já teria o seu *habitus* pronto para ser

acionado e transmitido. Dependendo do tipo de *habitus* herdado, na escola, transformar-se-ia ou não em capital cultural.

Nessa perspectiva, segundo FREITAG (2007), BOURDIEU & PASSERON partem de uma análise crítica da sociedade capitalista, especialmente da sociedade francesa do século XX. Destaca que para eles o sistema educacional francês desempenharia uma dupla função, a da reprodução cultural e social. Assim, acreditariam que a dualidade desse sistema na qual eram oferecidas duas escolas - as escolas para a elite e as escolas para o povo - não teria ainda superado o quadro de segregação e seleção de seus alunos.

Aparentemente unificado nos dias atuais, possibilitaria a alguns a ascensão aos níveis superiores de ensino, enquanto que a outros seriam oferecidos outros sistemas, menos prestigiados, como justificativa de sua exclusão. Sendo assim, segundo ambos os autores, os indivíduos ocupariam posições diferenciadas e mais ou menos privilegiadas na estrutura social em função do volume e da natureza dos seus recursos não apenas materiais, mas também, simbólicos.

Nesse caso, se para BOURDIEU o sistema de ensino é definido como um importante sistema de reprodução sociocultural, residiria justamente aí a especificidade de sua teoria: a escola premia as diferenças de capital cultural que os estudantes por ventura possam trazer do seu meio familiar, como também seria em função dessas diferenças que o sistema escolar exerceria uma ação arbitrária sobre as crianças oriundas dos meios desfavorecidos (ALVES, 2008). Assim, para o autor, a escola passa a ser entendida como o mecanismo central de legitimação das diferenças de classe.

Como podemos perceber, de acordo com o quadro exposto acima, a passagem de uma Sociologia não crítica para uma Sociologia crítica pressupõe uma inversão de perspectiva, impulsionada por uma reinterpretação do papel dos sistemas de ensino na sociedade: “Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, BOURDIEU passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais” (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2004, p. 13).

Entretanto, se o foco da análise acima se concentra na escola enquanto instituição abstrata, perspectiva pouco útil para os estudos atuais, na medida em que a diversidade e fragmentação social nos impedem de construir afirmações muito genéricas, o conceito de *habitus*, de BOURDIEU, nos abre a possibilidade de pensarmos a ação do indivíduo dentro desse contexto e, nesse sentido, nos permite avançar em nossas reflexões.

O *habitus* enquanto disposição para agir, ao orientar os comportamentos dos agentes e ao mesmo tempo interferir na forma como esses mesmos agentes percebem o mundo dá

margem para que se percebam as escolhas, gostos e preferências de certos grupos ou frações de classe. Nesse movimento, então, seria possível detectar algumas propriedades que, em última instância, corresponderiam a sua posição social específica. De outro lado, essas ações também seriam vistas apenas como tendências para agir de uma determinada forma ou de outra.

Assim, se o *habitus* forma um conjunto de disposições que precisam ser adaptadas pelo agente em cada conjuntura específica de ação (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2004), pressupõe pensarmos que se refere a um conceito que pode ser empregado em análises menos abstratas sobre a escola e a desigualdade social. Dar-nos-ia, então, a oportunidade de realizarmos mais do que uma simples análise de classe; permitira agregarmos outras variáveis às nossas abordagens. E no caso do nosso estudo, seria importante salientar que através do *habitus* das famílias em foco, seremos capazes de perceber de modo mais facilitado os determinantes das escolhas das escolas que fazem para seus filhos.

Ressaltamos, portanto, que apesar de reprodutivista, BOURDIEU tem servido de base para muitas análises dessa nova Sociologia (NOGUEIRA e outros autores franceses). Tem permitido a produção de inúmeros trabalhos que, inclusive, fundamentam esta dissertação.

No entanto, principalmente, nos anos 1990, a perspectiva reprodutivista é criticada e de modo geral superada. Uma nova onda de estudos sociológicos passa a levar em conta a ação dos indivíduos em suas análises: a sociedade já bastante fragmentada e com um público escolar igualmente diversificado, bem como seu sistema escolar, exigem uma análise mais encarnada. Supera-se a ideia tradicional da análise de classe e se passa a pensar a classe social como algo também fragmentado, composto por diferentes grupos e frações. Concepção essa, inclusive, já enunciada por BOURDIEU, na medida em que difere capital econômico de capital cultural.

Para justificar esse pensamento, LAHIRE (2008) aprofundando as ideias de BOURDIEU, chama a atenção para a realidade fragmentada e os múltiplos contextos de socialização pelos quais transitamos nos dias atuais. Nessa forma de perceber o social, ganha relevância o conceito de configuração social (ELIAS, 1994) que se refere aos diversos espaços sociais, como a escola, a Igreja, o bairro, a vizinhança e a família, pelos quais circulam os indivíduos ao longo de sua vida.

Além disso, passam a ser considerados os contatos mais ou menos duradouros com pessoas, situações e instituições diversas que, em última instância, exprimiriam as marcas que os indivíduos carregam ao longo de suas vidas. Expressariam os traços da heterogeneidade que modelam seus comportamentos e formas de agir no mundo.

Ao valorizar essa pluralidade de experiências socializadoras que cruzam as trajetórias dos indivíduos, LAHIRE, ainda influenciado por BOURDIEU, nos auxilia a compreender que as confluências, muito variadas, geram certas disposições para agir e, inclusive, realizar escolhas.

Fruto de socialização anterior, as disposições, portanto, devem ser entendidas como algo que o passado sedimentou e que, de alguma forma, se converteu em maneiras mais ou menos duradouras de ver, sentir e agir, mas que apenas poderão ser percebidas caso sejam convertidas em ação prática ou experiência vivida (*idem*, p.27).

Para o autor, as escolhas podem ser vistas como o resultado da interação entre a pluralidade das influências externas provenientes das diferentes relações sociais que se estabelecem entre as pessoas e a pluralidade das competências, apetências e disposições internas (*idem*, p.36).

Nesse estudo, acreditamos que LAHIRE complementaria os pressupostos teóricos de BOURDIEU ao evidenciar que as identidades contemporâneas se apresentariam de modo bastante fracionado, já que seriam fruto de uma sociedade cada vez mais plural e diversificada. Com sua Sociologia do Indivíduo (2006, 2008) destaca que o conceito de disposição, produto da socialização, permite entendermos o processo de interiorização/exteriorização do social ou de incorporação/prática dos hábitos, dos modos de fazer, de ver e de sentir como algo também plural, ou ainda, como tendências a agir.

Fazendo parte de uma época posterior à de BOURDIEU (1930-2002), ao contrário desse autor que se preocupa com as permanências, o que se mantém e se reproduz na sociedade, LAHIRE busca compreender as diferenças, considerando que a pluralidade de socializações gera disposições para agir. Tenta entender que o indivíduo contemporâneo, multifacetado, transita por diversos espaços ao mesmo tempo e, portanto, seria o resultado dos múltiplos processos de socialização que vivencia. Para ele, a heterogeneidade só pode ser pensada ao olharmos a sociedade através do indivíduo:

Estudar o social individualizado, isto é, o social refratado em um corpo individual – cuja peculiaridade é atravessar os diferentes grupos, instituições, campos de forças e de lutas e cenas – é estudar a realidade social sob a forma incorporada, interiorizada (*idem*, 2008, p. 375).

Nesse caso, as análises atuais em muito se beneficiam com essa perspectiva teórica, já que por salientar a propensão para agir, ou seja, uma possível tendência ou inclinação para a ação, deseja frisar que os sujeitos se inter relacionam com um conjunto cada vez mais variado

de pessoas que, nesse caso, geraria neles mesmos múltiplas possibilidades para agir ou atuar. Podemos dizer, por exemplo, que um filho de operário se tornou operário, dando uma continuidade relacionada ao *habitus*. Porém, pode ser também que um filho de operário tenha outras socializações ao longo da vida que ao lhe apresentar situações novas permite que almeje caminhos diferentes de seu *habitus* de origem (p. 383).

Sendo assim, acreditamos que as contribuições de LAHIRE possam nos ser bastante úteis. Estariam nos permitindo entender as escolhas a partir da multiplicidade de experiências a que as famílias estariam sujeitas; pressupondo, então, defini-las como o resultado de uma combinação quase “infinita” de percepções.

Esta dissertação, inclusive, possibilita que notemos o quanto as famílias, mais autônomas, buscam de forma ativa a melhor escolarização para seus filhos. Entendemos que as opiniões das mães entrevistadas, inclusive, expressem essa realidade matizada, conforme a concepção de LAHIRE.

Por meio dessa explanação percebemos como já nos distanciamos da perspectiva reprodutivista que tinha como pressuposto uma visão muito generalizante da escola. Indicamos que se faz necessário incluir os indivíduos em nossas análises, já que a realidade social multifacetada sugere que as escolhas estejam cada vez mais variadas e plurais e, portanto, exigindo, análises cada vez mais pontuais.

1.2. As novas perspectivas de análise e a relevância dos estudos sobre escola e família

Ao nos distanciarmos das análises sobre a reprodução surgem outras perspectivas teóricas que podem ser percebidas por meio de uma produção nacional já bastante sofisticada. Alguns autores brasileiros, mergulhados em uma detalhada pesquisa empírica, têm, inclusive, formulado algumas questões que especificamente se vinculam às relações entre família e escola.

Em se tratando dessas produções, pode-se dizer que enquanto KOSLINSKI (*apud* RIBEIRO & KAZTMAN, 2008) e ALVES (2008) percebem o bairro como uma instância socializadora e produtora de desigualdades sociais, identificando a estratificação educacional, bem como a estratificação residencial nesse contexto, COSTA (2008), voltando o olhar para o

mercado das escolas e reconhecendo a heterogeneidade presente nesse mesmo mercado, constrói uma análise comparativa entre as escolas públicas do município do Rio de Janeiro.

Os três, entretanto, apesar de suas diferenças, procuram levar em conta as práticas culturais das famílias, seus hábitos e gostos, suas aspirações e expectativas, suas crenças religiosas e seu capital social.

ALVES (2008), por exemplo, faz uma análise interessante ao destacar que a organização espacial das grandes cidades brasileiras traz uma diferenciação de classes sociais marcada por uma segregação física e simbólica. Utilizando o termo “distância social” para se referir aos diferenciais socioeconômicos entre os grupos, a autora destaca que esses espaços onde vivem os indivíduos geram diferenças de atributos, recursos, expectativas, poder e *status*.

Considerando ainda essas diferentes e novas formas de pensar a relação entre família e escola, notamos que os estudos são tão amplos que mostram como as elites, classes médias e populares lidam de forma variada com a escolaridade de seus filhos.

Além disso, muitos desses estudos são sobre trajetórias escolares, indicando, conforme já enunciado acima, uma preocupação em colocar foco nos indivíduos ou grupos de indivíduos a fim de que as análises deixem de ser abstratas. Exemplos dessa iniciativa podem ser notados por meio de duas publicações bem sucedidas sobre o tema: *Família e Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*, organizado por MARIA ALICE NOGUEIRA, GERALDO ROMANELLI & NADIR ZAGO, em 2003, e *A escolarização das elites: Um panorama internacional da pesquisa*, organizado por MARIA ALICE NOGUEIRA & ANA MARIA ALMEIDA, em 2002.

De outro lado, BRANDÃO & LÉLLIS (2003) ao abordarem o sucesso escolar nas elites através da observação de suas práticas educacionais, analisam tanto o trabalho da escola, como a ação familiar, ancorada no patrimônio cultural acumulado pelo grupo em questão. Para o desenvolvimento de seus estudos, trabalham com entrevistas que auxiliam na caracterização dos pais no que se refere ao seu volume e estrutura de capital econômico e informacional, escolarização dos filhos, formas de acompanhamento escolar e investimentos educativos das famílias (p. 510).

Reconhecemos, portanto, o papel fundamental do capital cultural familiar nas condutas de escolha, em particular do capital de informações sobre o funcionamento do sistema de ensino. Como percebemos, o capital cultural juntamente com o volume e a estrutura do que BRANDÃO & LÉLLIS (2003) denominam de capital informacional - as desiguais possibilidades de cada grupo social de acessar informações sobre a forma de funcionar do

sistema de ensino - aperfeiçoariam as escolhas e estratégias desenvolvidas no processo de escolarização dos filhos.

Dentro dessa nova perspectiva analítica, os estudos sobre as classes médias são bastante variados, conforme a natureza desse agrupamento social.

ROMANELLI (2003), um dos autores da primeira publicação acima citada, chama atenção para a relevância da ligação entre família e escola ao analisarmos as famílias de camadas médias, na medida em que nos mostra o quanto esse agrupamento social possui estratégias de escolarização bastante específicas. Considera, ainda, a família como a principal unidade de reprodução social, ou seja, de relações sociais e transmissão dos diversos tipos de capital (simbólico, econômico, cultural, social e escolar) (p.104).

NOGUEIRA (1998), autora fundamental para esta dissertação, aborda a escolha por um estabelecimento de ensino em um de seus trabalhos, ressaltando que essa escolha se encontra intimamente associada à posse dos principais tipos de capitais (capital econômico, cultural, social e simbólico) pelas famílias.

De acordo com a pesquisadora as classes médias por possuírem uma postura mais ativa e reflexiva de mobilização, teriam comportamento estratégico no momento de escolher a instituição mais adequada para seus filhos; claramente indica-nos a construção de um projeto de futuro em termos de escolarização. Citando BALLION (*idem*): “é nas classes médias que os pais manifestam maior dinamismo na busca de informação, e são eles que têm acesso ao maior número de fontes de informação” (p. 7).

Segundo esses autores, o nível de escolaridade dos pais é considerado como um importante fator para se pensar o capital cultural dessas famílias. Entendemos, no entanto, que apesar do fator escolaridade dos pais interferir na mobilização das famílias, há que se destacar que mesmo os pais com menor escolaridade ou piores condições de empregabilidade demonstram possuir certas estratégias de escolarização ao vislumbrar tanto um projeto de futuro para seus filhos quanto um desejo de prolongar seu percurso escolar (NOGUEIRA, 2010).

Assim, podemos dizer que as segmentações existentes no interior das classes médias não são tão nítidas, o que nos impede de fazer afirmações generalistas e fechadas; ou ainda, se não devemos criar rótulos e categorias rígidas para a análise sobre as famílias, precisamos, então, de cuidados ao lidar com o tema das classes médias.

Ainda a respeito dos estudos sobre as classes médias, mais especificamente aqueles que tratam de sua estratificação interna, cabe ressaltarmos a consideração de NOGUEIRA (1994) a propósito das opiniões de alguns autores, como VALDIR QUADROS (*apud*

NOGUEIRA, 1994) que define as classes médias de acordo com as ocupações de nível médio e/ou de nível superior de escolaridade: a classe média e a baixa classe média seriam aquelas compostas por técnicos de nível médio, auxiliares de escritório, balconistas, caixas, etc. e a classe média superior seria composta pelas ocupações técnicas e científicas de nível superior, como administradores, gerentes, etc (p. 136). Ou seja, para QUADROS a classe média seria dividida em duas frações: a baixa classe média e a classe média superior que são na sua totalidade definidas de acordo com a ocupação do indivíduo. Se essa for de nível médio, ele pertenceria à classe média baixa ou, simplesmente, classe média, e caso a ocupação seja de nível superior, ele faria parte da classe média superior.

Para o sociólogo JESSÉ DE SOUZA (2010), o conceito de classe média também exige discernimento e pode ser entendido segundo sua própria diversidade interna: como uma fração de classe heterogênea que se define de acordo com sua escolaridade, profissão, origem social, *ethos*, capital cultural, etc. Dentre as várias possibilidades, em seu interior existiria uma parcela que peculiarmente denomina de “a nova classe trabalhadora”, ou melhor, “a nova classe média”.

Para o autor, essa fração, apesar de ter se beneficiado com a melhora da economia e, nesse caso, ter alcançado um maior poder de compra, ainda não seria parte da classe média tradicional, que estuda nos colégios mais bem pagos e tem acesso às melhores opções de lazer e cultura. Logo, essa chamada “nova classe média brasileira” seria, na verdade, uma “nova classe trabalhadora” que teria hábitos de consumo, valores e gostos bastante específicos. Definir-se-ia como uma fração de classe que ao incorporar uma relativa quantidade dos capitais mais importantes da sociedade moderna - capital econômico e capital cultural -, transforma suas próprias opções política, econômica, social, cultural e educacional em um campo de investigação bastante fértil.

A partir dessas considerações, algumas inquietações vieram à tona. Primeiro a tomada de consciência de que as famílias investigadas compõem um agrupamento social bastante diversificado que varia conforme seu capital social, econômico e cultural, residência e *ethos*, por exemplo. A partir daí os questionamentos: Como selecionam a escola para seus filhos, aqueles pais que têm maiores possibilidades de escolher, mas que não se inserem nem nas camadas populares, nem nas elites ou classes médias tradicionais? Que fatores encontram-se associados a suas escolhas? O capítulo três desta dissertação, que trata especificamente da empiria, procurará elucidar um pouco mais essas questões.

Os trabalhos que constaram de minha revisão bibliográfica também evidenciam que as transformações das relações entre as classes sociais e o sistema de ensino resultariam da

massificação das oportunidades de escolarização, acompanhada de uma maior competitividade escolar, o que levou as famílias, especialmente as das classes médias, a uma corrida em busca de títulos escolares mais rentáveis e capazes de assegurar ou elevar a sua posição social no grupo a que pertencem (NOGUEIRA, 2010). Mostram o quanto os certificados escolares ganham destaque nesse cenário, na medida em que se transformam em competentes meio de ascensão social. Enfim, os estudos evidenciam que o diploma e o sistema escolar se tornam objeto privilegiado de uma concorrência entre as classes, contribuindo para aumentar a demanda por educação:

Daí decorre sua preocupação e mobilização com vistas à instalação do filho na sociedade. Ocorre que, em nossos dias, o destino ocupacional, a posição e as possibilidades de ascensão social estão estreita e crescentemente associados ao sucesso escolar e à sua forma institucionalizada de certificação, isto é, à obtenção do diploma (NOGUEIRA, 1998, p. 98).

ROMANELLI (2003) destaca que a herança do capital transmitido pelas famílias volta-se hoje a uma grande preocupação com a escolaridade dos filhos, uma vez que o capital escolar tornou-se um importante veículo de ascensão e perspectiva de futuro:

O capital econômico não é o patrimônio mais importante transmitido pela família; atualmente, o capital escolar é o dominante (Singly, 1993), o que explica o investimento das famílias na escolarização dos filhos. (ROMANELLI, *idem*, p. 104)

De acordo com BOURDIEU (1998), como o capital econômico não é mais suficiente, as famílias investem cada vez mais no capital escolar, visando à manutenção/ascensão da sua posição social. Essa reconversão diz respeito ao investimento das famílias que se empenham na transformação de uma espécie de capital em outro mais rentável. E para assegurar sua reprodução, as frações das classes dominantes e das camadas médias teriam que aumentar fortemente suas ações sobre o sistema de ensino. Neste contexto, BOURDIEU (*idem*) nos ajuda a pensar sobre as atitudes das famílias quando afirma que:

As estratégias de reprodução e, em particular, as estratégias de reconversão pelas quais os indivíduos ou as famílias visam a manter ou a melhorar sua posição no espaço social, mantendo ou aumentando seu capital ao preço de uma reconversão de uma espécie de capital numa outra mais rentável e/ou mais legítima (por exemplo, do capital econômico em capital cultural), dependem das oportunidades objetivas de lucro que são oferecidas aos seus

investimentos num estado determinado dos instrumentos institucionalizados de reprodução (estado de tradição e da lei sucessorial, do mercado de trabalho, do sistema escolar etc.) e do capital que elas têm para reproduzir (p. 147).

Nessa perspectiva, o sociólogo constata a existência de certas estratégias de reprodução das elites que, explícita ou implicitamente, têm o objetivo de dominar o mercado escolar universitário dos cursos e carreiras mais prestigiados (1998). Assim, o espaço social seria marcado pelas estratégias dos indivíduos, dos grupos, classes e/ou frações de classe que de acordo com seus projetos visam manter sua posição relativa ou, ainda, ascender a uma posição social superior.

Considerar, no entanto, que a ascensão social é possível a todos seria acreditar que ela só depende do esforço e da competência dos indivíduos, o que mascara as enormes limitações das condições de classe, bem como das desigualdades de oportunidades. E, nesse caso, entendemos que as diferentes oportunidades de escolarização, consideradas para muitas famílias das mais diferentes origens sociais, como o principal instrumento da ascensão social, seria, justamente, outra forma de se perceber essa desigualdade. Assim, as oportunidades de escolarização oferecidas pelo sistema educacional em seus diversos graus diferem de acordo com as famílias que, nesse caso, se encontram em diferentes condições sociais (ROMANELLI, 1995).

Estudos sobre as classes populares, entretanto, nos mostram que, ao invés de um projeto de ascensão/mobilidade social, o mais adequado seria considerar que estariam buscando um projeto de participação social, dadas as condições objetivas de vida dessas mesmas famílias:

Dadas as brutais condições de exclusão vigentes para boa parte da população na sociedade brasileira, em que as condições de vida já estão absolutamente mercantilizadas, é de se questionar se reivindicar o acesso à educação, à moradia, à saúde e ao trabalho, rigorosamente, pode ser considerado “ideal de ascensão social”. Dado que a escolarização formal significa também capacitação profissional e que a casa própria constituiria uma garantia mínima numa vida cheia de incertezas, é bem possível considerar estes projetos de vida familiar antes como *projetos de participação social* do que propriamente de mobilidade (BILAC, 1995, p. 54).

ZAGO (2003), ao estudar as trajetórias escolares das camadas populares também descobre situações específicas do agrupamento investigado. Mostra que seus percursos são fortemente marcados por interrupções, atrasos e repetências, caracterizando itinerários

bastante irregulares. O projeto de uma carreira escolar é raramente feito, devido às poucas possibilidades de um futuro escolar prolongado, como mencionado anteriormente.

A autora, no entanto, embora reconheça o peso das condições socioeconômicas sobre a definição do futuro escolar e social de seus entrevistados, também enfatiza que essa relação não se dá de forma mecânica ou determinista. A mobilização familiar voltada para as atividades escolares dos filhos, as práticas de socialização e a transmissão de valores, por exemplo, constituem elementos que podem influenciar esses percursos, inclusive, alterando-os. Sendo assim, mesmo em condições socioeconômicas similares podem-se identificar percursos diferenciados.

ZAGO (*idem*) também destaca que o futuro escolar dos indivíduos das camadas populares é sempre pensado na perspectiva de conciliação entre estudo e trabalho. Com isso, a escola serviria como um meio importante para obtenção de diploma necessário para melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Caracteriza como frágil a relação com a escola, fruto de diversos acidentes de percurso: reprovações, sentimento de discriminação, mudanças frequentes de estabelecimento de ensino e constantes interrupções (p.31). A frequência à escola depois do ingresso do indivíduo no mercado de trabalho, segundo a socióloga, exigiria disponibilidade de tempo, mobilização e muita força de vontade, o que para muitos constituem grandes desafios.

Os percursos escolares das camadas populares também se associam aos estudos de VIANA (2003) e PORTES (2003) na medida em que investigam os fatores que envolvem os casos de sucesso escolar nessas famílias.

PORTES (*idem*) ao discorrer sobre o trabalho escolar das famílias que conseguem a inserção de seus filhos nas universidades públicas e nas carreiras de maior prestígio e mais seletivas, como Medicina e Direito, destaca que esses alunos fazem parte de uma “improbabilidade estatística”, pois na maior parte das vezes esse investimento é precário, uma vez que se encontram presos às condições materiais de sua existência, bem como cercados por muitos obstáculos, inclusive, de ordem cultural, dadas as suas difíceis situações de sobrevivência, tais como baixa renda, trabalho instável, moradia precária, dentre outros aspectos.

COSTA e KOSLINSKI (2006) também discutem essa questão ao desenvolverem uma pesquisa que objetiva perceber as aspirações educacionais e expectativas de jovens em relação à escola. Buscam investigar o valor atribuído à instituição escolar, considerando os aspectos a que esse valor poderia estar associado. A constatação é a de que haveria uma possível perda do valor da escola para o grupo pesquisado, podendo ser observado certo distanciamento entre

o universo escolar e as aspirações do grupo pesquisado. De acordo com os autores, diversos são os fatores que poderiam estar relacionados a esse fato, como as oportunidades escolares desiguais:

Por fim, as expectativas depositadas sobre a frequência a escola, sobre as possibilidades dela decorrentes compõem um quadro geral no qual condicionantes estruturais (oportunidades economicamente condicionadas) e experiências singulares devem ser cotejados. Nosso desafio é desvendar se o retraimento das oportunidades de inclusão social exerce papel relevante sobre as representações do papel da escola, o que se manifestaria principalmente sobre aqueles segmentos em maior desvantagem naquele primeiro aspecto (p. 136).

Concordando com esse pensamento, BOURDIEU (1998) destaca que as escolhas estão sempre associadas às condições objetivas de vida das famílias, à sua posição social. “[...] as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível” (p. 47). Assim, se acredita que a estrutura das oportunidades objetivas de ascensão social através da escola condiciona as atitudes, também defende que a realidade objetiva ao ser interiorizada é transformada em esperanças ou desesperanças subjetivas:

De maneira geral, as crianças e suas famílias se orientam sempre em referência às forças que as determinam. Até mesmo quando suas escolhas lhes parecem obedecer à inspiração irreduzível do gosto ou da vocação, elas trazem a ação transfigurada das condições objetivas (p. 49).

As expectativas das famílias, as formas como se apropriam da escolarização no processo de educação de seus filhos se relacionariam a uma série de elementos que distinguem as famílias entre si, tais como a condição econômica, capital cultural, história e trajetória, entre outros (PAIXÃO, 2007, p.25).

Ainda em se tratando de expectativas em relação à escola, esclarecemos que embora apresentem formas diferentes de valorizar e concebê-la, as famílias apresentam alguma mobilização de acordo com o grupo social em que estão inseridas. Segundo PAIXÃO (2005), as catadoras de lixo, por exemplo, possuem estratégias de mobilização pela escola que não são reconhecidas pelo sistema de ensino, uma vez que este desconhece o mundo desse grupo de pessoas.

A autora ainda nos indica que mesmo a literatura que analisa a relação entre família e escola tende a considerar como mobilização os comportamentos das famílias das camadas médias que buscam promover o sucesso escolar de seus filhos e o acesso ao ensino superior, e, para isso, se empenham no momento da escolha do estabelecimento de ensino: se envolvem no acompanhamento escolar, investem financeiramente nos estudos de seus filhos com aulas de reforço, cursos suplementares ou qualquer atividade que possa melhorar seu rendimento (p.158).

No caso da pesquisa da autora acima citada (2005) que visa compreender o significado da escola para um grupo de catadoras de lixo, foi verificado que apesar dos comportamentos acima descritos não fazem parte do universo das entrevistadas e delas não almejam a longevidade escolar por reconhecerem suas pequenas possibilidades de concretização, esperam que a escola promova mudanças significativas na vida de seus filhos. Ambicionam que, por meio da socialização escolar, eles possam adquirir valores, regras sociais, qualidades morais e hábitos que julgam relevantes para a formação de qualquer ser humano, assim como para uma vida “sadia” em sociedade (p.159).

Nesse caso, PAIXÃO (*idem*) ainda afirma que para suas entrevistadas não haveria uma preocupação com os certificados a serem obtidos pelos filhos, aspecto esse bastante valorizado pelas famílias das camadas médias, que inseridas na lógica do mercado, se relacionariam com a escola de maneira mais utilitarista. Impulsionadas pelo clima de competição imposto pelo mercado, a posse do diploma faria toda a diferença. Assim, as catadoras teriam outra compreensão sobre a escola. Não a veriam “sob o ângulo da competição, como as camadas médias que investem na escolarização como instrumento para a promoção social dos filhos, fazendo da escola um objeto de consumo” (PAIXÃO, 2005, p.162).

Essa explanação teve o propósito de evidenciar o quanto as famílias se envolvem através dos modos mais diferenciados com os processos de escolarização de seus filhos, cabendo, portanto, sempre considerar as especificidades ao se analisar o investimento escolar familiar. A fim de que evitemos estereótipos, tais como aqueles que acreditam que certos segmentos sociais não se mobilizam e não investem na educação de suas crianças devemos, assim, não nos deixarmos levar pelas primeiras impressões sobre aquilo que analisamos.

Entretanto, se a esta dissertação interessa perceber o valor atribuído à escola pelas famílias, que expectativas apresentam em relação a essa instituição, o que esperam que seja capaz de oferecer para o futuro de seus filhos, cabe salientar que a própria exposição acima demonstra que não se pode pensar a família como algo coeso e homogêneo. Suas diferenças e

especificidades encontram-se marcadas por uma série de variáveis que entrecruzadas definem configurações bastante específicas.

Nesse caso, concluímos que os estudos no âmbito das relações entre escola e desigualdades sociais avançaram consideravelmente. Comprovam que se na atualidade é bastante delicado discorrer sobre gostos, preferências e estratégias de classe, uma vez que seu interior encontra-se cada vez mais cindido, tornam-se bastante desafiadores os próprios estudos sobre gostos, estratégias e escolhas familiares. Algo, então, não deve ser esquecido: a pluralidade e heterogeneidade das famílias, aspecto que veremos com mais clareza no segundo capítulo.

Aceitando esse risco, trilhamos esse caminho! E se desde cedo já anunciamos que as famílias investigadas compõem um grupo heterogêneo que possui um ideário de “boa” educação e uma concepção de escola bastante própria, é pertinente também afirmarmos que quando se inserem no mercado escolar em busca de uma boa escolarização para seus filhos já possuem uma visão prévia sobre o assunto que se relaciona ao meio social e à posse relativa dos diversos tipos de capital - capital cultural, econômico e social - de que dispõem. Fato esse que, inclusive, confirma a razão do tema sobre a escolha do estabelecimento escolar ter se tornado tão atual para a Sociologia da Educação contemporânea, conforme veremos a seguir.

1.3. A escolha por um estabelecimento de ensino

A escolha por um estabelecimento de ensino, tema principal deste estudo, se tornou assunto amplamente discutido e difundido na Sociologia da Educação há alguns anos, devido especialmente à maior heterogeneidade não só das famílias como, também, do próprio sistema escolar que, atravessado por uma variedade de tipos de escolas, permite a constituição de um mercado escolar que amplia as possibilidades de escolha dos pais.

Se no passado uma organização mais simples das redes escolares demandava menor necessidade de escolha, a complexificação dos sistemas de ensino passou a exigir dos pais uma postura mais atuante e certa competência para definir o melhor estabelecimento escolar para seus filhos:

Entretanto, tanto em razão das políticas educacionais, quanto em virtude de modificações nas atitudes das famílias, hoje em dia isso mudou. As famílias veem-se agora em face da obrigação de definir seu projeto educativo, de

confrontar, discutir, selecionar os estabelecimentos desejados (NOGUEIRA, 1998, p.43).

A partir de outros estudos sobre a escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias, NOGUEIRA (*idem*) constata que a atitude da escolha varia significativamente quando se passa de um grupo social a outro. Considera, no entanto, que os critérios utilizados pelas famílias nessa ação podem variar até mesmo de uma família a outra no interior de uma mesma condição social.

Analisando o assunto à luz do sociólogo francês FRANÇOIS HÉRAN³ (*idem*) ao explicar o funcionamento do sistema escolar francês, destaca com base na opinião do autor a existência de uma “hierarquia social das escolhas” que regeria o comportamento ativo das famílias.

De acordo com essa hierarquia, uma minoria da população realmente escolheria a escola mais adequada para seus filhos, já que aos menos favorecidos seriam destinados os estabelecimentos de ensino pré-determinados e designados pela esfera administrativa.

NOGUEIRA (*idem*) cita BALL que ao analisar a situação inglesa, destaca que ao investir no mercado como solução para os problemas escolares de custos, de controle e qualidade, a política neoliberal introduzida pelo Partido Conservador inglês a partir dos anos 1980, estimulou nas famílias uma verdadeira ideologia de mercado, baseada em uma “cultura da escolha” por parte delas.

Essa ideologia de mercado, segundo o autor, partiria do princípio de que todos dotados do mesmo tipo e volume de capital cultural poderiam efetuar uma escolha ativa e estratégica. Os pais, então, se encontrariam em condições iguais para realizar suas escolhas; e aqueles que não escolhessem ou escolhessem mal seriam culpabilizados e rotulados por sua incompetência como “maus pais”; teoria essa que, em última instância, segundo BALL, estaria ocultando as discriminações inscritas no próprio sistema (p. 216).

Portanto, ao ressaltar que as oportunidades educacionais não são as mesmas para todos, estaria, em última instância, apontando para o fato de que esse mercado se apresenta de forma desigual, privilegiando determinadas classes e frações de classes em detrimento de outras:

³ François Héran é pesquisador do INED (Institut National d'Études Démographiques) e do INSEE (Institut National de la Statistique et des Études Économiques) (NOGUEIRA, 1998).

... o mercado não é neutro. Ele presume certas habilidades, competências e possibilidades materiais (tempo, transporte, creche, etc) que estão desigualmente distribuídas entre a população. Os teóricos do mercado tendem a pressupor, de forma global, que a disposição a participar ou que as diferenças quanto a isso são insignificantes (BALL *apud* GENTILI, 1995, p. 215).

Dessa forma, os menos favorecidos seriam excluídos desse mercado, como se para eles essa instância nem mesmo existisse. Assim, diante do caráter desigual do mercado, o grupo das camadas médias, apesar de fragmentado, seria aquele que apresentaria as melhores condições de realizar suas escolhas: “O mercado funciona como uma estratégia de classe, ao criar um mecanismo que pode ser explorado pelas classes médias como uma estratégia de reprodução em sua busca de uma situação de vantagem relativa” (BALL *apud* GENTILI, 1995, p. 225).

Analisando o discurso dos pais em relação a suas escolhas, BALL, GEWITZ & BOWE (NOGUEIRA, 1998) construíram uma tipologia que define alguns perfis associados à classe social de pertencimento. Sendo assim, o grupo formado pelos pais profissionais liberais e de classe média, os *privileged/skilled choosers*, são considerados pelos autores como os mais aptos para o ato da escolha, uma vez que possuem uma maior capacidade de discriminar entre os diferentes tipos de estabelecimentos de ensino. A posse de recursos culturais, de capital econômico e social os estaria habilitando a decodificar o sistema escolar. Essas famílias, então, valorizariam em demasia o ato de escolher e, ainda, estariam normalmente optando pelos estabelecimentos prestigiosos e de elite. Outro aspecto desse grupo de famílias é que buscam um ajustamento entre as características do estabelecimento e as características do filho, levando em consideração seus gostos e personalidade.

De outro lado, o grupo composto pelos pais da classe operária, os *disconnected choosers*, geralmente apresentariam baixo nível de instrução, menor capital econômico, cultural e social, por isso menores possibilidades de escolha. Esses pais possuiriam pouca familiaridade com o universo escolar, e se baseariam mais em critérios materiais de escolha, tais como a distância da residência, facilidades de locomoção e transporte, segurança entre outros. Suas escolhas seriam regidas por uma lógica prática imposta por suas próprias condições de vida. Além disso, as fontes de informação seriam geralmente limitadas e informais, baseadas na rede de relacionamentos locais da família (*idem*, 1998).

Em um grupo do meio, os *semi skilled choosers*, encontrar-se-iam os pais com ocupações bastante díspares como comerciários, motoristas e donas de casa, por exemplo. Os autores entendem esse grupo como um bloco socialmente misto que apesar de manifestar forte

inclinação para a escolha, possuiria pouca capacidade de discriminar e escolher porque teria pouco conhecimento do funcionamento do sistema de ensino e, ainda, seriam desprovidos de recursos culturais e das relações sociais que os habilitariam a implementar com eficácia essa inclinação (*idem*, 1998).

Portanto, de acordo com NOGUEIRA (1998), BALL, GEWIRTZ & BOWE desenvolveram um pensamento que tenta superar a visão ingênua que concebe a escolha como uma ação meramente individual, cuja perspectiva neoliberal coloca o mercado como um espaço neutro, onde a partir do qual se poderia ter liberdade de escolha. Essa análise, segundo os sociólogos críticos, estaria, inclusive, desconsiderando os condicionantes sociais que, em última instância, estariam influenciando as próprias escolhas; princípio esse que uniria todos os sociólogos críticos da educação.

Nesse sentido, a escolha deveria ser pensada como uma dimensão da luta de classes simbólica e invisível pela apropriação de bens culturais. Isso quer dizer que a ação dessas famílias diante do mercado escolar pressupõe a posse de certos recursos culturais que, inclusive, lhes fornecem as condições para decodificarem os elementos em jogo nesse mercado.

A posse dos diferentes tipos de capital (cultural, social, econômico e simbólico) seria, então, entendida como uma espécie de patrimônio que os habilitaria a interpretar o sistema escolar e, nesse caso, seria utilizado pelos pais como estratégia de distinção/classificação social (*idem*, p.43).

Perseguindo esse tema, NOGUEIRA (1998) ainda, afirma que os pais das camadas médias e superiores são os mais aptos para realizar suas escolhas:

São os pais das classes médias e superiores que obtêm um máximo de rentabilidade de seus investimentos educacionais. Isso graças à possibilidade de acesso às informações sobre o sistema de ensino, à importância que atribuem à busca dessas informações, à capacidade que manifestam de discernir entre elas; mas também graças ao verdadeiro monitoramento que exercem sobre a vida escolar do filho, o que lhes permite apreciar, a cada momento e com razoável precisão, o desempenho e as chances escolares dele (p. 54).

De acordo com a autora, os pais professores seriam os mais competentes no momento de escolha por uma escola; seriam, portanto, denominados de “pais estrategistas”. E isso ocorreria devido ao vasto conhecimento do universo escolar apresentado por esses pais, além

de sua proximidade com as instâncias de decisão, de seu capital de informações e relacionamentos nesse meio (*idem*, p. 50).

Entretanto, ZAGO (2003), apesar de centrar seus estudos nas camadas populares e, nesse sentido, num grupo social com pouco poder de escolha, destaca a ação das famílias como um aspecto relevante a ser considerado quando se pensa a questão da escolha sob o ponto de vista da relação da escola com o futuro de seu público: “A família, por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos, e este não pode ser desconsiderado. Trata-se de uma influência que resulta de ações muitas vezes sutis, nem sempre conscientes e intencionalmente dirigidas” (*idem*, p. 20).

Sobre as camadas médias pode-se, ainda afirmar que com a democratização do ensino tiveram sua capacidade estratégica aumentada, resultando em uma intensificação de seus próprios investimentos educacionais. Entretanto, essa forte mobilização e intervencionismo manifestam-se, hoje, de diferentes formas; passam a ser entendidas tanto como práticas de intensivo monitoramento da vida escolar quanto como suas próprias condutas face à escolha do estabelecimento de ensino, processo pelo qual são investidas competências diversas: acesso às formas variadas de informação sobre o sistema escolar e aos resultados de diferentes avaliações e *rankings* cada vez mais numerosos; uma maior inclinação a escolha e uma maior capacidade de discriminar e interpretar os diferentes tipos de estabelecimentos de ensino, dentre outras ações (NOGUEIRA, 2010, p. 220).

Através de nossa pesquisa empírica, pudemos, enfim, perceber que as famílias entrevistadas se enquadram nesse perfil de classe média e, também, naquele acima descrito por JESSÉ DE SOUZA (2010). Notamos, inclusive, que, praticamente, todos os pais entrevistados possuem diploma universitário, e isso estaria contribuindo para uma maior aproximação com o sistema escolar, lhes permitindo uma mobilização crescente em busca de uma melhor escolarização para seus filhos.

Ainda no âmbito das classificações das escolhas, os estudos de LANGOUET & LEGER, analisados por NOGUEIRA (1998), detectaram alguns tipos de estratégias utilizadas pelas famílias: estratégias de evitamento, preventivas e de distinção (p.50).

Enquanto as estratégias de “evitamento” seriam aquelas acionadas por algumas famílias que evitam colocar seus filhos em determinados estabelecimentos de ensino localizados em bairros populares e/ou com clientela de baixo nível socioeconômico; as estratégias “preventivas” seriam identificadas como aquelas ações que visam prevenir problemas esperados.

As famílias que agissem de modo preventivo poderiam, por exemplo, optar pela mudança de um estabelecimento de ensino com certo nível de exigência acadêmica para outro mais tolerante na tentativa de evitar um eventual fracasso escolar. Esse tipo de estratégia pode, inclusive, ser observado com a realização das entrevistas: a família 7 justifica sua escolha pelo colégio investigado pelo fato de que a filha, que apresenta algumas limitações provenientes de problemas de saúde, não teria condições de acompanhar e de corresponder às exigências escolares de uma instituição escolar mais rigorosa e severa. Como veremos no capítulo três, esse fato se associa a outras razões também destacadas pela mãe:

...a Lucia tem déficit de atenção, e aí a gente também...você sabe que toda criança que tem... ela tem um ritmo diferente, uma cobrança diferente e talvez a escola, se eu colocar em um colégio mais puxado ela não consiga ir....(Família 7).

Já as estratégias de distinção são apontadas como próprias das elites sociais e consistem em assegurar aos filhos a frequência a estabelecimentos de ensino altamente seletivos e prestigiosos (*idem*, p.50). Nessas estratégias se encontra uma preocupação fundamental com o desempenho associado ao sucesso escolar das crianças.

Faz parte do pensamento das famílias inserirem seus filhos em estabelecimentos de ensino onde sabem que teriam chances de sucesso e não correriam o risco de fracassar. Logo, podemos dizer que a escolha por uma determinada escola se condiciona também ao perfil do estabelecimento de ensino e as condições reais da criança, associadas ao nível social no qual as famílias se inserem:

Em realidade, tudo se passa como se as atitudes dos pais em face da educação das crianças, atitudes que se manifestam na decisão de enviar seus filhos a um estabelecimento de ensino secundário ou deixa-los na classe de fim de estudos primários, de inscrevê-los em um liceu (o que implica um projeto de estudos longos, ao menos até o baccalauréat) ou em um colégio de ensino geral (o que supõe a resignação a estudos curtos, até os certificados de ensino profissional, por exemplo) fossem, antes de tudo, a interiorização do destino objetivamente determinado (e medido em termos de probabilidades estatísticas) para o conjunto da categoria social à qual pertencem (BOURDIEU, 1998, p.47).

Apesar de não pertencerem às elites, as famílias pesquisadas, através de suas falas, nos parecem estar em permanente busca de êxito escolar para seus filhos. Demonstram preocupação com seu futuro escolar e apresentam uma postura investigativa quando se trata

da escolha por uma melhor opção de escola para seus filhos, aspecto esse que o terceiro capítulo nos auxiliará a evidenciar.

Segundo BOURDIEU (1998) a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural: “Mais do que os diplomas obtidos pelo pai, mais mesmo do que o tipo de escolaridade que ele seguiu, é nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança” (p.42).

Dentro desse contexto, os autores analisados por NOGUEIRA (1998) - LANGOUET & LEGER - verificam que enquanto os mais favorecidos apresentam um comportamento mais do tipo “estratégico”, implicando um planejamento mais em longo prazo, os menos favorecidos apresentam condutas definidas com a expressão *navigation à vue*, que se relaciona a reações imediatas a situações imprevistas (p. 50).

Uma análise da escolha a partir de COSTA & KOSLINSKI (2011) também implica considerações elucidativas. Ao refletirem sobre a situação do ensino no Rio de Janeiro, afirmam que, apesar de desigual, o mercado escolar é bastante competitivo para alguns segmentos de classe. Ou seja, acreditam que a demanda por parte das famílias que escolhem o estabelecimento de ensino para seus filhos com base no cardápio de escolas que possuem a sua disposição, estaria gerando uma reação por parte dessas escolas em termos de oferta de seus serviços: “Há um evidente mercado escolar, bastante competitivo, para alguns segmentos da população capazes ou dispostos a investir recursos financeiros e de outras ordens na educação de seus filhos” (*idem*, p. 250).

No caso das escolas públicas, onde se concentram seus estudos, como a oferta é limitada, a maioria das famílias que têm suas escolhas circunscritas a esse universo, tende a buscar as redes sociais como auxílio no processo de escolha, demonstrando o quanto o capital social se encontra fortemente associado às escolhas das famílias nos dias atuais.

A importância de refletirmos sobre o capital social nesta dissertação diz respeito ao fato de que cada vez mais as famílias atuais se utilizam de sua rede de relações sociais como uma maneira de orientar seus comportamentos, pois percebemos a relevância e o peso dessas interações para a escolha dos pais.

Apesar de nossa pesquisa referir-se a escolha por um estabelecimento de ensino privado, também pudemos observar a grande influência do capital social, ou seja, o quanto as famílias analisadas recorrem à sua rede de relacionamentos para realizar uma boa escolha.

Portanto, uma reflexão acerca do mercado escolar se associa fortemente às escolhas familiares, uma vez que os pais por meio de diferentes motivações e critérios buscam o estabelecimento que melhor corresponderia a seus objetivos, contando em muitos casos com

suas redes sociais; as escolas por sua vez, com fins de manter seu *status* no campo educacional tentam captar os alunos que mais se adéquam as suas exigências, selecionando seu público através dos processos de matrícula, por exemplo:

Famílias e escolas apesar de desigualmente equipadas para a competição nos mercados, buscam estratégias que as permitam burlar os determinismos sociais e emergir para novas posições ou, nos casos de clara vantagem posicional, preservar a situação alcançada (MEDEIROS, 2011, p. 34).

Em seu estudo, MEDEIROS (*idem*), a partir da realização de entrevistas com algumas famílias com filhos em escolas públicas do município de Angra dos Reis a fim de verificar o movimento dessas famílias e escolas influenciando as desigualdades do mercado, confirma a hipótese da existência da escolha/seleção como uma política da própria escola. Ou seja, as melhores escolas públicas tenderiam a distribuir suas matrículas aos alunos conforme a posição hierárquica que estes ocupam social e culturalmente. Assim, as famílias com melhores condições econômicas e culturais estariam ocupando as vagas das melhores escolas.

Em face desse mercado escolar, COSTA & KOSLINSKI (2009) também afirmam que as famílias dispõem de dados sobre a classificação hierárquica das escolas, o que poderia influir sobre suas escolhas.

No entanto, escrevem que nos Estados Unidos e na Inglaterra os mecanismos de visibilidade dessas informações sobre a posição das escolas nos *rankings oficiais*, a divulgação do desempenho dessas escolas perante os instrumentos de avaliação do governo se apresentam muito mais explícitos do que no Brasil, permitindo que imaginemos que lá as desigualdades escolares possam ser menores devido a essa exposição.

Mesmo assim, como pudemos observar com as entrevistas, a maioria dos pais estão mais atentos a esse tipo de informação, quando se referem ao Colégio Nossa Senhora de Fátima. Buscam-na, muitas vezes, por si mesmos e acrescentam a ela outros critérios, tanto subjetivos como objetivos que, inclusive, se forjam no próprio processo de escolha: “... eu vejo que elas já tiveram bons resultados em vestibular, em aprovação” (opinião da família 5 sobre o Colégio Nossa Senhora de Fátima).

Constatamos, assim, que independente do acesso a essas informações, esse artifício cada vez mais se torna um recurso relevante de análise por parte dos pais para avaliar a qualidade de uma escola, o que, inclusive, será evidenciado no capítulo três.

Entendemos, ainda, que os entrevistados, de qualquer modo, fazem algum tipo de escolha e caso desconheçam as informações relacionadas ao desempenho das escolas nos *rankings oficiais* encontram outras formas para diferenciar as escolas e caracterizá-las como uma boa escola ou não (COSTA & KOSLINSKI, 2009).

Além disso, também acreditam que nem sempre é possível escolher o que seria a “melhor” escola em suas opiniões, visto que sua escolha também se encontra condicionada a realidade de cada família e às suas possibilidades concretas de existência.

Diante o exposto, os estudos sobre a escolha das famílias por um estabelecimento de ensino, apesar de evidenciarem sua relação com a condição de classe, vão muito além dessa variável. Demonstram que o tema da escolha encontra uma diversificação de fatores que se complementam; não devendo, enfim, ser analisado como tendo como causa apenas uma única razão, principalmente em tempos de grande pluralidade e diversidade social e cultural.

2. ESCOLA, FAMÍLIA E *ETHOS* RELIGIOSO: UMA RELAÇÃO PERTINENTE

A escola, família e Igreja devem ser analisadas como instituições centenárias que se definem como espaços competentes de socialização que forjam maneiras de pensar, agir e sentir dos indivíduos ou grupos de indivíduos que os compõem. Para esta dissertação, entendemos que, ainda, ajudariam a forjar gostos e, inclusive, escolhas.

Nesse caso, acreditamos que uma breve análise sobre sua configuração social e cultural atual propiciaria um melhor diagnóstico sobre o tipo de escolhas que as famílias em foco teriam feito sobre o estabelecimento escolar para seus filhos.

2.1. A relevância dos colégios católicos nos dias de hoje

A Igreja possui uma relação milenar com a educação escolar. E uma análise histórica permitiria perceber que ao tentar manter-se em uma posição hegemônica, busca preservar sua capacidade educadora, uma vez que acredita enormemente no seu poder socializador. Para isso, conta com seus estabelecimentos de ensino, onde através de uma forma específica de escolarização, dissemina seus valores, normas e princípios.

Sua função educativa tem sido cada vez mais evidente, na medida em que suas formas de socialização, principalmente, aquelas que emanam de seus estabelecimentos de ensino, encontram-se entre nós desde a própria constituição de nosso sistema de ensino: presentes no Brasil desde o século XIX através de suas congregações religiosas que, muitas vezes, já se encontravam aqui fixadas desde os tempos de colônia onde iniciaram um competente trabalho de catequese (CHAVES, 2010).

Oriundas, sobretudo, da Europa, as congregações religiosas se proliferam, assumindo sua missão educativa no país desde 1890:

... aos poucos a educação confessional católica foi sendo assumida por congregações religiosas, provindas sobretudo da Europa para atender às classes média e alta, e também à classe empobrecida, fundando várias escolas nas diversas regiões do país, tendo como opção as famílias que o desejarem e tiverem condições financeiras de matricular seus filhos no ensino confessional católico, oferecido em escolas privadas, em sua maioria administradas por estas famílias religiosas femininas que chegaram ao Brasil

após a Proclamação da República para este fim, e também por leigos, abrindo escolas inclusive nos lugares mais pobres e distantes do país (BRITO & CAMPOS, 2007, p.14).

A partir daí criam uma complexa rede de colégios católicos que sobrevivem até hoje, das mais diferentes maneiras.

Entretanto, seu instinto de preservação social, impõe que seja analisada como uma instituição como outra qualquer que, nesse caso, utilizaria as mais diversificadas estratégias para perpetuar sua influencia no interior tanto do aparelho de Estado quanto da sociedade (MAINWARING, 2004).

Nesse sentido, entendemos que estudos sobre a escolha de um grupo de famílias por um estabelecimento de ensino católico para seus filhos, há que levar esse fato em consideração. Acreditamos que, de forma variada, existiria uma relação entre essas famílias e a própria Igreja: ao mesmo tempo em que as primeiras desejariam que seus filhos, de algum modo, fossem socializados dentro de seus padrões morais, esta, conseqüentemente, continuaria mantendo a sua influência tanto no campo⁴ educacional - disputando com outros estabelecimentos de ensino a preferência das famílias – quanto no campo religioso e social - disputando com outras religiões e ideologias as formas de pensar das mesmas famílias.

Assim, partimos da hipótese que as famílias que optam por matricularem seus filhos nas escolas católicas são influenciadas pela representatividade dessa instituição na sociedade contemporânea. Voltadas para uma dimensão maior da formação humana, essas escolas procurariam estimular em seu alunado uma convivência com a fé, esperando que atingisse uma consciência social superior, assim como uma preocupação com o outro, a despeito do individualismo e da crise de valores tão presentes nos dias atuais e que, geralmente, as famílias criticam.

Podemos, então, dizer, que os colégios católicos estariam historicamente associados à perspectiva de oferecer mais do que o ensino propriamente dito, uma vez que se constituiriam enquanto um espaço de transmissão da moral e dos valores fundamentais à vida do ser humano, como, por exemplo, o respeito ao próximo, a solidariedade e o altruísmo, de acordo com o senso comum.

Consideramos, nesse caso, que esses estabelecimentos de ensino apresentariam uma forma bastante específica de escolarização e, apesar das mudanças na sociedade, estariam

⁴ No sentido de BOURDIEU (in Bourdieu & a Educação – NOGUEIRA, Maria Alice & NOGUEIRA, Claudio Marques Martins)

conseguindo manter sua tradição, regras e princípios, que ao mesmo tempo em que constituem a sua especificidade, também seriam fatores que as diferenciariam das demais instituições:

O acirramento das disputas ideológicas e a concorrência cada vez maior com outras religiões dão margem para que suas escolas se transformem em importantes espaços de produção e disseminação de sua filosofia, contribuindo sobremaneira, para sua manutenção em uma posição privilegiada no jogo pelo poder (CHAVES, 2010, p.3).

De outro lado, se as mudanças das últimas décadas transformaram a sociedade, a educação tradicional que dominava os espaços de transmissão dos valores historicamente acumulados pela humanidade perde espaço com a entrada de outras instâncias socializadoras no mundo contemporâneo.

A escola, nesse sentido, cada vez mais toma para si a responsabilidade de educar e conteudista, assume para si a tarefa quase que integral da educação. As famílias, por sua vez, com menos tempo para educar sua prole, exigem cada vez mais da escola essa atitude que, inclusive, já era professada pelos estabelecimentos de ensino católicos.

Entretanto, é fato que a Igreja assim como seus colégios, apesar do peso que dão aos valores ensinados, também têm tido que se adaptar às novas exigências para, inclusive, não perderem espaço no já concorrido mercado escolar.

Considerando que essa realidade atual encontra-se caracterizada pela diversidade e pelas variadas experiências de vida do indivíduo, na opinião da Diretora, Irmã Luciana⁵, a escola enfrenta muitos desafios, especialmente devido às influências externas e à falta de participação de muitos pais na educação das crianças. Somado a esses aspectos, a própria crise de valores e referências na sociedade contemporânea, Irmã Luciana afirma: “Não tem como ser um ensino tão conteudista”. Ou seja, reafirma o compromisso dos estabelecimentos de ensino católicos com a educação moral.

É como se tivesse também criticando as famílias, dizendo que a escola hoje em dia, muitas vezes, precisa se responsabilizar duplamente pelo seu alunado, já que, em muitos casos, os pais não estariam cumprindo com suas obrigações. E dentro dessa lógica, poderíamos concluir que os pais, por sua vez, escolheriam um estabelecimento de ensino católico porque acreditariam no poder formador de sua ação pedagógica.

⁵ Utilizamos nomes fictícios para todos os entrevistados que aparecem nesta dissertação e para o colégio investigado.

Nesse contexto, a escola católica, em especial o Colégio Nossa Senhora de Fátima vai ao encontro dessa proposta e busca como alternativa a manutenção dos valores religiosos, uma vez que o compromisso com a transmissão dos valores cristãos constitui-se em uma de suas metas; inclusive, conforme nossa hipótese corresponde ao que muitas famílias esperam do colégio escolhido.

Dessa forma, se torna importante verificar a semelhança entre o *ethos* familiar e o *ethos* escolar, de modo que algumas famílias escolheram essa instituição creditando nela a melhor instância socializadora possível para seus filhos, conforme veremos no capítulo três; aquela que se encontra mais próxima de suas crenças, convicções e valores.

Consideramos, então, que as famílias, muitas vezes, acreditam que a escola vá reforçar seus próprios valores ou aqueles, que por falta de tempo, gostariam que a própria escola ensinasse. Concluímos, então, que o atributo religioso se constituiria em uma variável positiva no momento da escolha do estabelecimento de ensino para as famílias pesquisadas.

Destacamos, portanto, que a escolha de um colégio católico pode não significar necessariamente que as famílias sejam católicas, mas sim que esse grupo de pais busca na escola católica algo que talvez acreditem que não possa ser encontrado em outras instituições. Essa busca das famílias estaria, muitas vezes, associada aos valores, embora suas razões para a escolha dificilmente se resumam a um único fator, como a empiria nos permitiu perceber.

Consideramos, ainda, a própria tradição dos colégios católicos: pelo fato de terem o compromisso de transmitir certos valores desprestigiados hoje em dia, mas valorizados por certos agrupamentos familiares, tornar-se-iam os estabelecimentos de ensino sonhados por várias famílias. Ainda acreditamos que a Igreja por “naturalmente” já lidar com valores e comportamentos teria autoridade moral suficiente para se impor no mercado escolar e, assim, repassar para seus colégios essa mesma autoridade; daí muitas famílias, apesar de não católicas, acreditarem que sejam uma das agências mais poderosas de socialização e que, portanto, gostariam ter educando sua prole.

Podemos também considerar que as ações de uma pessoa não são unicamente influenciadas pelo fato de ela ser católica, uma vez que como vimos no capítulo um, os indivíduos apresentam outras disposições, fruto das diversas experiências de socialização que obtiveram ao longo de suas vidas.

Dessa forma, uma determinada família pode ter colocado seu filho na escola católica pelo fato de possuir uma formação católica e outra por considerar a proximidade entre a escola e sua residência, por exemplo. LAHIRE (2004) nos auxilia a explicitar melhor essa questão:

Nessa versão “dobrada” da realidade que pretendo elaborar, o indivíduo não é redutível a seu protestantismo, ao seu pertencimento de classe, a seu nível cultural ou a seu sexo. É definido pelo conjunto de suas relações, compromissos, pertencimentos e propriedades, passados e presentes (p.11).

Percebemos, com isso, que embora a religiosidade possa exercer em alguns casos, o fator de maior peso no momento da escolha das famílias, em outros, pode ser uma razão menos relevante. Entendemos, assim, que o fator religioso se encontra certamente mesclado a outros diversos elementos que interferem na atitude das famílias face à escolha por uma escola.

Assim como a sociedade se caracteriza pela heterogeneidade, podemos dizer que esse traço também se encontraria presente na escolha de colégios católicos pelas famílias, já que se diferenciariam entre si.

Suas especificidades muito se devem ao público que buscam atingir, ao bairro em que estão localizados, às congregações religiosas à que pertencem e ao tempo de sua existência, história e tradição. Os Colégios São Bento e Santo Inácio, por exemplo, teriam um público que ao se encontrar em sintonia com seus próprios valores, também se comporia como um grupo que, de modo geral, seria identificado por seu alto capital tanto cultural quanto econômico (CHAVES, 2010a e 2010b).

Assim, concordando com BRANDÃO & CARVALHO (2011), acreditamos que no caso das escolas confessionais, também haja uma preocupação com a produção de padrões de distinção escolar, partindo da ideia de que a imagem de qualidade das escolas de prestígio se apoiaria fundamentalmente na estrutura de capitais de seu público.

Ainda que o colégio investigado em nossa pesquisa seja um colégio localizado no subúrbio do Rio de Janeiro e que, além disso, não se destine às elites do Méier, entendemos que por se tratar de uma escola confessional, apresenta essa preocupação com a distinção e a preservação de determinadas características que lhe são peculiares. Esse traço, inclusive, pode ser percebido na fala da Irmã Luciana: “Os pais buscam o valor religioso”.

Em um dos seus trabalhos, BRANDÃO & LÉLLIS (2003), ao estudarem as práticas educacionais das elites, mais especificamente no contexto de pais professores universitários, percebem os valores agregados às escolhas que as famílias fazem ao optarem por um estabelecimento de ensino católico. Reconhecem no *ethos* escolar um fator bastante relevante para a escolha. Ou seja, parece que para as famílias que escolhem um estabelecimento de ensino católico não haveria nada melhor do que poder contar com o poder de produção de certas disposições oriundas de seus centenários estabelecimentos de ensino.

ALMEIDA (2002) igualmente destaca que os colégios católicos possuem uma tradição e um *ethos* específico, levando as famílias a acreditarem que as características que compõem seu diferencial irão de alguma forma influenciar de forma positiva o desenvolvimento de seus filhos:

Considerando-se que o conhecimento escolar é um importante regulador da estrutura da experiência, torna-se necessário questionar em que medida e de que forma a passagem por um sistema educacional específico pode contribuir para modificar a representação que o aluno tem de si mesmo e a que os outros têm dele (p. 136).

Ao destacar a ação das famílias na escolha por uma instituição que oferece um tipo de escolarização específica, como a escola confessional, mostra que os pais possuem uma idealização de escola para seus filhos e que partem de suas crenças e valores para buscar uma instituição dentre as oferecidas no mercado escolar.

Outro aspecto a ser considerado quando pensamos sobre a autoridade socializadora da Igreja, seus estabelecimentos de ensino ou mesmo qualquer instituição social na contemporaneidade, é que apesar de seu tradicionalismo são forçados a mudar.

DUBET (1994) se refere, por exemplo, à escola como uma “instituição ajustada” explicando ser esta uma instituição que visa fixar normas e regras a fim de que os papéis sociais sejam internalizados; e essa característica pode ser mais ainda percebida quando pensamos na Igreja e em seus colégios, que, pela sua própria natureza, procuram de modo mais determinado fixar em seu público as próprias maneiras de ser, pensar e sentir socialmente estabelecida.

Atualmente, no entanto, apesar de manterem sua tradição, as mudanças na sociedade impõem que até mesmo os colégios católicos tenham que inovar a fim de assim poderem lidar com a heterogeneidade dos dias atuais. Sendo assim, seus valores transmitidos não têm como ser tão cristalizados, padronizados e fechados como antes, quando a sociedade era mais homogênea e os indivíduos menos participativos e autônomos socialmente:

Não se trata, pois, propriamente, de uma crise, mas do fim de um modelo de organização concebido como um aparelho de institucionalizar valores. O modelo serial ou mecânico, no qual a coerência do conjunto provinha da conformidade dos actores e da sua adesão pessoal aos valores da instituição, dá lugar a um modelo mais político, em que a coordenação das acções provém de um ajustamento aos constrangimentos do meio, da capacidade propriamente política de coordenar as acções, apesar da heterogeneidade dos actores e dos objetivos que eles têm em vista.” (*idem*, p. 177)

Nesse caso, o autor contribui para desmistificar a ideia da escola reprodutora, como algo cristalizado e como consequência da divisão da sociedade em classes. Mostra-nos que as instituições sociais e, especificamente a Igreja e seus estabelecimentos de ensino, hoje, podem ser melhor definidos, caso os entendemos como o resultado das ações daqueles que com esses espaços se relacionam. Permite-nos concluir o quanto essas instituições de ensino encontram-se prontas para se adaptarem as novas situações, uma vez que a opinião dos indivíduos, hoje, é algo a ser levado em conta por qualquer instituição social, mesmo quando nos referimos as mais tradicionais.

2.2. As transformações da família e da escola: um desafio ao quadrado

Na origem desse movimento de interdependência e de influências recíprocas entre família e escola, estariam as transformações por que passam, a um só tempo, as estruturas e os modos de vida familiar, por um lado, e as instituições e processos escolares, por outro (ROMANELLI, NOGUEIRA & ZAGO, 2003, p. 11).

Os novos estudos acerca da relação família e escola não poderiam deixar de considerar as transformações pelas quais tem atravessado as duas instituições. No que tange a família, que se apresenta hoje de uma maneira bastante heterogênea, podemos citar as diversas formas de conjugalidade, com, por exemplo, a diminuição do número de casamentos, a diversificação dos arranjos familiares com a difusão de novos tipos de famílias⁶ e a limitação da prole, dentre outros aspectos (BARROS, 1987).

No que diz respeito a esse último item, NOGUEIRA (1991) assinala que constitui uma importante estratégia utilizada pelas famílias das classes médias no sentido de lhes permitir investir ao máximo na escolarização de cada filho; recurso esse que permitiria que essas famílias oferecessem as suas crianças às melhores oportunidades possíveis.

Em se tratando de organizações familiares, o núcleo residencial, hoje em dia, nem sempre corresponde à família nuclear. Confirmando essa proposição, podemos observar a existência de uma permanente reorganização familiar caracterizada por configurações distintas. E isso decorre dos casamentos, separações, acolhimento de parentes em casa,

⁶ Pais separados, criança morando com os avós ou tios, casal sem filhos, casal morando com os filhos mais os agregados, mãe morando com o padrasto e os filhos, casal homossexual com filho (s) adotado (s), dentre tantos outros exemplos.

nascimentos, dentre outras situações que caracterizam o contexto familiar na atualidade (BARROS, 1987).

Nesse caso, será que as famílias entrevistadas seriam menos adeptas às mudanças? Por escolherem um estabelecimento de ensino religioso seria sinal de que se manteriam mais à parte das transformações sociais?

De certo modo, algumas das observações acima evidenciam como essas transformações se impõem nas diversas situações de vida que as famílias entrevistadas têm experimentado. Analisando acontecimentos da vida de três famílias⁷, utilizando as mães⁸ como referência nos deparamos com essa realidade.

A família 7, por exemplo, é composta por Sonia, o marido, dois filhos de 19 e 22 anos, e Lucia, de dez anos, adotada quando tinha três meses, período, inclusive, em que a família passou por uma transformação no sentido de acolher o novo membro.

Já na família 5, a mãe da criança, Edna, mora na casa dos pais dela (os avós da criança) com o marido e os dois filhos. A mudança para a casa dos avós foi motivada pelo desemprego do marido de Edna; fato esse que levou a família a vender a antiga casa para que assim pudessem comprar um taxi, que, atualmente, constitui a fonte de renda da família.

Problemas de desemprego também levaram a família 6 a se mudar de uma cidade do interior de Minas Gerais (Montes Claros) para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. Inclusive, na ocasião da entrevista, a mãe se encontrava desempregada, o que por ela foi relatado como uma situação muito desconfortável, especialmente pelo fato de ter começado a trabalhar muito cedo na sua cidade de origem:

...porque eu preciso voltar a trabalhar, faz falta financeiramente, psicologicamente... eu trabalho desde os oito anos de idade, porque lá no interior não tem isso. Eu trabalhava na casa de uma senhora e colocava um banquinho para alcançar a pia para lavar louça, só comida e roupa que eu não fazia.

A família 6 reside em uma casa pequena, do tipo conjugado, dividida com uma senhora viúva, proprietária do imóvel, que mora na parte da frente da casa. Essa situação indica, sem sombra de dúvidas, uma relação bastante íntima entre indivíduos que não são membros da mesma família.

⁷ Em um total de oito famílias entrevistadas.

⁸ Todas as entrevistas foram realizadas com as mães, exceto uma delas que contou também com a participação do pai da criança.

Os exemplos acima demonstram diferentes situações de vida das famílias. Evidenciam que apesar de não estarem marcadas por separações, são pontuadas pelo desemprego, adoção e família morando com os pais. Como podemos perceber, apesar de os núcleos familiares se manterem, característica interessante para se pensar a escolha por um estabelecimento escolar católico, essas são experiências marcantes que podem influenciar nas escolhas, gostos e estratégias familiares.

Pelo fato de essas famílias estarem inseridas em uma dada conjuntura, em um momento histórico específico, com certeza, apresentarão percursos sociais e trajetórias marcadas por esse mesmo contexto e, por isso, não podem ser analisadas fora dele.

A vida familiar, como vimos, envolve uma série de relações, situações, práticas cotidianas e acontecimentos que levam as famílias a agirem de determinada forma em alguns momentos e, muitas vezes, suas escolhas são motivadas por essas circunstâncias. Assim, alterações sofridas no contexto familiar, sejam demográficas, escolares, ocupacionais, dentre outras, não podem ser negligenciadas quando refletimos sobre a família e sobre as escolhas relacionadas à escolarização de seus filhos.

Acreditamos que as diversidades que compõem a vida desses indivíduos, que, por sinal, se encontra em constante movimento e transformação, interferem em suas visões de mundo e comportamento, bem como em suas escolhas, aspecto esse fundamental para nossa reflexão. As famílias, assim como a escola não podem ser consideradas de forma abstrata, dissociadas de suas condições históricas e socioculturais (NOGUEIRA, 2006).

Além disso, sabemos que o pertencimento de classe não se reduz à esfera do econômico e para além das diferenciações propriamente ocupacionais e dos meios materiais de existência, distinções significativas são constatadas no plano do simbólico, do imaginário e das ideologias, as quais se ligam aos modos de constituição histórica dessas frações e à própria diversidade regional das tradições, hábitos e costumes que circundam as famílias (NOGUEIRA, 1991).

Variações importantes podem, inclusive, advir da trajetória percorrida pela família, sua origem rural ou urbana, seus deslocamentos no espaço geográfico (mudanças de cidade ou bairro) ou, ao contrário, seu enraizamento em um bairro popular (*idem*, p. 93).

As escolhas feitas por essas famílias, de certa forma, se condicionam a suas realidades e a seus contextos até mesmo porque quando se pensa nos mecanismos de escolha da escola para seus filhos, o mercado escolar a que elas terão acesso irá igualmente variar de acordo com as características dos bairros, dos perfis dos locais pelos quais as famílias circulam, do

capital simbólico de que são detentores e, finalmente, do sistema de valores que prezam para si e para sua prole.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas ainda nos remetem às transformações do lugar ocupado pelos filhos nas famílias ou, até mesmo, à intensificação das interações afetivas. A criança passa a ser alvo de maiores cuidados e objeto de grande preocupação dos pais. Fato esse que aponta para uma valorização crescente do envolvimento das famílias com a escolarização dos filhos, enfatizando a complementaridade dos papéis e responsabilidades entre a família e escola: “A conjugação de todos esses fatores acarretará uma redefinição do lugar do filho, que terá por consequência um forte desenvolvimento e diversificação do papel educativo da família” (NOGUEIRA, 2006, p. 160).

Portanto, notamos um alargamento da responsabilidade dos pais em relação aos filhos, que, nesse caso, passam a se preocupar em demasia com o futuro de sua prole, sua felicidade e seu conforto. Essa postura ao envolver os destinos escolares e profissionais, os sucessos e insucessos nos diferentes aspectos da vida dos filhos, transforma a escola em uma importante instância socializadora, na qual as famílias irão investir para alcançar seus objetivos:

Os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade. Para isso, mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar – o qual, por sua vez, ganha importância crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais. Tendo se tornado quase impossível a transmissão direta dos ofícios dos pais aos filhos, o processo de profissionalização passa cada vez mais por agências específicas, dentre as quais a mais importante é, sem dúvida, a escola (NOGUEIRA, 2006, p.161).

Ao mesmo tempo em que constatamos algumas mudanças no seio familiar, permitindo que se transforme em um núcleo social mais matizado, também evidenciamos sinais dessas mesmas mudanças na escola.

Suas principais alterações dizem respeito à complexificação das redes escolares e a diversificação dos perfis dos estabelecimentos de ensino, que variam segundo diversos aspectos, como público ou privado, localização, infra-estrutura, clientela, grau de tradição, qualidade de ensino, currículo, dentre outras características. Inclusive, seria essa variedade de possibilidades que estaria permitindo que a escolha do estabelecimento de ensino se tornasse uma decisão tão importante para a família que, nesse caso, passaria a mobilizar cada vez mais

recursos – material, cultural e emocional – a fim de que passe a ter condições de tomar a decisão “certa”.

Ressaltamos, ainda, as mudanças nos currículos, nos princípios e métodos pedagógicos, que são percebidas por alguns pais de diferentes maneiras. Constantemente estabelecem comparações entre o ensino ministrado em sua época de estudantes e o de seus filhos hoje e, nesse caso, acabam por apontar grandes diferenças entre um e outro; o que em grande parte justificaria suas dificuldades em se adaptar às novas experiências e propostas das escolas nos dias atuais.

Se por um lado, reconhecem que as mudanças foram importantes, especialmente quando professores e diretores referem-se ao auxílio da internet em relação às exigências escolares, por outro, alguns acreditam que a tecnologia facilita em excesso a vida da criança, possibilitando um acesso muito rápido às informações, o que pode acomodar o aluno, exigindo menos esforço e capacidade de reflexão:

Hoje ela pega, senta ali no computador, ela faz ali rapidinho. Ao mesmo tempo em que facilitou, porque a gente não tem mais biblioteca, né, mas assim eu acho que facilita demais, podia dar mais trabalho um pouquinho, podia ser um pouco mais difícil, bota ali uma palavrinha no Google e pesquisar, só isso. Eu ficava a tarde toda procurando, agora são cinco minutos (Família 3).

Ao analisar a opinião de algumas famílias sobre os conteúdos escolares nos deparamos com o que nos parece uma contradição. Algumas mães valorizam o conteúdo, porém ainda em comparação com sua época, reconhecem que há uma perda, quando comparam com os dias atuais. Por exemplo, uma das famílias entrevistadas ao mesmo tempo em que critica o método adotado pela escola, especialmente devido à ausência de conteúdo, pensa que há um excesso de informações nos dias atuais:

Família 3 (Pai) – Antigamente existia solidez. Eu acho que falta solidez... a matéria é jogada, tu pega uma criança dessa, já esta dando matéria que eu fui ver no ginásio, a matéria é jogada, há um acúmulo de informações.

Família 3 (Mãe) – É, no consultório que eu estava, falaram que um filho no segundo grau estava dando matéria de biologia que a mãe deu na faculdade de biologia. Não é só lá, tudo esta assim. Tudo está mais avançado do que quando a gente estudou.

LAHIRE (2004) identifica essa aparente contradição na fala de alguns entrevistados como um aspecto comum e que não pode ser concebido de maneira negativa pelo entrevistador, pelo contrário, deve ser incorporada e analisada.

Nessa direção, ainda, salienta sua preocupação com o fato de o pesquisador buscar constantemente a coerência na pesquisa empírica, empobrecendo-a. Defende, assim, outra forma de perceber a incoerência e a ilusória contradição no discurso do entrevistado, que, naturalmente, estarão presentes na maioria das suas falas. Para ele, essa “incoerência” condensaria as múltiplas experiências vividas pelos indivíduos ao longo de sua existência:

O fato de que o indivíduo não ser nem uma realidade “em migalhas” (versão pós moderna do indivíduo “despedaçado”, “disseminado”, “sem unidade” nem “coerência”...), nem uma mera adaptação sensível às exigências variáveis dos contextos (versão empírica da experiência), não deve aumentar a coerência das experiências socializadoras e das características disposicionais que imprimiram sobre os indivíduos (p. 30).

Podemos, então, afirmar que as mudanças na família e na escola, motivadas pelos diferentes contextos e conjunturas sociais, políticas e econômicas, que não se esgotam dentre os exemplos citados, apontam para outras formas de perceber essa relação, bem como a escolha dessas famílias por um estabelecimento de ensino para seus filhos:

Se – como vimos – a família vem cada vez mais invadindo os espaços escolares, a instituição escolar também, por sua vez, expandiu acentuadamente o terreno das interações possíveis com a instituição escolar (NOGUEIRA, 1998, p. 101).

Baseando-se nos estudos de BALLION, NOGUEIRA (1998) destaca que três fatores estariam na origem dessa nova relação entre as famílias e a escola. O primeiro se refere à crescente complexidade do sistema escolar, com suas divisões em ramos, tipos e níveis de ensino, diferenças de valor de diplomas, dentre outras características. E, para a autora, se esses fatores estariam determinando muitas das escolhas das famílias, também exigiriam certo conhecimento a fim de que lhes permitissem uma capacidade para distinguir entre os diferentes aspectos. Porém, não seriam todas as famílias que teriam essa habilidade/conhecimento, uma vez que esse capital é algo construído através do tempo.

Outra questão que se encontra no cerne dessa relação seria a variedade de práticas pedagógicas presentes nas escolas atuais, permitindo, inclusive, que estabelecimentos de

ensino mais tradicionais convivam com outros mais progressistas. Essa realidade daria, ainda, aos pais maior liberdade escolha, o que, em última instância, implicaria uma maior possibilidade de definição do estilo pedagógico que desejam para seus filhos: “Pais mais “abertos” ou modernistas preferirão pedagogias mais voltadas para a realização pessoal, ao passo que famílias mais tradicionais poderão optar por práticas pedagógicas centradas na aquisição do conhecimento e no sucesso escolar” (p. 51). Afirmação essa que poderemos verificar através da análise mais aprofundada das entrevistas no capítulo três desta dissertação, na medida em que lá teremos mais clareza dessa discussão.

Ainda em se tratando da relação entre família e escola nos dias atuais, outro fator que gerou mudança, refere-se à diversificação dos serviços educativos oferecidos pelas escolas particulares em resposta as demandas cada vez maiores das famílias. NOGUEIRA (1998), novamente citando BALLION, usa o termo “menu à la carte” para se referir ao cardápio variado disponibilizado a essas famílias, com a finalidade de atrair o consumidor à escola, a quem incumbe a obtenção do serviço educativo mais adequado à suas demandas segundo as possibilidades ofertadas no mercado (p. 51).

Vale perceber a distância que nos encontramos, caso comparamos essa situação com os tempos passados – século XVI e XVII - quando a reprodução social não dependia tanto assim dos títulos escolares – prendia-se ao nome –, atributo esse constituído pela sociedade moderna, quando o capital escolar passa a ter um papel bastante relevante (ZAGO, 2003). Ou seja, se na atualidade a escola se tornou um importante veículo de manutenção e ascensão social, os diplomas passaram a ser cada vez mais valorizados e almejados pelas famílias.

Entretanto, se nos deparamos com a heterogeneidade das famílias, suas múltiplas crenças e capitais, bem como com a complexificação da oferta escolar, concluímos que se essa expectativa varia bastante, a escolha do estabelecimento escolar, apesar de ter se tornado um objeto de estudo relevante, aqueles que se interessam por esse tema não devem perder de vista que essa escolha implica diferentes tipos e graus de investimentos.

As próprias entrevistas comprovam essa afirmação. Mostram, de forma diferenciada, o quanto os pais estão preocupados com os conteúdos escolares, as provas do vestibular, a possibilidade de ingresso nos melhores colégios e, conseqüentemente, com o futuro de seus filhos que, segundo suas crenças, pode ser alterado pelo tipo de escolarização que escolheram para eles. Indicam que entendem a escolaridade como uma forma de ascender socialmente.

Enfim, essas análises não só mostram outras formas de se pensar a escola e a família, como também indicam o quanto essas instituições se modificaram. Agora, como será que se encontra, hoje, a relação entre a Igreja e a família?

2.3. A influência dos valores religiosos sobre a família: sua força e poder

Em um de seus trabalhos, CAMARGO (1975) faz uma análise sobre formulação e reformulação dos padrões católicos referentes à família e aos papéis da mulher na sociedade (p.151). Indica que a Igreja, ao produzir um modelo de família, contou, muitas vezes, com a colaboração do Estado para propagar seus ideais de constituição familiar, bem como da atribuição dos papéis sociais tanto para o homem quanto para a mulher.

Ao mesmo tempo em que afirma que a ideologia cristã incutiu o sentimento de culpa e pecado, também assegura que a castidade e o sacrifício seriam fundamentais para uma vida digna, especialmente no que diz respeito à função da mulher na sociedade. Princípios esses que hoje se conflitam com as redefinições dos papéis femininos e masculinos que, segundo o autor, encontrar-se-iam em plena transformação, pressupondo uma posição mais reflexiva, crítica e ativa tanto dos homens quanto das mulheres (p. 152); portanto, com menores chances de aceitarem passivamente os padrões católicos de comportamento.

Historicamente, a Segunda Guerra Mundial delinea-se como um período de redefinição da norma familiar que antes pressupunha papéis sociais bastante explícitos para homens (pais) e mulheres (mães). A estas eram destinadas tarefas domésticas e suas principais atividades eram os cuidados com a família, incluindo a confecção e a limpeza das roupas, o preparo das refeições e a garantia da ordem da casa. A mulher vivia para o lar, não possuindo trabalho fora dele (p.157).

Além disso, é fato que o modo de produção capitalista industrial também proporcionou as bases para o desenvolvimento desse novo padrão familiar, estimulando a constituição das famílias pequenas, que seriam consideradas as mais preparadas para a competição econômica.

Para o autor, a urbanização reforça esse modelo de família que, por sua vez, se defronta com uma mudança na moral antes regida fortemente pelos ideais religiosos que definiam formas de organização familiares mais tradicionais (p. 153).

Para CAMARGO (1975), as transformações sociais teriam se acelerado enormemente no último decênio e, portanto, teriam resultado em profundos impactos no interior das famílias que, cada vez mais, se adaptam a essas transformações acabando por aderir plenamente a esse estilo de vida urbano. Participam ativamente da lógica do consumo vigente na atualidade, inclusive, propiciando que os sociólogos da educação lancem mão do termo “consumidores da escola”.

Nessa nova conjuntura, emergem outras formas de comportamentos masculinos e femininos, dando margem para que as mulheres se tornem mais atuantes e participantes do mercado de trabalho. Conseqüentemente, concluímos que estaria se dando uma ruptura com os modelos que perduraram ao longo da primeira metade do século XX, como, por exemplo, a diminuição da relevância dos aspectos sacrais e um questionamento sobre os valores societários frente a emergência do individualismo.

A própria revista “A família cristã”, dentre outros documentos da Igreja, segundo CAMARGO (1975), mostra que a instituição católica não só percebe essas mudanças, como a leitura de seus textos evidencia alterações na sua própria mensagem no que se refere à organização da família e aos papéis dos cônjuges:

Nesse campo da ética religiosa, a doutrina predominante do catolicismo brasileiro adere totalmente aos padrões da sociedade burguesa, e faz da ética familiar um instrumento de inserção das famílias nas sociedades de classe (*idem*, p. 159).

Uma das transformações essenciais é aquela que diz respeito à diminuição da assimetria de poder entre os cônjuges; ou seja, a flexibilização de uma excessiva autoridade paterna, que, conseqüentemente, implica a emergência de novas possibilidades sociais para a mulher (p.159).

A educação dos filhos, por exemplo, passa a ser uma questão mais partilhada e os novos modelos educacionais, ainda, possibilitam novas relações entre pais e filhos. Essas, por suas vez, passam a ser mais atravessadas pelo diálogo e pela comunicação e menos pelo autoritarismo: “A família hierárquica vai sendo pouco a pouco substituída pela família “igualitária” (FIGUEIRA, 1986) que valoriza o individuo, sua vida privada e suas opções, consideradas como expressão de seu “eu” verdadeiro” (NOGUEIRA, 2006).

Junto à necessidade do amparo material ganha relevância entre os cônjuges o debate sobre certos temas que envolvem a educação dos filhos de modo geral. A socialização, a transmissão de valores, atitudes e comportamentos e, principalmente, a educação escolar passam a ser preocupação constante a fim de que as crianças possam vir a ser mais adequadamente preparadas para a luta competitiva da sociedade, aspecto esse fundamental para as famílias na atualidade.

Entretanto, apesar das transformações acima descritas, bem como da redução da influência da Igreja sobre a sociedade e a necessidade de se sobreviver frente a uma

competitividade cada vez maior, algumas famílias entrevistadas deixaram transparecer o quanto a religião interfere nas suas maneiras de perceber o mundo:

Eu falo que a religião é o mesmo procedimento dos alcoólicos anônimos e vigilantes do peso. O que eles fazem? Eles te passam tudo aquilo que você não deve fazer e de tanto ouvir aquilo, você realmente não vai fazer porque você ouviu tanto, que você acaba não fazendo e começar de cedo é importante porque você vai saber os seus limites. Eu acho que deve ter, vale a pena ter. (Família 7, cuja mãe Sonia se define como espírita, porém já foi católica).

Não sou aquela beata também não (risos), mas procuro seguir tudo que manda, a catequese, primeira comunhão, essas coisas (Família 6).

Os relatos acima nos permitem apreender o peso da religião na vida dessas famílias e, nesse caso, a “religiosidade compõe tradicionalmente o sistema de sentidos que configura a casa - em sua poderosa e englobante dimensão moral” (DUARTE, 2008, p. 180).

Segundo a opinião da primeira mãe citada, a religião é concebida como instrumento regulador do comportamento do homem, meio pelo qual se aprende os limites do certo e do errado, do que se pode ou não fazer, do que se é ou não é permitido na vida em sociedade.

Apesar de não ser católica, evidencia uma crença de que esses valores não poderiam ser transmitidos por qualquer instituição de ensino, a não ser por uma instituição preparada, com certas características específicas. Explicita-se aí uma das razões por ter escolhido o Colégio Nossa Senhora de Fátima: os valores que seu filho/a poderia obter nessa escola.

Ainda em se tratando de religião, quatro famílias entrevistadas⁹ apontaram que o fator religioso foi, de certa maneira, determinante para a escolha da escola, a ele se agregando outros fatores que também foram levados em conta. Cabe comentar que, justamente, nessas famílias evidenciamos uma maior coesão e unidade familiar, sugerindo, então, a existência e a valorização de um *ethos* familiar em seu interior que, segundo as entrevistadas, deveria ser pré-requisito da escola que escolheriam para seus filhos; daí, entre outras razões, as famílias terem escolhido o Colégio Nossa Senhora de Fátima, ou seja, uma escola católica, de onde “naturalmente” emanariam os “melhores” valores educacionais igualmente valorizados por esses pais.

Além disso, as questões religiosas como tivemos a oportunidade de entender, estão muito associadas à própria manutenção da família:

⁹ As quatro famílias citadas se definiram como católicas praticantes, que frequentam a Igreja e cujos filhos já fizeram ou ainda vão fazer a Primeira Comunhão.

...porque eu procurei, até hoje procuro ir pelo menos a missa de domingo... a gente não falta, nem que caia canivete...Procurei sempre educar eles dentro da religião igual eu fui, porque para mim ajudou muito, eu falo pra eles que esse negócio dessas crises de adolescência não sei o que é, não tive tempo de ter, e ninguém lá em casa, ninguém teve. Meus irmãos, somos sete e ninguém teve tempo de ter essas crises. (Família 6)

Eu tinha referências de pessoas que já haviam estudado lá, a orientação do ensino também, religioso, que me agrada até porque eu sou católica e tenho essa questão dos valores... (Família 5, explicando porque escolheu a escola investigada).

Reforçando essas ideias sobre a questão da transmissão de valores pela escola católica, concluímos que as famílias acreditariam, nesse caso, que uma instituição religiosa seria mais preparada do que as outras instituições de ensino para transmitir os princípios básicos da vida social, demonstrando, ainda, que sozinhos não teriam capacidade suficiente para cumprir tal tarefa, necessitando por isso de uma ajuda externa ao universo familiar:

... acho que do que jeito que tudo anda hoje em dia a gente tem que dar uma referência além de casa, né? (Família 5)

...tem que ter uma ajuda, só a mãe não consegue não. Eles¹⁰ estão no mundo também, ne? (Família 6)

Como ela ia começar e tudo eu achei assim que um colégio com outra característica, e é menina, achei que um colégio de freiras ia ser bom para ela para conduzir toda essa parte da moral, da formação, acho que seria interessante... (Família 7)

Uma das falas da família 1 exemplifica como os valores morais são prezados pela escola católica e, além disso, como influenciam positivamente não apenas seus filhos, mas, também, a própria família como um todo. Essa mesma mãe ao citar o “Encontro de Famílias”, evento promovido pela escola, mostra o quanto essa prática repercute positivamente na sua relação com o marido e a filha:

...o ambiente religioso é muito importante, de vez em quando tem festa da família lá, né...encontro de famílias, nossa é uma coisa assim maravilhosa. Além dela, tem o lance meu com meu marido.. .é um evento para a família mesmo, aí nós três, a gente se abraça, é um momento que você... se você não

¹⁰ Gabriela, da família 6, se refere aos filhos.

for em um evento como esse, você não para, você não faz isso em casa, parar, se abraçar e falar: “Poxa, somos uma família. Somos nós três”. Então é muito bacana, ajuda até no lado familiar, na união da família mesmo.

A religião teria uma dimensão tão grande para a família 1 que a mãe faz uma longa citação explicando sua influência para a compreensão de determinados aspectos da vida e mesmo da morte.

Conta-nos sobre a postura adulta de sua filha frente a uma notícia da televisão relatando a morte de uma criança de um ano que estava com sua mãe na esquina de sua casa, quando um carro em alta velocidade as atropelou, causando a morte do bebê. Segundo a entrevistada, essa postura se deveria a própria educação religiosa recebida na escola que, nesse caso, a teria permitido ter um entendimento maduro da situação, sendo, inclusive, capaz de explicar a tragédia a partir de uma argumentação bastante particular:

...ela fala coisas que eu nunca pensei que ela fosse falar, ela entende as coisas, ela entende outras coisas também, que eu acho que é pela parte da religião na escola...Inclusive esse menininho que faleceu agora, era meu vizinho,né? Você tem que ver a forma dela encarar isso. Primeiro ela quis comprar flores, depois quis ir à missa. E lá na missa uma menininha questionou que ela não chorava porque ela não tinha sentimentos. Ai ela respondeu: “Eu não choro não é porque eu não tenho sentimento, é porque eu sei que ele está bem, que ele está do lado de Jesus, que foi Deus que achou que tinha que levar ele.

A mãe descreve sua filha, de dez anos, como muito dedicada e responsável. Também afirma que ela reza todos os dias e que, ainda, não gosta de se atrasar para o momento de oração da escola e, nesse caso, termina sua fala dizendo que “ali é o melhor lugar para ela”. Típica escolha de estabelecimento escolar que, consciente ou inconscientemente, parece ser determinada pela clara simetria entre o perfil da filha e da escola.

Podemos, então, afirmar que muitas das famílias investigadas perseguem um tipo de educação escolar para seus filhos que enfatiza os valores; é como se quisessem manter ou resgatar algo que consideram importante e que somente uma escola católica teria condições de oferecer.

Entretanto, na atualidade os colégios católicos e as próprias famílias para sobreviverem à lógica da competitividade, são obrigados a pensar em outras questões. Nesse caso, partindo para outro tipo de argumentação, principalmente quando se refere aos estabelecimentos de ensino de prestígio e, mais especificamente a Pontifícia Universidade

católica (PUC), SALEM (1982) considera que instituições confessionais seriam mais reconhecidas atualmente pela qualidade do ensino do que pela religiosidade; reflexão essa que podemos trazer do Ensino Superior para pensarmos a influência e a permanência das escolas católicas ao nível do Ensino Fundamental, como é o caso do nosso estudo. Mais especificamente, no capítulo três, procuraremos evidenciar em que medida a religiosidade é considerada um fator preponderante ou não no momento das famílias selecionadas realizarem suas escolhas:

Ademais, munido-se de um corpo docente altamente respeitável, a Pontifícia Universidade Católica garantia seu sucesso como centro de excelência acadêmica mas, por outro lado, e de modo paradoxal, acabava por trair seu projeto de universidade como veículo de evangelização . Em outros termos, a Universidade Católica se institucionalizou antes como um estabelecimento destinado a atender a elite em geral do que à elite católica e, nessa medida, seu perfil confessional e seu caráter de obra militante se desvaneceram. (*idem*, p. 123).

Como podemos constatar a lógica do mercado também impregnou a Igreja. E, nesse caso, duas questões parecem influenciar suas ações: sobreviver à lógica do mercado, focando na qualidade do ensino para assim poder contar com mais condições de competir com as outras escolas e/ou concentrar-se em sua tradição, crença e formação religiosa? Impasse esse que para muitos pode implicar uma contradição no interior dos estabelecimentos de ensino católicos, uma vez que como sustentáculos da Igreja teriam como finalidade maior desenvolver nos homens os mais altos valores.

Além disso, podemos notar que de acordo com SENRA (2007) se as escolas confessionais até os anos 1960 mantiveram uma posição de destaque no campo educacional (BOURDIEU, 1983) ao priorizarem o ensino das elites, a partir dos anos 1980, devido à própria complexidade do mercado, essa influência se espalha para outros segmentos sociais, gerando o próprio aumento da quantidade de escolas católicas que, nesse caso, passa a ter condições de atender um público escolar cada vez mais variado e que ao mesmo tempo se encontra cada vez mais espalhado pela cidade do Rio de Janeiro.

Esse movimento, inclusive, permite que os colégios confessionais adotem uma postura cada vez mais empresarial para sobreviverem:

Se os pressupostos defendidos pelos católicos, centrados nos direitos das famílias prevaleceram até a década de 1960, a partir do final da década

seguinte a argumentação preponderante passou a ter como pressuposto a relação custo/benefício da educação escolar (SENRA, 2007, p. 192).

Os estabelecimentos de ensino católicos, apesar de serem compelidos a adotar uma nova atitude para sobreviver, de fato, viviam e continuam vivendo essa contradição. A Associação de Educação Católica do Brasil (AEC)¹¹ que, durante os anos 1980, justamente, tinha como objetivo defender os seus interesses, através de uma postura conservadora, critica o empresariamento da educação e, ainda, defende suas escolas declarando que comporiam um grupo especial de escolas que deveria ser reconhecido como sendo algo público não estatal (p.17); estariam, nesse caso, questionando o conceito de “público”, como apenas monopólio do Estado e, ao mesmo tempo, criticando a presença crescente dos empresários na educação, seus ferrenhos concorrentes.

Essa disputa que acabou gerando o fortalecimento do segmento privado não religioso, consequentemente, teve como resultante a crescente identificação entre escola privada e prática empresarial. Incitou ainda mais os próprios estabelecimentos de ensino católicos a adotarem essa lógica, já que para se manterem se viram obrigados a adotar as mesmas regras do jogo que seus concorrentes.

Assim, ambos os lados – estabelecimentos de ensino laicos e religiosos - empreendem vultosos esforços administrativos, econômicos e educacionais visando o seu estabelecimento no concorridíssimo mercado escolar. Suas concepções empresariais de gestão e racionalidade que, muitas vezes, se tornam referência, inclusive, de eficiência e qualidade pedagógica, se espalham para o interior dos colégios católicos de bairro, inclusive, do Colégio Nossa Senhora de Fátima. Muitas vezes, passam até a se caracterizar como uma empresa que, como outra qualquer, tenta sobreviver às incertezas do mercado.

Portanto, se o discurso liberal e empresarial estrutura-se a partir do início da década de 1980, a antiga hegemonia do segmento católico se desfaz e o mercado educacional se vê diante, pelo menos, duas concepções históricas: “aquele que repõe o argumento da família como célula-mater das relações societárias (daí o direito de escolha) e aquele que põe o argumento da relação custo/benefício” (p. 193).

Enfim, a partir dessas considerações cabe perguntar: como se estrutura o Colégio Nossa Senhora de Fátima? Para sobreviver adota certa lógica do mercado? O que fazer diante das famílias que ao mesmo tempo em que priorizam os valores na educação escolar de seus

¹¹ Fundada em 1945, a AEC buscava ampliar o poder de inserção social da Igreja Católica, representando uma forma de manter a presença do catolicismo na educação escolar brasileira (SENRA, 2007).

filhos, também estão preocupadas com o seu vestibular, numa clara postura de que estão “de olho” em seu futuro, ou seja, sua estabilidade econômica?

2.4. O Colégio Nossa Senhora de Fátima: seu lugar no Méier

Frente aos problemas acima descritos no que se refere às mudanças de comportamento e valores sociais, bem como de aumento da concorrência no interior do mercado escolar, podemos concluir que os estabelecimentos de ensino confessionais encontram-se diante de grandes desafios, quando pensamos sobre sua sobrevivência.

Nesse caso, como podemos entender ou, mesmo, classificar a escola escolhida pelos pais entrevistados para seus filhos estudarem? Como se situa frente ao seu *ethos* religioso e as regras do mercado?

O Colégio Nossa Senhora de Fátima, fundado em 1964 no bairro do Méier, apresenta amplo espaço físico, e segundo Irmã Luciana, Diretora da escola, esse seria um dos atrativos da instituição e, inclusive, uma das possíveis razões das escolhas das famílias.

Dispõe de 30 salas de aula, duas quadras grandes, dois pátios, dois parquinhos e de uma capela. São quatro andares, sendo um dos prédios com três andares (contando o térreo como 1º andar), com salas e corredores longos. A rua onde fica a escola é uma rua de ladeira, não muito movimentada. Não há muito barulho de trânsito, porque normalmente não passam muitos carros e também não há circulação de ônibus: “Este espaço não se vê por aí”, afirma a própria Diretora.

Outros aspectos, no entanto, também foram ressaltados, como motivo da escolha: a segurança, por exemplo: “Quando matricula seu filho na escola, sabe que o filho está em boas mãos”, continua afirmando Irmã Luciana. Essa fala demonstra como a Irmã parece perceber a própria representação do colégio católico para as famílias, destacando a sensação de segurança que consegue transmitir a elas. Ou seja, os pais sabem que podem deixar seus filhos ali com a garantia de que naquele ambiente estarão seguros, pois internamente vivenciam essa sensação de que no colégio católico há segurança.

Ainda caracterizando a escola, nos corredores e na sala dos professores pudemos visualizar imagens de santos e orações. Também nas salas de aula, percebemos o crucifixo pendurado nas paredes, peculiaridades de uma instituição de ensino religiosa que procura socializar não apenas através da palavra, mas, também de símbolos.

De acordo com ALMEIDA (2002), as famílias ao delegarem a educação de seus filhos aos sistemas de ensino, buscam aquelas instituições que melhor correspondem aos valores que professam. Dessa forma, as escolas religiosas se apresentam como referência de um espaço escolar diferenciado, capaz de garantir a formação que desejam para seus filhos (p. 138). E, nesse caso, os valores depreendidos desses símbolos – crucifixo, imagem dos santos, orações, rituais – seriam, para algumas famílias, altamente educativos.

Irmã Luciana, entretanto, aponta um lado negativo sobre esse fato de as famílias creditarem na escola a boa educação de seus filhos, entendendo que, muitas vezes, essa responsabilidade da escola parece ser confundida com atribuições que deveriam ser das próprias famílias. Nesse caso, a escola católica acabaria por ser concebida pelos pais como a “salvadora”, a “redentora” de problemas que eles, pais, já não se sentiriam capazes de resolver: “Estão transferindo para a escola a responsabilidade de educar, que é da família. Se eles não sabem mais o que fazer, imaginem nós?”.

Embora pensemos que a fala da Irmã Luciana exemplifica uma realidade que envolve as instituições escolares de modo geral, acreditamos que essa transferência de responsabilidade para as escolas seja mais evidente em se tratando de uma escola religiosa. A simbologia da própria figura das “Irmãs” agregada às próprias características desse tipo de estabelecimento de ensino comporia parte do imaginário de alguns pais que depositariam nessas instituições uma confiança e certeza que se sobreporia à confiança e à certeza que teriam em relação a outros estabelecimentos de ensino.

A família 1, inclusive, destaca que as Irmãs são muito simpáticas e valoriza o fato delas chamarem as crianças pelos seus nomes. Esse tipo de tratamento dado pelas Irmãs parece transmitir não apenas a confiança aos familiares, como também demonstrar a importância de seus filhos para a instituição, sentimento compartilhado pelas crianças.

Apesar das transformações na sociedade induzirem à escola a necessidade de se adaptar aos novos tempos, a instituição pesquisada, independentemente de suas adequações, parece conservar determinadas posições, como a valorização da disciplina e do bom comportamento:

A gente vê que as Irmãs se preocupam com a disciplina, sabe? Todos os dias eles tem que fazer a forma na quadra e rezar antes de entrar na sala...eu acho isso legal...(Família 8)

Esse misto de posições faz com que o Colégio Nossa Senhora de Fátima, de outro lado, também se preocupe com a preparação de seu alunado para o vestibular, utilizando desde o ano retrasado uma coleção de livros da Rede Pitágoras de Ensino¹² instituído para tal fim. Conforme uma das professoras que auxiliaram na pesquisa empírica¹³, o material usado segue a linha do novo ENEM, o que segundo ela constitui uma das razões pela qual a escola tem recebido nos últimos anos uma maior quantidade de alunos.

Notamos com isso, uma clara preocupação da instituição com o desempenho de seus alunos, com sua colocação nos *rankings oficiais* e com os sistemas de avaliação atuais que, cada vez mais constituem aspectos relevantes para as famílias analisarem durante o momento de escolha. Podemos ainda, afirmar que essa postura, em última instância, pressupõe uma vontade da escola em buscar aquilo que acredita ser sua melhor opção para manter-se em pé de igualdade com os demais estabelecimentos de ensino com os quais estaria potencialmente concorrendo. Enfim, uma clara postura em direção à lógica do mercado escolar.

Na página principal do próprio *site* da escola aparece a notícia: “A melhor classificação regional do ENEM 2011 foi para o Colégio Nossa Senhora de Fátima”. Destaca, ainda, por meio de um gráfico, seu desempenho no ENEM nos últimos anos, nos confirmando que esse parece constituir um significativo diferencial da escola, apontado e reforçado pela Diretora: “Este resultado do ENEM é fruto de um longo processo educativo e o sucesso do Colégio Nossa Senhora de Fátima é a síntese do esforço, compromisso e empenho de toda nossa equipe: alunos, professores, funcionários”¹⁴.

Acreditamos que essa fala demonstra a preocupação da escola com o futuro profissional de seus alunos, na medida em que busca oferecer o melhor ao seu público, ou seja, alguns atributos que lhe garantam condições de competir nesse mercado escolar. Sendo assim, estaria implícito nesse discurso a consciência de que a disputa com as outras escolas da região impõe que o Colégio Nossa Senhora de Fátima ofereça o melhor serviço possível a fim de que assim possa ser diferenciado das demais instituições escolares que por ventura esteja concorrendo e, ao mesmo tempo, atenda às expectativas e necessidades das famílias que o procuram.

¹² A Rede Pitágoras apresenta uma significativa tradição na preparação para o vestibular. Disponibiliza uma coleção de materiais, livros didáticos utilizados por diversas escolas parceiras, que atualmente somam mais de 600 espalhadas pelo Brasil e fora dele.

¹³ Informações obtidas através de entrevista com a professora Clara no dia 25 de agosto de 2011.

¹⁴ Informações obtidas junto a Direção da escola e através do site do Colégio.

A escola atualmente possui 980 alunos e 80 funcionários, somando um total de 58 professores e sete Irmãs, que ministram as aulas de formação religiosa e atuam na gestão da escola.

Analisando esse quantitativo podemos fazer algumas ponderações. A quantidade de funcionários religiosos na escola parece pequena se comparada ao número de funcionários leigos, o que nos traz outro olhar para a atual realidade de algumas escolas católicas: a educação religiosa encontrar-se majoritariamente nas mãos de profissionais leigos.

Esse fato não é evidência, no entanto, de que as práticas religiosas deixaram de existir, uma vez que, como vimos, a Igreja busca de várias formas através de seus estabelecimentos de ensino manter sua tradição e, ao mesmo tempo, adaptar-se às novas exigências sociais. Nesse caso, parece que atualmente nos deparamos com uma flexibilização maior dessas práticas religiosas, que, cada vez mais coordenadas por um maior número de leigos, nos leva a questionar como esse caráter católico é concebido pelos alunos, pelas famílias, pelo estabelecimento de ensino e pela própria sociedade de modo geral.

Outra qualidade da escola, destacada por Irmã Luciana refere-se ao seu ambiente saudável. Demonstra bastante entusiasmo e orgulho ao comentar o momento em que as crianças todos os dias, antes de iniciarem suas atividades escolares, se reúnem, na quadra, para juntas rezarem uma oração: “Eu digo: estamos iniciando uma atividade e queremos que Deus esteja conosco”.

Valoriza o silêncio que essa atividade proporciona, como se permitisse que seus alunos se acalmassem da correria com que chegam de fora da escola: “600 alunos na quadra em silêncio é um verdadeiro milagre”. Além disso, de acordo com a opinião das famílias, o diálogo e o acesso à escola são facilitados pela boa recepção por parte das Irmãs, funcionários e professores.

Percebemos por meio do exemplo acima o claro amalgamento entre os preceitos religiosos e o ensino. Talvez seja isso que muitas mães procurem: esses momentos específicos da educação religiosa que, acreditam, teriam um poder de educar.

O colégio pertence à Congregação das Irmãs Franciscanas do Senhor que se instala no Rio de Janeiro em 1954. Entretanto, o colégio é fundado apenas em 1964, momento em que o Méier passava por algumas transformações e se caracterizava como um lugar de “carência religiosa”, conforme destacado pela Irmã Luciana; constituindo-se esse um dos fatores mais convenientes para sua fundação nesse bairro.

O Méier, que anteriormente havia sido uma fazenda de cana de açúcar, passou por várias mudanças, especialmente, nos anos 1950/1960, em função de uma significativa

explosão demográfica cujo responsável foi um acelerado desenvolvimento comercial em suas cercanias (FRAIHA & LOBO, 1999).

Localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, é popularmente conhecido como “a capital do subúrbio”, apelido que “carrega” desde a metade do século passado, quando adquiriu uma série de benefícios. Através de seu crescimento torna-se um bairro almejado por certas parcelas da classe média moradora do subúrbio, uma vez que acreditam que ofereça algumas facilidades que possam melhorar seu nível de vida. Com o passar das décadas, inclusive, se tornou um dos mais tradicionais bairros cariocas.

Uma característica marcante do bairro é sua rede ferroviária que como todo o subúrbio carioca divide seu espaço em dois lados: um deles mais fortemente caracterizado pelo comércio e outro mais residencial, onde o colégio se localiza. Esse lado, já ajustado pela especulação imobiliária, é mais composto por prédios do que por casas. Com o passar dos anos a escola se ampliou, motivada especialmente por demandas da comunidade local, oferecendo hoje do berçário ao Ensino Médio Técnico. Inclusive a mãe da família 1 destacou que sua sobrinha tinha um ano e nove meses e estava matriculada no berçário da escola:

Quando a creche começou, ela foi uma das primeiras alunas da creche...a minha irmã adora a creche de lá também. Então a gente não tem do que reclamar.

Nesse caso, percebemos que o colégio é de grande porte e que devido a isso possui visibilidade no bairro. Contando com um segmento que vai do berçário ao Ensino Técnico indica possuir infra-estrutura e ser organizado para permitir trajetórias escolares de longa duração. Enfim, investe para que seus alunos lá permaneçam por um longo período. Além disso, sua mensalidade de R\$ 327,33 permite que não seja reconhecido como o colégio mais caro do bairro.

De acordo com as características acima citadas e as fotografias abaixo podemos concluir que o Colégio Nossa Senhora de Fátima se empenha para manter-se como uma das opções das famílias moradoras do Méier. Mais do que isso, objetiva por meio de sua construção moderna e seus símbolos religiosos na fachada criar uma imagem que combina modernidade e tradição, eficiência e educação religiosa, permitindo, assim, que esteja “no páreo” entre os possíveis estabelecimentos de ensino escolhidos pelos moradores do bairro.



Fachada do Colégio Nossa Senhora de Fátima, que permite a visibilidade da estrutura da escola, um prédio alto, composto por quatro andares, cercado de casas pelos dois lados.



Fachada do Colégio Nossa Senhora de Fátima, com destaque para o símbolo religioso – São Francisco de Assis. De sua entrada já se percebe a presença dos valores religiosos reforçando a ideia da tradição dos símbolos católicos.



Ainda na entrada do Colégio pode ser visto outro símbolo católico: duas mãos entrecruzadas por uma cruz.

Abaixo um quadro resumindo algumas características do Colégio Nossa Senhora de Fátima já citadas anteriormente:

Perfil	Escola de grande porte, conta com 980 alunos e 80 funcionários. Possui duas quadras de esportes grandes e 30 salas de aula. Abrange do Berçário ao Ensino Médio Técnico.
Localização	Localiza-se em uma rua de ladeira do lado da linha férrea oposto a rua principal de maior comércio do Méier-Rua Dias da Cruz. O lado do trem onde o colégio se situa é majoritariamente composto por residências, especialmente prédios.
Rankings Oficiais: Desempenho no ENEM 2009	1793°
Rankings Oficiais: Desempenho no ENEM 2010	241°
Natureza	Confessional
Mensalidade aproximada	R\$ 327,33
Ano de fundação	1964

3. A MULTIPLICIDADE DE FATORES NO PROCESSO DE ESCOLHA

Trabalhos como os de BRITO & CAMPOS (2007) são bastante úteis para nossa análise. Desenvolvem um estudo sobre a presença, influência e importância da escola católica para a educação brasileira, bem como uma consideração acerca da situação atual das escolas católicas no Brasil. Enfim, estão interessadas em compreender os motivos que levam os pais a matricularem seus filhos em um colégio católico em uma sociedade laica.

Segundo as autoras, o colégio investigado – em São Paulo – tem conseguido preservar sua tradição, apesar de se encontrar situado em uma sociedade laica, onde o neoliberalismo e a globalização, muitas vezes, contrastem com seus valores e os da própria Igreja. (p.3).

Buscando compreender as razões que levaram algumas famílias a optarem pelo Colégio Passionista São Paulo da Cruz, as autoras apontam os principais motivos que apareceram na fala dos pais: a educação voltada para os valores, a competência profissional, a qualidade, o compromisso social e a ênfase na relação do educando com sua família (p. 12).

De acordo com a pesquisa das autoras, os valores e a qualidade do ensino, de modo geral, seriam os pré-requisitos mais importantes que os pais levariam em consideração no momento em que escolheram o Colégio Passionista para seus filhos.

BRITO & CAMPOS (*idem*) ainda destacam que as escolas católicas enfrentam atualmente grandes desafios, em decorrência da globalização, do sistema capitalista de produção e do neoliberalismo que geram novas maneiras de se relacionar e de estar no mundo e que, nesse sentido, se chocariam com seus princípios maiores, conforme já destacamos anteriormente. Apesar disso, acreditam, que essas instituições reconheçam seu papel nessa sociedade que, muitas vezes, seria o de frear certas transformações que, segundo a Igreja, teriam uma força mais destruidora do que edificadora.

Portanto, concluem que mesmo diante um futuro pouco promissor, os estabelecimentos de ensino católicos ainda buscarão manter sua missão e influência na vida de seus alunos: “Tendo presente à consciência do seu papel e dos desafios que são inerentes à missão de educar na atualidade, a escola católica pretende continuar a cumprir o seu papel, como esperam a Igreja e tantas famílias que nela depositam a tarefa da educação de seus filhos” (p.32). Ou seja, apesar de toda a crise que os estabelecimentos de ensino confessionais estejam vivendo, ao mesmo tempo em que permanecem fieis aos seus preceitos, procuram adaptar-se à nova realidade, prometendo um misto de tradicionalismo e modernização e de valores e eficiência.

Serão essas as razões pelas quais as famílias entrevistadas escolheram o Colégio Nossa Senhora de Fátima?

3.1. Os indivíduos: o foco central de nossa análise

Nosso estudo centra sua análise no indivíduo, ou melhor, no grupo de indivíduos - as famílias - a partir das relações que estabelecem com seu meio e com os outros. E para tal empreendimento acreditamos que o conceito de configuração social (ELIAS, 1994) torna-se fundamental na medida em que entende que esses agrupamentos formariam pequenas sociedades que deveriam ser compreendidas enquanto um espaço social no qual as experiências e disposições individuais são constituídas através da interação entre os próprios indivíduos.

Reconhecendo nas famílias um grupo muito variado, que compõe categorias mais amplas, buscamos compreender como a sociedade se materializa na prática a partir desses sujeitos específicos. Assim, as entrevistas realizadas nos trouxeram matizes de uma coletividade, mas também aspectos da particularidade própria do indivíduo – os entrevistados - relacionados à sua subjetividade.

Nesta pesquisa pensamos, no entanto, a estrutura subjetiva em forma de instituições sociais, ou seja, objetivada; sob a perspectiva das famílias. Esclarecendo melhor os termos, podemos dizer que enquanto o “subjetivado” diz respeito a uma internalização do social, o “objetivado” corresponde à externalização, podendo ser percebido, neste caso, através do ato de escolha dos pais por uma determinada escola para seus filhos.

Pretendemos, então, perceber esse entrelaçamento entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo através das falas dos entrevistados (DUBAR, 1998). Acreditamos que em algum nível, o discurso desses indivíduos represente o social: “Para entender de la manera más comprensiva posible las bases individuales de la acción, nos parece esencial tomar en cuenta las razones de los sujetos sociales” (ZANTEN, 2007, p. 270).

Assim, se ELIAS (1994) critica a concepção sociológica que exalta o indivíduo e sua subjetividade, bem como a tradição que focaliza somente a sociedade e que considera o indivíduo preso às determinações sociais, que opção devemos tomar? E se ainda, afirma que faltariam modelos teóricos que expliquem com maior clareza a relação entre indivíduo e

sociedade, ressalta que esta nasce justamente da interação entre os indivíduos, que a constroem mutuamente através de uma relação de interdependência.

Neste sentido, os estudos sobre as escolhas que as famílias fazem sobre estabelecimentos escolares para sua prole exigem que trabalhemos com a ideia de “rede” (*idem*), na qual o sujeito é concebido como um ser que nasce em um lugar já constituído e onde através do contato com as outras pessoas internaliza as regras do meio, bem como forja sua singularidade, definindo gostos e executando escolhas.

O próprio autor se utiliza das redes de tecido como metáfora para exemplificar essa ideia:

Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca (ELIAS, 1994, p. 35).

Portanto, apesar de já nascermos em um espaço pré-estabelecido, com suas regras e leis próprias, assim como o autor, reconhecemos esse espaço enquanto algo vivo no qual estamos incluídos, e que, nesse caso, com nossa rede de relações e ações contribuimos para alterar. Assim, se é fato que as famílias entrevistadas podem ser percebidas como pertencentes a algumas frações da classe média e que, nessas circunstâncias, estariam presas às suas próprias condições de classe, também é verdade que com base em suas relações teriam algumas possibilidades de determinar seu futuro.

O símbolo do jogo proposto por BOURDIEU (*apud* NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2004) também nos ajuda a entender essa situação. E se acredita na existência de uma ordem invisível que rege os comportamentos, também crê que os jogadores, com suas posições marcadas, apresentem certa liberdade para agir. Herdariam de sua socialização familiar um senso de jogo, um conhecimento prático que lhes possibilitaria saber como lidar com as situações associadas a sua posição social e aos capitais que detém. Nesse caso, tanto o gosto quanto as escolhas que poderiam forjar ao longo de sua vida encontrar-se-iam marcadas pelo seu *habitus* que, em última instância, expressariam seu pertencimento social (*idem*).

Avançando nessa discussão, LAHIRE (2004) igualmente contribui para que possamos romper com a dicotomia entre o objetivo e o subjetivo, entre o sujeito e a sociedade: o indivíduo à medida que sofre influências do meio, cria disposições, gostos, inclinações para

agir de determinada maneira ou de outra, conforme vimos no primeiro capítulo desta dissertação.

No entanto, para perceber essas disposições, o autor se debruça sobre um trabalho empírico bastante extenso procurando salientar as singularidades identitárias de seus entrevistados. E enquanto ele objetiva chamar a atenção para os matizes, as peculiaridades e as diferenças entre os indivíduos através de um contato duradouro com as famílias de sua análise (LAHIRE, 2004), nós, aqui, se não pudemos travar uma relação estreita com nossos entrevistados, buscamos não perder de vista uma de suas lições: não tentarmos homogeneizar comportamentos, gostos e práticas na tentativa de criar modelos que se distanciariam da realidade. Ao contrário, ao analisarmos e classificarmos as entrevistas das famílias em foco, procuramos não nos esquecer das singularidades.

Assim, a falta de imersão no contexto familiar dos entrevistados não nos impediu de aproveitarmos dessa ideia. Pensamos os resultados das escolhas como fruto de uma realidade fracionada, posto que foram feitas a partir de influências diversas, uma vez que estamos considerando as famílias como um grupo plural que por fazer parte de uma sociedade heterogênea também possui suas peculiaridades e especificidades.

Dessa forma, o comportamento das famílias, as formas de perceber o mundo, bem como de realizar suas opções se encontra imbricado a essa conjuntura, não podendo ser pensado fora dela. O autor, nesse caso, nos forneceria uma leitura mais contemporânea, considerando em suas reflexões essa realidade complexa e matizada na qual vivemos: “Os indivíduos são aquilo que suas múltiplas experiências sociais fazem deles” (LAHIRE, 2008, p. 376).

A pluralidade das escolhas aqui encontradas, portanto, expressaria as marcas e as idiossincrasias de uma sociedade complexa e diversificada. Seus resultados seriam, então, fruto de um cruzamento de experiências diversas, onde diferentes papéis como pai, filho e irmão, por exemplo, ao serem encontrados em uma mesma pessoa, afetariam escolhas e gostos. Consequentemente, ao procurarmos observar essa pluralidade na fala dos indivíduos, entendemo-la como algo que diz muito sobre suas escolhas.

Além disso, partimos da hipótese de que os variados espaços pelos quais os entrevistados transitam, ao mesmo tempo em que os tornaram multifacetados, resultado dos múltiplos processos de socialização ao longo da vida, permitiram que suas escolhas fossem pontuadas por vários fatores. Os diferentes universos pelos quais circulam acabam marcando de alguma forma suas características mais individuais:

Cada indivíduo atravessou no passado – e o faz permanentemente – múltiplos contextos sociais (universos, instituições, grupos, situações etc.); ele é fruto (e o portador) de todas as experiências (nem sempre compatíveis, nem sempre acumulativas e, às vezes, altamente contraditórias) vividas nesses múltiplos contextos (LAHIRE, 2008, p.376).

Dentro desse contexto, podemos falar na disposição que se forja no âmbito das múltiplas socializações e se apresenta como o princípio gerador que dá origem a determinados comportamentos. As crenças, gostos, preferências, ou seja, propriedades correspondentes a uma posição social específica incorporada pelos sujeitos tornam-se parte de sua própria natureza e implicariam em uma disposição para agir (LAHIRE, 2004).

Para finalizar essa exposição, cujos princípios permearam nossa análise, podemos dizer que as famílias não incorporaram a mesma disposição para agir de uma forma ou de outra. Dada sua heterogeneidade, historicidade, trajetórias e características peculiares, apresentaram determinadas disposições atreladas aos grupos sociais específicos nos quais encontram-se inseridos. Entretanto, se todas as famílias entrevistadas possuem algo em comum pelo fato de terem matriculado seus filhos na mesma escola, suas razões, com base no que afirmamos anteriormente, seriam diversas.

Portanto, as famílias serão estudadas a partir do espaço social no qual se inserem. Suas experiências e disposições sociais definidas como algo adquirido no exercício de uma relação específica entre os sujeitos que compõem sua rede social, ou seja, na instância social por onde circulam.

3.2. Quem são as famílias investigadas?

Considerando o universo de famílias entrevistadas podemos dizer que se trata de um grupo de indivíduos que, conforme dissemos no capítulo um, comporia uma nova classe média em ascensão, que, se por um lado não tem as mesmas condições de usufruto das elites ou das classes médias tradicionais, por outro lado dispõe de alguma quantidade de capital cultural e social que lhes permitem participar ativamente do mercado escolar e da busca por se manter ou ascender na escala social.

Considerando que o Brasil atravessa uma fase política e econômica que propicia a ascensão social especialmente para alguns segmentos de classe, entendemos que as famílias

pesquisadas se enquadrariam perfeitamente nesse contexto: ao mesmo tempo em que permite um maior poder de compra para as classes médias também vislumbra a possibilidade de uma mobilidade social por meio da escola. E ainda que haja uma desigualdade no interior dos mecanismos de mobilidade social, podemos também constatar que esse momento desenha um tipo de sociedade bastante plural e em constante movimento.

Reconhecendo a heterogeneidade e a fragmentação das camadas médias, através das entrevistas tentamos verificar algumas informações das famílias investigadas, como a renda, a composição do domicílio, o número da prole, o nível de escolaridade e a ocupação dos pais, por exemplo, como pistas que pudessem nos auxiliar na compreensão da representação de classe desse público, nos levando, conseqüentemente, a conhecer um pouco mais o perfil social dessas famílias.

Por meio dessas informações buscamos identificar, embora sem categorizações, o capital cultural e econômico que as famílias dispõem, bem como seu capital social, uma vez que acreditamos que, certamente, teriam influenciado as escolhas das famílias entrevistadas. Principalmente esse último que como uma rede informacional (BRANDÃO, 2003), teria sido ativada no ato da escolha do estabelecimento de ensino.

Portanto, acreditamos que se em um primeiro momento as famílias buscam a partir de seu capital social, ou seja, dessa relação institucionalizada e formadora de vínculos, diferentes contatos como formas de se aproximar daquilo que almejam, em outro, de acordo com esse “acervo”, possam, com base em uma análise posterior, chegar a uma decisão mais apropriada.

Como veremos através das entrevistas, o capital social constitui um dos principais fatores que interfere no ato de sua escolha, uma vez que a opinião de outros pais é muito importante para a decisão por uma escola. Devido a isso, esse recurso é normalmente utilizado e considerado pelas famílias.

Acrescenta-se a isso o fato de que o capital social apresenta uma característica potencializadora, ou seja, possui um efeito multiplicador, de expansão dos demais capitais; poderíamos dizer, portanto, que dispendo de muito capital social, o indivíduo, por exemplo, apresentaria maiores chances de aumentar o seu capital econômico (BOURDIEU, 1983).

Consideramos ainda que dominar as regras do jogo, bem como conhecer o universo escolar também implica posse de capital social, logo, maiores opções de escolha. Acreditamos, por exemplo, que os pais que buscam informações sobre as escolas do bairro com pessoas conhecidas e, além disso, procuram se atualizar sobre o perfil desses estabelecimentos, através de visitas e conversas, se caracterizariam como pais bastante

engajados e envolvidos no processo de escolarização de sua prole; portanto, com um leque de opções mais amplo.

Esses se apresentariam com grandes oportunidades de realizar uma “boa escolha”, uma vez que investiriam e disporiam de considerável volume de capital social.

Essas são as considerações que de agora em diante nortearão nossa análise que, segundo nossa hipótese, leva em consideração tanto os capitais familiares acumulados quanto o fato de que os entrevistados teriam suas disposições atravessadas pela transitoriedade e incertezas, características essas dos tempos em que vivemos.

De acordo com Irmã Luciana, uma característica que nos ajuda a entender o perfil dos pais entrevistados refere-se ao fato de descrever seu público escolar como sendo “bastante familiar”, o que em sua opinião se associa à ideia das gerações anteriores, como pais e avós, terem estudado na escola. Edna, mãe da família 5, cita diversos familiares que já estudaram na escola: “Parentes, sobrinhos, o padrinho dela, a irmã do padrinho...” E completa confirmando essa premissa quando diz que houve uma época em que havia muitos conhecidos seus na escola: “Tinha uma época que ela¹⁵ tinha seis primas estudando lá”.

Pudemos também concluir que os pais são, em geral, bastante ocupados e com uma vasta agenda de compromissos; o que pôde ser confirmado pela dificuldade que encontramos no agendamento das entrevistas. Irmã Luciana não só confirma essa observação, como, também, nos faz lembrar os modos de ser atuais; ou seja, um estilo de vida marcado pela pressa, pela pluralidade das funções sociais, enfim, um “tudo ao mesmo tempo agora” que, acreditamos afetar as escolhas: “Nas reuniões vem sempre os mesmos. Aqueles com quem a gente quer falar mesmo, nunca vêm”. NOGUEIRA (1991) define bastante bem esse perfil:

Esses pais não têm muito contato com os professores de seus filhos. Raramente frequentam as reuniões de pais e quase nunca fazem parte das associações de pais de alunos. E ao serem indagados do porquê dessa abstenção, justificam via de regra taxativamente com a expressão: “não temos tempo” (p. 100).

Essa característica, no entanto, não pode ser confundida com pouco envolvimento, uma vez que esses pais investem bastante na escolarização de seus filhos e, nesse caso, possuem claras expectativas em relação ao seu futuro, como as entrevistas nos permitiram perceber.

¹⁵ Refere-se a sua filha.

Outro aspecto a ser salientado é que se verificou que se algumas famílias católicas são praticantes¹⁶, outras nem tanto¹⁷, também existem aquelas que professam outra religião¹⁸. Esse fato, apenas confirma que outras razões que não o aspecto religioso propriamente dito levou alguns pais a optarem pelo Colégio Nossa Senhora de Fátima.

Concordando com o já dito no capítulo anterior e que será evidenciado mais adiante, concluímos que o que, muitas vezes, determinaria a escolha não se encontra diretamente ligado à questão religiosa em si, mas sim aos valores e atitudes professados pelo estabelecimento de ensino religioso que, para esses pais, estaria em maiores condições do que outras de inculcar certos comportamentos em seus alunos.

Um claro projeto de ascensão social também é aspecto relevante a ser considerado. Todas as famílias apresentaram essa expectativa, investindo ao máximo na escolarização de seus filhos. Demonstraram que a familiarização com o universo escolar e a posse de uma considerável rede de informações seriam capitais amplamente ativados para o cumprimento desse objetivo. Ao permitirem uma capacidade maior para tomar suas decisões, considerando, inclusive, o mercado escolar da região, bem como as características dos estabelecimentos de ensino existentes no Méier, acreditam que estariam mais próximas desse intento.

Outro aspecto a ser salientado é que se o Colégio Nossa Senhora de Fátima situa-se no Méier, as famílias entrevistadas igualmente são moradoras desse bairro. Todas são compostas por pai, mãe e filhos e, surpreendentemente, não encontramos nenhum casal divorciado. Será que podemos ligar essa circunstância ao fato da escola ser católica/religiosa? Acreditamos que sim.

Esse fato nos permite imaginar que se tratam de grupos familiares mais sólidos e na nossa concepção, um pouco mais tradicionais¹⁹ do que outras famílias que, nesse caso, poderiam escolher outro tipo de estabelecimento de ensino.

Entretanto, cabe salientar que essa realidade nem sempre se encontra associada à religiosidade, como já afirmamos, uma vez que encontramos famílias que embora, católicas, se dizem não praticantes e para as quais a religião em si não influenciou na escolha da escola. Pudemos, então, concluir, que a escolha se deve mais a questão dos valores e atitudes ensinados do que a religião propriamente dita. Ainda percebemos que algumas opiniões dadas

¹⁶ Entendemos como católicas praticantes aquelas famílias que frequentam a Igreja regularmente e cujos filhos foram batizados e fazem ou irão fazer a Primeira Comunhão.

¹⁷ As famílias, entretanto, se definem na sua maioria como católicas.

¹⁸ Como a outra religião, temos segundo as falas das mães, o espiritismo.

¹⁹ Dizemos “tradicionais” para nos referir a forma como essas famílias concebem o ensino e os valores.

nas entrevistas confirmam que as famílias, especialmente valorizam o “ensino tradicional” da escola. Mas, o que as famílias quiseram dizer com isso?

A família 3 deixa transparecer que valoriza o conteúdo, o ensino tradicional, em detrimento das práticas mais lúdicas e inovadoras que a escola tenta desenvolver atualmente. Inclusive, nesse contexto, compara o Colégio Nossa Senhora de Fátima com o Colégio Martins²⁰:

Eles colocam aula de jogo, porque o jogo melhora a concentração... eu não gosto, acho que perde tempo com isso. Quando eu comparo com o Colégio Martins, lá tem mais tempo de matemática, de português...o horário lá é de 13 as 18h, a carga horária é bem maior...

Outros, como a família 5, apesar de considerar o Colégio Martins “puxado” em relação ao ensino, ainda assim não escondem o desejo de que seus filhos possam estudar no colégio em determinado momento; tornando-se o exemplo do que acreditam seja um ensino tradicional de alta qualidade :

Eu estudei no Martins do Méier, mas eu achava eles²¹ muito pequenos para encarar esse desafio...Eu gostaria de colocá-los lá, mas um pouquinho mais adiante...”

A família 4 apresenta opinião semelhante quando se trata do ensino:

Na época, eu gostava mais do método tradicional. Eu acho que funciona mais, mas agora que tudo mudou, eu estou tentando me adaptar, porque até o Nossa Senhora de Fátima está mudando também.

Apesar de não termos encontrado casais separados, observamos algumas situações que mostram a heterogeneidade que caracteriza as famílias atuais, conforme descrevemos no capítulo anterior: casos como de adoção, família morando com avós da criança e outra dividindo parte da residência com uma pessoa que não pertence ao núcleo familiar. Sintomas que comprovam que até as famílias nucleares mais tradicionais encontram-se em mutação.

De acordo com a Diretora da escola, o perfil das famílias atendidas vem mudando constantemente, já que cada vez mais os pais das crianças apresentam nível superior, o que, segundo ela, até bem pouco tempo atrás não seria possível de ser encontrado. “ Poucos pais

²⁰ Como veremos adiante, o Colégio Martins é referência no Méier em termos de preparação para o vestibular.

²¹ Refere-se aos seus filhos.

possuíam o nível superior. Eram autônomos, comerciantes...Mas essa realidade está mudando, cada vez mais os pais apresentam nível superior”. Confirmando sua fala, se de um lado pudemos constatar que todas as mães entrevistadas possuíam nível superior²², de outro, também, acreditamos que, apesar dessa característica comum, pertençam a diferentes grupos sociais, que apresentam diferenças entre si em termos de posse de capital cultural e econômico. No entanto, é fato que esses pais, cujos filhos encontram-se matriculados no colégio, têm aumentado seu capital cultural e, nesse caso, podido escolher seus estabelecimentos escolares com mais discernimento.

Se antes os pais eram em sua maioria autônomos ou comerciantes, hoje, das oito famílias entrevistadas, enquanto cinco são engenheiros, gerentes de banco ou funcionários públicos, os três restantes são taxistas, motoristas ou técnicos em eletrônica. Logo, a elevação da função social dos cinco pais, caso comparada com a profissão da maioria dos pais no passado, de acordo com a Diretora, é acompanhada por certo desnível em relação aos outros três pais, cujas profissões definiríamos como subalternas e de pouca especialização.

Esse aspecto pode inclusive ser determinante para estudos sobre instituições de ensino católicas. Ajudariam a traçar seu perfil, sua trajetória e seu DNA dentro do quadro dos estabelecimentos de ensino católicos como um todo.

Nessa perspectiva, segue abaixo uma pequena descrição sobre as famílias a fim de que possamos ter uma visão mais clara sobre algumas de suas características que julgamos relevantes para nossa análise nos itens posteriores. Acreditamos que dados sobre moradia, salário, escolaridade e profissão dos pais sejam informações relevantes que nos ajudam a entender a escolha do Colégio Nossa Senhora de Fátima pelas famílias entrevistadas:

Família 1

A família 1 é composta pelos pais e pela filha, de dez anos. Define-se como católica praticante, possui casa própria e, tanto o pai quanto a mãe apresentam nível superior, com formação em Administração. Ambos são gerentes do Banco Bradesco, localizado na rua principal do Méier. Inclusive, a entrevista foi realizada no próprio local de trabalho, uma vez que a mãe afirmou que assim seria de mais fácil agendamento.

Ana, a mãe, caracteriza a filha como uma criança muito responsável e enfatiza a seriedade da menina em relação à escola e às atividades escolares. Para ela, sua filha apresenta um comportamento maduro para sua idade, e, inclusive, aponta como um fato

²² Com a maioria delas tendo realizado a graduação em Universidades particulares.

curioso a postura da criança se diferenciar dela e do marido que, na sua opinião, são mais descontraídos e despojados.

Ana parece bastante envolvida com a escola, participando com regularidade dos eventos promovidos por ela, apesar de ter uma agenda com muitos compromissos. Demonstra estar muito satisfeita com a escolha do Colégio Nossa Senhora de Fátima.

Família 2

A família 2 é constituída pelos pais e por um casal de filhos, de 12 e dez anos. Dizem-se religiosos, mas não praticantes. Afirmam, inclusive, que o fato de a escola ser católica não determinou sua escolha pela mesma. A família também possui casa própria e enquanto a mãe cursou a Faculdade de Direito, o pai fez Engenharia, ambos na Universidade Veiga de Almeida. De acordo com o quadro que será apresentado mais abaixo, a mãe não trabalha e o pai, engenheiro, é funcionário em uma empresa de elevadores.

Família 3

A família 3 é formada pelos pais e por uma única filha de dez anos. Definem-se como católicos praticantes, possuem casa própria e ambos são formados em Direito. Enquanto a mãe bacharelou-se pela Universidade de Nova Iguaçu, o pai formou-se pela Universidade Gama Filho. Atualmente são funcionários públicos e trabalham no Fórum do Méier.

A mãe demonstrou ser bastante atenta e preocupada em relação à educação da criança, acompanhando inclusive o desempenho da escola nas avaliações nacionais, como veremos mais adiante. A família mora em uma vila de casas situada próxima ao Colégio Nossa Senhora de Fátima.

Família 4

A família 4 é composta pelos pais e três filhas, de 13,12 e dez anos. Todas são alunas do Colégio Nossa Senhora de Fátima. A família se diz católica, porém não praticante. Possui casa própria (apartamento) e com nível superior, a mãe, apesar de ter feito Filosofia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) não trabalha. O pai é analista de sistemas.

Daiane, a mãe entrevistada, apresentou um comportamento bastante tranquilo, não demonstrando ser muito exigente em relação à educação das crianças. Porém, se nos pareceu ter uma postura um pouco conservadora quando destaca que gostava do ensino mais tradicional antes utilizado pela escola, também mostrou que esteja tentando se adaptar ao novo método adotado pelo Colégio Nossa Senhora de Fátima.

Família 5

A família 5 é formada pelos pais e por um casal de filhos, de 13 e dez anos. Moram com os pais da mãe (avós das crianças). Dizem-se católicos praticantes. Edna, a mãe entrevistada, possui nível superior em Relações Públicas, formada pela Universidade Gama Filho (UGF), e trabalha como secretária há 19 anos em uma mesma empresa. Seu marido é técnico em eletrônica, porém, atualmente, trabalha como taxista de seu próprio carro.

A realidade dessa família difere um pouco das famílias anteriores. Edna mora na casa dos seus pais, uma vez que devido ao desemprego do marido tiveram que vender a casa onde moravam para comprar o taxi. Edna demonstra preocupação em relação à situação financeira, reconhecendo as limitações impostas pelas condições objetivas de sua vida familiar, implicando, inclusive, em dificuldade para planejar o futuro escolar de seus filhos. Apresenta um comportamento bastante exigente e, ainda, demonstra conhecer bem o mercado escolar do Méier. Assim, tenta ajustar o perfil de suas crianças às características do estabelecimento de ensino, o que poderá ser percebido no item que analisa as entrevistas.

Família 6

A família 6 é composta pelos pais e por três crianças, de nove, 11 e 12 anos. Define-se como católica praticante. Apresenta menor capital cultural e econômico, quando comparada com as demais entrevistadas. Mudou-se do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida e escolaridade para as crianças.

Os três filhos estudam em escolas particulares, porém em condições diferentes: as madrinhãs de dois deles pagam a mensalidade em uma determinada escola. Sendo assim, os dois filhos mais velhos estudam em uma escola, na qual as madrinhãs dão o suporte financeiro e o mais novo no Colégio Nossa Senhora de Fátima, o estabelecimento de ensino pesquisado.

A moradia da família é mais simples, pequena, com pouco espaço, do tipo conjugado e dividida com uma senhora viúva, que reside na parte da frente.

Apesar disso, a mãe apresenta nível superior, fez Pedagogia no Centro Universitário Augusto Motta (SUAM), o que foi relatado como um momento de muita dificuldade para a família, em termos de conseguir conciliar o trabalho e seus estudos e os das crianças. O marido é motorista de uma empresa.

A mãe, embora apresente menor conhecimento do universo escolar do que as outras mães, possui certa capacidade de pensar sobre as escolas de seus filhos. Reconhece que o

Colégio Madre Guell (escola em que dois de seus filhos estudam) apresenta mais exigências no que se refere ao conteúdo do que o Colégio Nossa Senhora de Fátima.

De qualquer forma, mais presa as oportunidades objetivas de vida, fala pouco sobre aspirações escolares futuras para seus filhos. Gosta dos dois colégios, apesar de preferir o Colégio Nossa Senhora de Fátima, especialmente devido ao fato de localizar-se mais perto de sua residência.

Família 7

A família 7 é constituída pelos pais e por três filhos, dois biológicos e uma filha adotada, Lucia. Os filhos biológicos têm 19 e 22 anos e a filha adotada, dez. Define-se como espírita e os pais apresentam alto nível de formação e de empregabilidade, principalmente da mãe: Sonia é servidora pública da Fundação Oswaldo Cruz há 26 anos, formada em Biologia pela Universidade Souza Marques; fez Mestrado em Biologia Molecular na Fiocruz e atualmente está cursando o Doutorado em Ciências Médicas na Universidade Federal Fluminense (UFF). Seu marido é engenheiro mecânico.

Além da alta escolaridade dos pais, alguns outros fatores parecem evidenciar que essa família dispõe de um capital cultural e econômico maior que os demais pais entrevistados. Por exemplo, os filhos adolescentes cursaram o Ensino Fundamental no Colégio Martins, a escola particular de prestígio e alta mensalidade situada no Méier; fizeram cursinho preparatório para o vestibular, passaram para o Colégio Pedro II e atualmente cursam o Ensino Superior em Universidades Públicas (UERJ e UFF).

Além disso, a filha mais nova, por apresentar problemas de saúde, faz tratamento com o neurologista e já fez ginástica olímpica. A família reside em casa própria, um apartamento grande, bem estruturado e organizado, situado em uma área residencial do Méier (do mesmo lado onde se localiza a escola).

A mãe apresenta uma postura bastante exigente e apesar de declarar gostar do Colégio Nossa Senhora de Fátima, faz muitas críticas ao método de ensino adotado pela escola.

Família 8

A família 8 é composta pelos pais e uma filha de dez anos. Define-se como católica, porém não praticante. A mãe, com curso superior de Pedagogia na Universidade Veiga de Almeida (UVA), é professora do município do Rio de Janeiro em um colégio em Del Castilho, próximo ao Méier. O pai, com o nível Médio, trabalha como técnico em eletrônica.

Entretanto, possuem casa própria, um apartamento bastante estruturado e organizado situado próximo ao Colégio Nossa Senhora de Fátima. A mãe apresenta um comportamento tranquilo, ressalta a importância dos valores transmitidos pela instituição católica e, por isso, se mostra muito satisfeita com sua escolha, não apresentando o desejo de transferir a criança de escola.

Pelo fato de ser professora, concordando com NOGUEIRA (1998), que os define como os pais mais estrategistas e bons conhecedores do sistema escolar, Nilce reconhece que a escola religiosa se diferencia das demais, especialmente no aspecto dos valores transmitidos.

Outra observação que, de imediato, podemos fazer diz respeito ao perfil sócio-cultural das famílias: as universidades cursadas pelos pais, na grande maioria, são privadas e localizam-se no subúrbio carioca. Ou seja, não se trata de universidades públicas, alvo de grandes parcelas das classes médias.

Segue abaixo um quadro para melhor visualizar as informações acima:

Família	Salário²³	Escolaridade (mãe)	Escolaridade (pai)	Ocupação (mãe)	Ocupação (pai)
1) Ana	7 a 10	Superior (Administração)	Superior (Administração)	Gerente do Banco Bradesco Méier	Gerente do Banco Bradesco Méier
2) Claudia	7 a 10	Superior (Direito)	Superior (Engenharia)	Não trabalha	Engenheiro (Empresa de elevadores)

²³ Perguntamos em qual faixa de valores a renda da família estava inserida: 1 a 3 salários mínimos/4 a 6/ 7 a 10 ou acima de 10 (conforme o questionário em anexo no final desta dissertação).

3) Carina	7 a 10	Superior (Direito)	Superior (Direito)	Funcionária pública (Fórum do Méier)	Funcionário público (Fórum do Méier)
4) Daiane	Acima de 10	Superior (Filosofia)	Superior (Analista de Sistemas)	Não trabalha	Analista de sistemas
5) Edna	7 a 10	Superior (Relações Públicas)	Médio (Técnico em eletrônica)	Trabalha como Secretária	Taxista
6) Gabriela	4 a 6	Superior (Pedagogia)	Médio	Desempregada	Motorista
7) Sônia	Acima de 10	Superior (Biologia) / Mestrado (Biologia Molecular) e Doutorado em andamento (Ciências Médicas)	Superior (Engenharia Mecânica)	Funcionária Pública (pesquisadora da Fiocruz)	Engenheiro Mecânico, trabalha com obras
8) Nilce	Acima de 10	Superior (Pedagogia)	Médio (Técnico em eletrônica)	Funcionária Pública (Professora do Município do Rio)	Trabalha como técnico em eletrônica em uma empresa

Tratam-se, enfim, de famílias, que fazendo parte das classes médias encontram-se hoje marcadas por diferenças internas, trajetórias e idiossincrasias; aspectos esses que reforçam a ideia da segmentação que existiria no interior dessa classe social:

No entanto, as camadas médias não constituem um universo social homogêneo, havendo segmentos diversos em seu interior, seja em função de condições socioeconômicas, seja devido ao capital cultural de que dispõem. Por isso, os integrantes de cada segmento dessas camadas desenvolvem práticas específicas, objetivando o sucesso escolar dos filhos (ROMANELLI, 2003, p. 102).

3.3. O mercado escolar do Méier

Antes de seguirmos para a análise das entrevistas, nos propomos neste item a fazer algumas considerações sobre o mercado escolar do Méier com o objetivo de dar maior visibilidade ao que as famílias dispunham em termos de escolas para realizar suas escolhas.

Ao nos depararmos com a escola investigada e, mais ainda, com as demais escolas privadas do Méier, inclusive as não religiosas, concluímos que as famílias ao compararem essas escolas com o Colégio Nossa Senhora de Fátima nos forneceram dados importantes para analisarmos o mercado escolar da área.

Pudemos perceber a gama de alternativas de que dispunham para realizar suas opções e, ainda, que estratégias e parâmetros utilizaram diante da diversificação dos estabelecimentos escolares disponíveis. Notamos, também, o quanto a maioria das entrevistadas são mães que pesquisam, comparam e refletem sobre os possíveis processos educativos a que seus filhos estarão expostos. Utilizam-se, portanto, de ações e mecanismos em busca de um diferencial de qualidade possível para a escolarização de seus filhos.

Constituindo um mercado de escolas bastante diversificado, encontramos no bairro um significativo número de escolas em ambos os lados da linha férrea. Em um universo de 67 escolas privadas e destas, seis religiosas²⁴, podemos destacar algumas diferenças entre elas, como: mensalidade, localização (estar ou não no mesmo lado da linha de trem que as moradias), a oferta ou não de um Ensino Médio e o seu caráter laico ou religioso.

Ao nos debruçarmos sobre esse mercado, notamos que quatro escolas - Colégio Martins, Colégio Imaculado Coração de Maria, Colégio Santa Mônica²⁵ e Colégio Metropolitano - aparecem com mais frequência na fala dos pais entrevistados. Sendo assim, na análise das entrevistas, nos deteremos apenas nessas escolas, na medida em que são as escolas que concretamente aparecem como uma possível escolha para as famílias.

²⁴ Incluímos neste levantamento obtido através da Coordenadoria Metropolitana III (totalizando 67 escolas privadas e 6 religiosas), as escolas de pequeno porte, como as que oferecem somente a Educação Infantil.

²⁵ Apesar do nome, o Colégio Santa Mônica é uma instituição privada laica.

Em se tratando de escolas religiosas, das seis que compõem o bairro do Méier, as de maior conhecimento das famílias pesquisadas são o Colégio Imaculado Coração de Maria e o Colégio Nossa Senhora de Fátima (colégio investigado). O Colégio Imaculado Coração de Maria, que se localiza bem próximo a nossa escola de análise, apresenta mensalidade superior ao nosso estabelecimento de ensino investigado, constituindo essa uma forte razão para a sua não escolha por algumas famílias entrevistadas.

As outras quatro escolas religiosas são escolas de pequeno porte, de pouco prestígio, quase desconhecidas pelas famílias entrevistadas. Inclusive, não possuem o Ensino Médio e por isso não participam do ENEM. A que podemos considerar um pouco mais conhecida destas, porém pouco citada, é o Educandário Madre Guell, que por ser a única escola religiosa a apresentar mensalidade equivalente ao nosso colégio e situar-se do mesmo lado da linha de trem, optamos por entrevistar duas famílias.

Para esta pesquisa, apesar de se tratarem de escolas católicas, consideramos que não compõem um universo de possíveis escolhas para as famílias entrevistadas. No entanto, constitui esse um dado bastante relevante para pensarmos a escolha das famílias pelo Colégio Nossa Senhora de Fátima, uma vez que dentre as seis escolas com características religiosas presentes no bairro do Méier, apenas uma, o Colégio Imaculado Coração de Maria, parece competir em condições de igualdade com nossa escola.

Seguem as escolas religiosas localizadas no bairro do Méier:

Escola	Ano de Fundação
Imaculado Coração de Maria	1920
Educandário Madre Guell	1956
São João Batista	1958
Colégio Nossa Senhora de Fátima	1964
Parque São José	1986
Paulo VI	1996

As quatro escolas a que nos determos na análise das entrevistas apresentam mensalidade superior ao Colégio Nossa Senhora de Fátima. Das escolas religiosas, o Educandário Madre Guell apresenta mensalidade mais ou menos equivalente (R\$ 355,15),

como dissemos, e por isso entrevistamos duas mães da referida escola para fins de comparação.

Em termos de localização, duas escolas se localizam do mesmo lado da linha férrea do Colégio Nossa Senhora de Fátima – o Colégio Santa Mônica e o Colégio Imaculado Coração de Maria - e duas se localizam do lado oposto da linha férrea – O Colégio Martins e o Colégio Metropolitano.

Enfatizamos que as famílias entrevistadas moram no mesmo lado da linha de trem do Méier onde se localiza o Colégio Nossa Senhora de Fátima, fator significativo e que explica bem a questão da escolha quando se refere à distância, ou seja, as escolas que se localizam do outro lado da linha de trem onde residem são consideradas afastadas e por isso menos possíveis de serem escolhidas. Como se vê, a distância da moradia é critério primordial para algumas famílias. Sendo que para a não escolha dos colégios que se localizam próximos, estão presentes certamente outras razões.

Todas as quatro escolas analisadas apresentam o Ensino Médio e apenas uma delas – o Colégio Imaculado Coração de Maria - se caracteriza como uma escola confessional.

Segue abaixo um quadro que nos ajudará a visualizar esse mercado. O quadro destaca alguns aspectos - perfil das escolas, localização, desempenho nos *rankings oficiais*, natureza dos estabelecimentos de ensino, mensalidade e ano de fundação - que, com certeza, estariam contribuindo para as famílias entrevistadas escolherem o Colégio Nossa Senhora de Fátima.

Quadro de qualidades de outras escolas do bairro do Méier citadas pelas famílias

	Colégio Martins	Colégio Imaculado Coração de Maria	Colégio Santa Mônica	Colégio Metropolitano
Perfil	Escola grande ²⁶ / Considerada a melhor escola do bairro / conteudista / Para quem busca aprovação no vestibular	Mais antiga das escolas citadas. Escola religiosa que oferece o Ensino Médio.	Apresenta mais de uma filial espalhada pelos bairros do Rio.	Escola também considerada tradicional no Méier.
Localização	Do outro lado da linha do trem em comparação com o Colégio N. S. de Fátima.	Mesmo lado da linha do trem do Colégio N. S. de Fátima e, ainda, a mais próxima.	Mesmo lado da linha do trem do Colégio N. S. de Fátima.	Do outro lado da linha do trem do Colégio.
Rankings oficiais : desempenho no Enem 2009	Colocação: 544 ^a Media total: 657,24	Colocação: 4192 ^a Media total: 572,07	Colocação:2741 ^a Media total: 598,33	Colocação: 1188 ^a Media total: 634,62
Rankings oficiais : desempenho no Enem 2010	Colocação: 266 ^a Media total:672,06 Participação: 91,9%	Colocação: 2254 ^a Media total: 598,54 Participação:75%	Colocação:1402 ^a Media total: 624,26 Participação: 93,9%	Colocação: 827 ^a Media total: 641,78 Participação: 92,7%
Natureza	Privada não religiosa	Privada religiosa	Privada não religiosa	Privada não religiosa
Mensalidade aproximada	950,00	408,00	444,54	629,00
Ano de fundação	1967	1920	1937	1932

O Colégio Martins foi citado como uma referência, constituindo um modelo de escola ideal para algumas entrevistadas, sendo apontada, até mesmo, como a melhor escola do bairro

²⁶ Em termos de estrutura física. A escola conta com laboratórios, salas de multimídia, auditório, quadras de esportes, cantina e restaurante.

por três mães. Trata-se, inclusive, de uma escola bastante grande fisicamente falando, com a maior mensalidade dentre as escolas citadas e, possivelmente, de todo o bairro do Méier. A escola tem até a Educação Infantil separada em outro prédio, o “Martinsinho”.

Também foi aquela que apresentou a melhor colocação no Enem nos anos de 2009 e 2010²⁷ em relação às escolas expostas no quadro acima. Entretanto, apesar desse seu prestígio entre as mães, não foi considerada como uma opção devido à incompatibilidade entre o seu perfil e as condições do filho/a, no caso da família 7, e entre o perfil da escola e a imaturidade dos filhos, no caso da família 5:

Eu estudei no Colégio Martins do Méier, mas eu achava meus filhos muito pequenos para encarar um desafio, porque o Colégio Martins é aquela coisa, comendo livro, comendo caderno, comendo giz” (risos) (Edna)

Já o Colégio Imaculado Coração de Maria, escola religiosa localizada a poucos metros do Colégio Nossa Senhora de Fátima, na maioria dos casos, não foi apontada como uma opção devido ao maior valor da mensalidade – muito alta - ou por influência de outras opiniões a respeito da qualidade no ensino, o que mostra a força do capital social nas decisões das famílias:

... eu conhecia também o Coração de Maria, mas lá era mais caro, né?(Família 6)

O Coração de Maria é até mais próximo, mas eu já escutei falar que o Nossa Senhora de Fátima tem um ensino mais avançado que o Coração de Maria. (Família 1)

... pelos boatos, todo mundo fala que é mais fraco. Eu nem entendo porque é mais fraco, porque eu vejo o livro da colega da série dela e é a mesma coisa, a mesma matéria...mas todo mundo diz que é mais fraco. (Família 3)

Ressaltamos aqui que a representação de melhor escola está sempre associada a uma série de questões relacionadas ao imaginário e a idealização dos pais, bem como as suas convicções e objetivos, conforme nos aponta ZANTEN (2007). Os argumentos para definir esse “melhor” devem ser pensados, segundo a autora, dentro do contexto individual de cada

²⁷ Os resultados do Enem 2009 e 2010 foram retirados da seguinte fonte: www.ultimosegundo.ig.com.br/educacao/enem. No Enem 2009, o Colégio Nossa Senhora de Fátima ficou na 1793ª colocação, com média total de 619,37 e no Enem 2010 na 241ª colocação, com média total de 674,14 (apresentando 100% de participação).

família que se utiliza do procedimento de comparar os estabelecimentos de ensino, levando em consideração o mercado de opções a que elas têm acesso.

Assim, nenhuma escola deve ser considerada “melhor” em absoluto, mas sim de maneira relativa, segundo os princípios, ideais, convicções e objetivos de cada família: “[...] una fracción importante de entre ellos considera que ninguna escuela es mejor em lo absoluto, sino “mejor” de manera relativa, según los objetivos de cada familia, las características de cada niño y el perfil de los diferentes centros accesibles” (p. 256).

De outro lado, o Colégio Metropolitano não foi nem cogitado como uma possibilidade por se localizar do outro lado da linha do trem. Mais uma vez, chamamos a atenção para o fato de que esse seja um fator determinante no momento da escolha: o trilho do trem dividindo o bairro em dois, conforme depoimento de Edna (família 5). Diz que não pensou em colocar os filhos no Colégio Metropolitano devido a sua localização: “Eu não pensei por ser do lado de lá, ai acaba virando fora de mão, eu trabalho, ai dependo de transporte para levar...”

Como vimos anteriormente, o bairro do Méier é dividido em duas partes pela linha férrea. A linha do trem funcionaria como se fosse um muro invisível que, como pudemos observar, interfere ou mesmo define as escolhas.

Nesse sentido, podemos refletir acerca de um importante elemento que se destaca em nossa análise: o bairro. Concordando com ALVES (2008) acreditamos que o bairro e suas injunções sócio-espaciais também se configuram como uma dimensão relevante para pensarmos a respeito da escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias.

E se para a autora essa cercania permite uma reflexão tanto sobre os recursos culturais, econômicos e sociais dos grupos investigados quanto a respeito da relação entre oportunidades e desigualdades educacionais (*idem*), a afirmação acima de Edna nos aponta outra variável possível de ser adicionada quando pensamos a relação entre bairro e escolhas de estabelecimentos de ensino: a linha férrea, nesse caso, dividindo o Méier e pressupondo que, em última instância, tenhamos “dois bairros” num só; aspecto esse que envolveria distancia, tempo, congestionamento, etc...

Dessa forma, a linha férrea separando o Méier em dois pode se constituir em um fator determinante para a escolha das famílias, uma vez que a opção por uma escola do outro lado da linha seja encarada pelos pais como uma escola distante de sua residência, implicando, necessariamente, um grande esforço de mobilização para se efetuar o trajeto casa-escola-casa.

Assim, se as famílias de modo geral preferem escolas localizadas próximas a sua moradia, para as oito aqui entrevistadas isso significa colégios localizados no mesmo lado da linha férrea que suas moradias.

Ao direcionar nosso olhar para o bairro, buscamos, ainda, valorizar esse espaço social que a partir de suas especificidades é composto por indivíduos – moradores - com características próprias que implicam a definição de um público também específico que possui certos gostos, valores, práticas e experiências de socialização que diferem uns dos outros. Inclusive, alguns autores defendem que além da socialização que ocorre na família e na escola, também o bairro passa a ser concebido como fator que interfere nas experiências, podendo, inclusive, incidir sobre as escolhas familiares:

Se antes estudos na sociologia da educação tratavam somente do efeito da família e da escola, agora a vizinhança ou o bairro passam a ser tratados como instâncias socializadoras também capazes de gerar desigualdades educacionais (KOSLINSKI *apud* RIBEIRO & KAZTMAN, 2008).

E se RETAMOSO & KAZTMAN (*apud* RIBEIRO & KAZTMAN, 2008) destacam que as famílias, as escolas e os bairros são os principais âmbitos de socialização de crianças em idade escolar (p.247), podemos afirmar que é nesse contexto que o capital social emerge para pensá-lo sob a perspectiva da relação entre família e comunidade.

ALVES (2008), citando alguns autores (BOURDIEU, 1980; COLEMAN, 1988 e LINS, 2001), ainda destaca que o ambiente social da vizinhança do local de moradia pode ser considerado como uma forma de capital social essencial. Assim, cada vez que uma família muda de bairro, as relações sociais que constituem o capital social são quebradas e a família necessita estabelecer novos vínculos e redes de relacionamentos (p. 15).

Nesse sentido, constatamos que se a segregação residencial que caracteriza a cidade do Rio de Janeiro implica uma desigualdade de oportunidades educacionais, não podemos pensar o Méier, um bairro da Zona Norte carioca, a partir dos mesmos parâmetros que outros bairros como o Leblon, a Gávea ou a favela do João, por exemplo.

Pelo contrário, possui suas especificidades e, com certeza, a linha de trem o separando é algo a ser levado em conta. Talvez outros estudos, em outros bairros que também tenham essa mesma característica sejam interessantes. Quem sabe não possam trazer à tona aspectos novos sobre a relação entre bairro e escolha do estabelecimento escolar.

Sobre essa questão ALVES (2008) ainda afirma que o modelo carioca de estratificação territorial pode principalmente ser percebido caso analisarmos a situação das favelas localizadas em áreas nobres, uma vez que seriam a expressão mais evidente dessa desigualdade. Quem sabe outra divisão possível não seja aquela que se encontra implícita nas divisões geradas pelas linhas férreas.

Enfim, é certo que a distribuição desigual da população no espaço urbano influi sobre as expectativas escolares, especialmente para as crianças de baixa renda, das regiões mais pobres. Inclusive, a mesma autora nos mostra através de uma análise mais profunda a influência do contexto escolar do bairro no desempenho e nos indicadores de sucesso e fracasso na escola.

Aproveitando desse pensamento, ressaltamos que se a desigualdade pode ser observada de bairro para bairro, as escolas também acompanham esse mesmo critério de diferenciação, guardando suas diferenças e singularidades a partir de um conjunto bastante grande de variáveis e, sem dúvida, o bairro e, neste caso específico, a linha férrea, é um deles.

3.4. As escolhas: explicações possíveis

Buscando entender as expectativas das famílias em relação à escolha da escolarização de sua prole desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, de caráter empírico centrada nas falas dos indivíduos – os pais.

A escolha por um estabelecimento de ensino católico encontra-se associada a uma série de fatores que as leituras nos auxiliaram a refletir e as entrevistas nos possibilitaram desvendar. Várias questões, inclusive, foram ao encontro de nossas hipóteses preliminares, enquanto outras nos trouxeram oportunidades de novas reflexões, nos incitando a buscar novas respostas.

Neste item, as entrevistas serão analisadas a fim de evidenciar as razões da escolha por uma escola confessional, considerando os elementos que estão envolvidos neste processo. Assim, compreendemos esse momento mediante as opções de escolha que as famílias têm disponível, seus critérios de definição do que seja uma “boa” escola, dos elementos que valorizam em uma escola e, finalmente, dos recursos que dispõem para colocar em prática a sua escolha.

Inclusive, pudemos perceber como essa questão se encontra rodeada de complexidade e ao mesmo tempo encontra-se entrelaçada à diversas variáveis provenientes da vida familiar, sua organização, seu contexto, suas conveniências e possibilidades concretas de existência, que, neste caso específico, vão além da religiosidade:

...o sistema de valores dos pais, o qual não pode ser reduzido – numa relação de determinação mecânica – à classe social de pertencimento. Assim, valores religiosos ou pedagógicos, aspiração ao êxito escolar e social, desejo de seletividade nos relacionamentos sociais, entre outros fatores, incidem fortemente sobre a escolha e “traduzem a irredutível pluralidade dos pontos de vista sobre a questão” (HERAN *apud* NOGUEIRA, 1998).

Assim, o trabalho de campo nos levou a observar que há uma combinação de fatores que não podem ser compreendidos se tomados isoladamente, mas, sim, necessitam ser compreendidos na sua relação de interdependência. As escolhas objetivas (cardápio de escolas disponíveis) e as escolhas subjetivas (particularidades e contextos de cada família) se complementam em nossa análise.

Cabe salientar que algumas mudanças foram realizadas desde o projeto de dissertação em função de alguns entraves encontrados na realização do trabalho empírico.

De acordo com o projeto, desejávamos entrevistar uma mesma quantidade de pais ex-alunos e de pais que não estudaram na escola, buscando uma comparação que julgávamos importante para a investigação. No entanto, além de não ter sido possível encontrar a quantidade de pais ex-alunos na mesma turma (no 5º ano, como inicialmente proposto), também houve obstáculos relacionados ao agendamento de encontro com os pais ex-alunos, indicados de outras turmas.

Apesar da afirmação por parte da Diretora da escola de que muitos familiares das crianças estudaram na escola, bem como a confirmação dessa informação através das entrevistas, encontramos muitas dificuldades para conversar com pais ex-alunos o que constituiu ao nosso olhar, um fator negativo, nos impossibilitando de cumprir com nosso planejamento inicial. Porém, devemos reconhecer a riqueza das entrevistas feitas com os pais não ex-alunos da escola e que, inclusive, permitiram a realização deste trabalho.

Assim sendo, foram realizadas sete entrevistas com pais que não estudaram na escola e uma com a presença do pai ex-aluno, totalizando oito entrevistas com as famílias, além daquela concedida pela Irmã Luciana, Diretora da escola.

Buscando ampliar nosso recorte e obter mais dados para enriquecer a comparação em relação às razões das escolhas, entrevistamos, ainda, duas famílias²⁸ com filhos que estudam em outro colégio privado e religioso localizado no Méier, o Educandário Madre Guell. Essas famílias foram indicadas por minha prima, Vânia, residente do bairro e que trabalha como explicadora na região.

A maioria das entrevistas foi realizada na residência dos entrevistados, sendo metade em meados de julho de 2011 e a outra parte no mês de setembro de 2011²⁹. A preferência pela realização das entrevistas nas residências partiu das próprias famílias, especialmente pelo fato de que a maioria dos pais trabalhava até tarde e dispunha de pouco tempo livre para responder as perguntas.

Apesar disso, consideramos que esse fator se constituiu em um ponto positivo, uma vez que estabeleceu uma aproximação maior com o entrevistado, possibilitando observações mais aprofundadas, inclusive, sobre alguns aspectos da moradia – arrumação, ordem, etc... (LAHIRE, 1997).

De acordo com o sociólogo francês (*idem*), acreditamos que o espaço de realização das entrevistas possa influir no desenvolvimento das mesmas; neste sentido, percebemos que a casa traduz uma dimensão de intimidade, proximidade e informalidade, que se evidencia no ato da entrevista, na medida em que os pais se encontravam com mais liberdade para expor suas opiniões.

A escolha dos entrevistados deu-se através da indicação de duas professoras do 4º ano³⁰, Rosana e Clara, de turnos diferentes, que disponibilizaram uma lista com os nomes das famílias, já pré-avisadas sobre a pesquisa. Mais tarde, os contatos foram feitos diretamente por mim.

Algumas famílias, no entanto, tiveram que ser substituídas por outras, uma vez que alegaram não dispor de tempo algum para tal empreitada. Outro fator a ser salientado é que na maior parte dos casos, as entrevistadas foram as mães. Inclusive, ao conversar por telefone com um pai indicado visando agendar uma data para a entrevista, o mesmo solicitou que eu conversasse com sua esposa, uma vez que ela estaria mais apta a falar sobre o assunto.

Segue abaixo uma tabela com o cronograma das entrevistas realizadas durante o trabalho empírico:

²⁸ No entanto, ao longo desta dissertação praticamente não há referências à uma dessas famílias, por considerarmos que a entrevista pouco acrescentou ao que nos propomos com a pesquisa.

²⁹ Sendo que o primeiro contato com a escola foi realizado no ano de 2010.

³⁰ A série selecionada foi modificada do 5º para o 4º ano.

	Entrevistado	Local	Data	Horário
1	Irmã Luciana (Diretora da escola)	Escola	25/08/10	10:00-12:00h
2	Ana (mãe de aluno) família 1	Agencia Bancária – seu local de trabalho	23/09/11	09:00-10:30h
3	Claudia (mãe de aluno) família 2	Residência	21/09/11	10:00-11:00h
4	Carina (mãe de aluno) família 3	Residência	22/09/11	19:30-20:50
5	Daiane (mãe de aluno) Família 4	Residência	23/09/11	14:00-15:00h
6	Edna (mãe de aluno) família 5	Residência	09/07/11	10:30-11:45h
7	Gabriela (mãe de aluno) família 6	Residência	27/06/11	09:00-10:30h
8	Sonia (mãe de aluno) família 7	Residência	06/07/11	16:00-18:00h
9	Nilce (mãe de aluno) família 8	Residência	07/07/11	10:00-11:00h
10	Daniele (mãe de outro colégio religioso do bairro do Méier- Educandário Madre Guell)	Residência	21/07/11	10:00-11:00h
11	Mariléia (mãe de outro colégio religioso do bairro do Méier –Educandário Madre Guell)	Residência (no hall do condomínio)	22/07/11	14:00-15:00h

Analisando as entrevistas, podemos dizer que as mães entrevistadas demonstram grande preocupação em relação à escolha do estabelecimento de ensino, especialmente

quando são levadas a pensar a respeito da continuidade de seus filhos no Colégio Nossa Senhora de Fátima, sentimento comum que, no entanto, se associa a razões diversas.

Edna (família 5), mãe de um menino de dez anos e de uma menina de 13, confessa estar repensando sua escolha em relação a filha mais velha e que atualmente estuda no Colégio Nossa Senhora de Fátima, já que sua filha demonstra insatisfação com alguns professores e o desejo de sair da escola. Já Sonia (família 7), mãe de Lucia, de dez anos, também reflete sobre uma possibilidade futura de mudança de escola, especialmente devido ao seu descontentamento com o método de ensino adotado pelo colégio em foco no último ano.

Apesar das diferentes razões que motivam as mães citadas a repensar suas escolhas, os exemplos parecem evidenciar o fato de que a escolha por uma escola constitui atualmente um assunto de maior importância na vida das famílias, exigindo delas um comportamento mais ativo e uma reflexão mais consistente e constante. Ou seja, nos dias de hoje é cada vez mais comum a possibilidade de se mudar um filho de escola. A oferta, os desejos dos filhos e as preocupações dos pais fazem com que os pais estejam sempre à procura de uma “escola perfeita”, mesmo que tal busca implique uma mudança de escola que, muitas vezes, pode se transformar em um ato contínuo.

De acordo com NOGUEIRA (1998), a complexificação do mercado escolar caracterizada pela heterogeneidade das instituições escolares faz com que os pais disponham de um leque de alternativas dentre as quais tenham que fazer suas escolhas, transformando essa operação em algo bastante difícil para as famílias que se veem obrigadas a escolher apenas um estabelecimento de ensino diante um quadro de possíveis candidatas que possam ter a sua frente. Antes, sem dúvida, essa situação era mais confortável dada à maior homogeneidade das redes escolares.

Através dos depoimentos, pudemos notar também o quanto esse momento da escolha é delicado para as famílias e o quanto se esforçam para buscar uma melhor opção para seus filhos, agregando diversos fatores a sua decisão. Diante de suas falas, podemos dizer que há mesmo uma tensão quando são incitadas a pensar em projetos futuros para suas crianças: como para Edna, que fala a respeito da dúvida do que fazer em relação à filha mais velha, que, apesar de não ser a criança da série pesquisada, estuda no colégio em foco e, portanto, acreditamos ser legítima sua fala:

Tem outra questão, ela esta numa fase maior, aí, já tem essa coisa dos professores impacientes, tem um ou outro professor que grita, que bate na

mesa, que não tem paciência de explicar, mas não sei se isso é uma questão geral. Ano passado ela quis sair, “mãe eu quero sair”, segurei um pouco, aí eu fui lá conversei com a Irmã Luciana, aí tentei segurar, esse ano ainda tem um professor ou outro que não tem paciência de explicar, de rever a matéria, de ajudar, aí fico me perguntando se eu tenho que insistir ou não. Com ela, eu ainda estou assim pensando como vai ser o ano que vem, porque ela vai para o 9º ano, aí já tem que ver o caminho que quer seguir, mas também tem um grupão de amigos que ela já fez aqui, aí a gente tem que pesar tudo isso...(Família 5)

As famílias entrevistadas em sua maioria são compostas por mais de um filho, o que nos permitiu observar em algum momento diferentes situações de escolha para cada um. Dentro de uma mesma família, o projeto definido para um dos filhos nem sempre é generalizável ao conjunto de irmãos e irmãs.

Buscando as razões dessa diferenciação nos deparamos com questões interessantes que merecem atenção. Gabriela (família 6), mãe de três meninos, um de nove anos, um de 11 e um de 12 anos, destaca que somente um deles, o mais novo, estuda na escola investigada. Quando questionada a respeito da razão das escolhas diferentes para os filhos, demonstra a vontade de que estivessem estudando na mesma escola, o Colégio Nossa Senhora de Fátima. Porém como as madrinhas das crianças mais velhas custeiam os estudos de seus afilhados, a mãe imaginou que o melhor caminho fosse mantê-los nas escolas escolhidas pelas madrinhas, já que são elas que arcam com a mensalidade:

A opção na verdade não foi minha, as pessoas que me ajudam que fizeram a opção. Então eu aceitei porque é ajuda. Por mim os três estudavam aqui, não desfazendo de lá³¹ porque lá também é um colégio muito bom, mas aqui além de ficar mais perto, facilita o contato com as pessoas, mas, aí, estão lá, mas tá ótimo também, as madrinhas deles me ajudam, elas estudaram lá.

Notamos que Gabriela preza o Colégio Nossa Senhora de Fátima. Inclusive, acredita que ele seja de melhor qualidade que aquele de seus outros dois filhos e que, os três não estão na mesma escola por uma questão financeira, uma vez que não teria condições de pagar as matrículas para os três filhos em escolas particulares. Afirma gostar do tratamento dado pelas Irmãs do Colégio Nossa Senhora de Fátima e do método adotado pela escola. Além disso, destaca que seria bom se os três filhos estudassem nesta escola, uma vez que a mesma se localiza mais próximo da sua residência. Esses fatores demonstram que a sua preferência pelo

³¹ A mãe se refere ao Educandário Madre Guell, colégio onde dois de seus filhos estudam.

Colégio Nossa Senhora de Fátima se deve principalmente pela facilidade de se ter os três filhos estudando na mesma escola. Como se o que mais tivesse contando fosse a sua comodidade em lidar apenas com uma escola:

Eu gosto do ensino, do método, gosto de tudo. Não tenho o que reclamar. (quando Gabriela, da família 6, fala sobre o Colégio Nossa Senhora de Fátima)

Podemos perceber nesse caso uma questão de conveniência associada às possibilidades concretas de vida dessa família, que não podendo custear o estudo dos três filhos, conta com a ajuda financeira de pessoas próximas.

Em outra situação de possibilidade de escolha, nesse caso, uma escolha futura em relação à escolaridade de seus filhos, Edna (família 5) demonstra certo conhecimento do universo escolar ao tentar adequar essa escolha ao perfil de cada criança:

Ele³², acho até que se adequa, mas ela me cobra muito para mudar já desde o ano passado. Ele é uma pessoa mais tranquila, acho que se tiver que ficar, ele fica, ele gosta. Para mim, ele ficaria, porque eu gosto, eu vejo que elas já tiveram bons resultados em vestibular, em aprovação”.

Ela quer desbravar... Tanto que ela quando estudava no Miranda Valente³³, ficou um ano e meio só. Ela falou: “Mãe, eu quero sair daqui, quero ir para uma escola grande... a escola era uma coisinha miúda, uma casinha mesmo”.(Edna, quando perguntada se gostaria que seus filhos estudassem até o Ensino Médio na escola investigada)

Como vimos no capítulo um, partindo das tipologias utilizadas pelos autores ingleses STEPHEN BALL, SHARON GEWIRTZ & RICHARD BOWE para definir perfis de famílias quanto à escolha do estabelecimento de ensino, NOGUEIRA (1998) destaca que os *privileged/skilled choosers* são aqueles que, dentre outros aspectos, buscam um ajustamento entre as características da instituição escolar e as características do filho: “Daí o fato de, não raro, encontrarmos nessas famílias, escolhas diferentes para cada filho” (p. 44).

Apesar de não se encaixar em todos os critérios da definição dos *privileged/skilled choosers*, a família citada apresenta essa característica em comum: por possuir determinado

³² A mãe se refere ao filho mais novo, que estuda na série pesquisada do Colégio Nossa Senhora de Fátima, e à filha mais velha.

³³ Essa é a outra escola onde os filhos estudaram. Segundo a mãe, uma escolinha pequena, de Educação Infantil localizada no bairro Cachambi.

conhecimento do funcionamento dos sistemas de ensino, tem maiores possibilidades de realizar escolhas criteriosas, buscando, inclusive, caminhos diferentes para sua prole de acordo com as qualidades de cada um.

Outras evidências que explicitam a escolha do Colégio Nossa Senhora de Fátima pelas famílias diz respeito à própria familiarização com o universo escolar do estabelecimento de ensino em pauta devido às visitas realizadas à instituição escolar antes da escolha (procedimento utilizado por todas as mães entrevistadas) e à valorização da colocação da escola nos *rankings oficiais* de avaliação³⁴.

A fala de Sônia (família 7) justamente nos mostra o quanto a rede de informações apresentada pelas famílias analisadas se relaciona ao capital social dessas famílias que, por sua vez, se associa à rede de relações sociais que essas mesmas famílias estabelecem. Sendo assim, para escolherem a melhor escola para seus filhos, essas famílias buscam contatos com pessoas próximas, como vizinhos, amigos e parentes na tentativa de obter informações que auxiliem o momento da sua escolha.

A ação das mães no sentido de acionar esses contatos pode trazer dados fundamentais, pois ao guiarem sua decisão acabam fazendo parte de um conjunto de estratégias educativas que encontram-se associadas ao projeto de futuro que têm para seus filhos.

Segundo BOURDIEU (1998):

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (p. 67).

Na fala da mãe de Marcelo, Gabriela (família 6), cuja família é oriunda de Montes Claros, Minas Gerais, o capital social pode ser observado quando explica as razões pelas quais sua família veio morar no Rio de Janeiro e a forma como isso aconteceu.

Afirma que devido aos problemas financeiros enfrentados pela família, resolveram vir em busca de emprego e melhores condições de vida. O fato curioso foi que seu marido conseguiu o emprego no Rio de Janeiro por intermédio do padre que fez seu casamento, fato esse que nos permite refletir não somente acerca do capital social da família, como também

³⁴ O colégio Nossa Senhora de Fátima ficou na 1793ª colocação no ENEM 2009 e na 241ª colocação no ENEM 2010. Fonte: www.ultimosegundo.ig.com.br/educação/ENEM

perceber a estreita ligação da família com a Igreja. Soma-se a isso o fato de que a mãe veio trabalhar em uma creche mantida pela Igreja Nossa Senhora Aparecida, no Méier:

Vimos nos aventurar. Na verdade porque estava difícil, aí o padre que fez o casamento da gente, veio trabalhar aqui, então, ele arrumou um serviço para meu marido aqui, então ele veio cinco meses antes e depois eu vim. Aí eu trabalhei dez anos nessa creche ali na Igreja Nossa Senhora Aparecida, dois anos atrás que eu saí e eu tô parada.

Em se tratando de religião, quatro famílias entrevistadas apontaram que o fator religioso foi de certa maneira determinante para a escolha, a ele se agregando outros fatores que também foram ponderados. Nessas famílias pudemos notar uma maior homogeneidade familiar, uma vez que a religião impõe um determinado padrão nas relações sociais. Ou seja, já sabemos o quanto as questões religiosas estão muito associadas à manutenção da família, a um tipo de ensinamento que mistura carinho e rigidez e a certos rituais que expressariam valores:

Eu gosto do ensino, da forma como a religião é colocada, do jeito como tratam as crianças, porque não é só passar a mão na cabeça, na hora que precisa eles chamam, brigam,...(Gabriela, da família 6)

Eu queria alguma coisa ligada a religião. Desde pequena, a minha mãe criava a gente dentro da Igreja. (Gabriela, da família 6)

... Sim, porque eu procurei, até hoje procuro, pelo menos a missa de domingo a gente não falta, nem que caia canivete... procurei sempre educar meus filhos dentro da religião como fui, porque para mim ajudou muito, eu falo pra eles que esse negócio dessas crises de adolescência não sei o que é, não tive tempo de ter, e ninguém lá em casa ninguém teve, meus irmãos somos sete e ninguém teve tempo de ter essas crises. (Gabriela, da família 6, respondendo se o fato da escola ser católica determinou a escolha)

Eu tinha referências de pessoas que já haviam estudado lá, a orientação do ensino também, religioso, que me agrada até porque eu sou católica, e tenho essa questão dos valores, eles acabam mostrando as crianças, acho que do que jeito que tudo anda hoje em dia a gente tem que dar uma referência além de casa, né, a gente vai a missa, a gente frequenta, ela fez catequese, primeira comunhão, o Rodrigo está fazendo catequese, faz a Comunhão no final do ano, então acho que tudo junto, a gente, a Igreja, a escola, dá um resultado bom. E é isso que a gente estava querendo.”(Edna, da família 5, explicando porque escolheu a escola)

Sim, porque a gente é católico, e eu acho que uma escola católica, uma aula de religião é interessante para poder ter valores, né? Ela fez Primeira Comunhão, eu e ela vamos a Igreja de vez em quando, meu marido vai todo domingo... (Carina, da família 3, respondendo se o fato da escola ser católica determinou sua escolha).

Para reforçar esse pressuposto, é fato que a família 1, igualmente, valoriza bastante o caráter religioso da escola, acreditando que a religião interfere na forma de perceber o mundo e mesmo de lidar com as situações difíceis que a vida nos impõe, como, por exemplo, a compreensão acerca do fenômeno da morte, conforme expomos no capítulo dois.

Segundo Ana, a mãe da família 1, sua filha apresenta uma postura madura e consciente e encara com naturalidade essa questão, comportamento esse que, conforme sua visão se deve a forma como a escola, através da religião, lida com essas questões.

Além das práticas religiosas, no seu sentido estrito, e, como vimos bastante valorizadas pelas famílias, pudemos também observar a grande importância dada aos valores transmitidos pela escola e que, sem dúvida, ligam-se a própria questão da religiosidade, uma vez que as escolas católicas são consideradas como uma instituição “mais bem preparada” para transmitir os valores, assim como os princípios básicos da vida social. Exemplo desse aspecto são as aulas de religião que constam do currículo da escola e que foram apontadas como importantes veículos dessa transmissão: “*Eles aprendem valores, cidadania, respeito, muita coisa, respeitar os amigos, os pais, os colegas, as diferenças, tudo*” (Nilce, da família 8).

De outro lado, se as falas também apresentam as dificuldades encontradas pelas famílias para educar seus filhos, especialmente ao reconhecerem a relação da criança com o outro e com o próprio mundo “lá fora”, com a educação de casa e com o que vão experimentar fora dela, sentem-se, nesse caso, mais amparados ao saberem que em uma escola religiosa a questão dos valores é primordial.

Mas, apesar de acreditarem que esse tipo de escola possa cumprir um papel primordial na educação de seus filhos, alguns pais, apontam para um confronto entre o que a família ensina e o que a criança pode vir a aprender na sua relação com os outros na escola e, nesse caso, ressaltam o valor da educação familiar:

Então ajuda, porque é difícil educar sozinho, porque o colégio é um lugar que é muita informação, são colegas totalmente diferentes, cada um educa de um jeito, então sai muita coisa. (Gabriela, da família 6)

Porque é o que eu estou te falando, a questão dos valores que eles pregam, né? Fazer o bem, respeitar o próximo, não pensar só em si, na hora de uma discussão, de uma confusão, a criança já... eu sei que não é a perfeição porque a gente ouve histórias de amiguinhos, de discussão, e tudo. Mas é o que eu to te falando... assim, a minha orientação com os meus filhos em casa é de sempre ser tudo muito claro, muito justo. Mas e se ela tem na sala uma amiga que não pensa igual, que a família não tem estrutura igual aí não tem como, mas mesmo assim eu mostro a eles “olha meu filho, isso aconteceu porque dentro da casa de sua amiga está faltando, isso”, então não falo para julgar nem nada,” tenta entender”, eu falo sempre assim, “tenta entender o lado da sua amiga”. (Edna, da família 5, quando perguntada se as aulas de religião são importantes)

Observamos também que a questão dos valores não se associa necessariamente ao catolicismo, conforme destacado em capítulos anteriores. Assim, a família 7, apesar de se definir como espírita, optou pela escola católica considerando não as práticas católicas em si, mas os valores que podem se depreender delas e que, conseqüentemente, irão servir para a “boa” educação de sua filha.

Confirmando essa hipótese de que os estabelecimentos de ensino católicos possuem autoridade suficiente para transmitir os “bons” valores, Sonia, a mãe da família 7, deixa isso claro quando pensa em uma escola para sua filha:

...porque como ela ia começar, eu achei assim que um colégio com uma outra característica, e é menina, achei que um colégio de freiras ia ser bom para ela, para conduzir toda essa parte da moral, da formação, acho que seria interessante, entendeu...(família 7)

Diante dessa fala, pudemos observar duas questões interessantes. Primeiro, a mãe faz uma associação entre gênero e religião, destacando que uma escola religiosa seria importante no que diz respeito à educação de uma menina, uma concepção que nos indica um pensamento mais tradicional. E segundo, mesmo Sonia não sendo católica considera que a escola escolhida seja uma opção apropriada para a formação moral da criança, já que como assinalamos acima, os estabelecimentos de ensino católicos são publicamente reconhecidos pela sua autoridade na arte de educar.

Enfim, através de seu relato, pudemos ratificar a relevância das instituições católicas de ensino; a crença das famílias de que elas sejam mais competentes que os outros estabelecimentos de ensino, especialmente em se tratando da transmissão de valores.

Podemos, então, concluir que uma das razões da escolha do Colégio Nossa Senhora de Fátima pelas famílias entrevistadas deve-se a relevância que dão aos valores a serem inculcados pela escola. Acreditam que diante uma vida conturbada, onde elas próprias têm que passar muito tempo fora de casa, saber que seus filhos se encontram em uma instituição escolar que tem como prioridade o repasse de valores, deixa-as mais tranquilas, como podemos perceber com o relato de Nilce, mãe da família 8:

Trabalho em uma escola Municipal, mas sei os problemas que enfrento ali. Não que não existam em uma escola particular, mas confio mais, ainda mais sendo uma escola religiosa, que se preocupa mais com essa questão dos valores, respeito, disciplina...

Sobre as aulas de religião, mais uma vez Sonia demonstra o quanto valoriza certos princípios, regras básicas de convivência e limites impostos ao ser humano. Para ela, a religião é concebida como instrumento regulador do comportamento do homem, meio pelo qual se aprende os limites do certo e do errado, do que se pode ou não fazer, do que se é ou não é permitido na vida em sociedade.

Assim, apesar de não ser católica, deposita extrema confiança no tipo de educação que o Colégio Nossa Senhora de Fátima possa dar a sua filha. Acredita que esses valores não poderiam ser transmitidos por qualquer instituição de ensino, a não ser por uma instituição preparada, com características específicas:

Eu acho que qualquer tipo de informação a respeito de Deus... o que limita a pessoa, o que limita o homem de fazer as coisas certas e erradas? O limite está na sua formação, né? É saber que enquanto você é pequenininho você saber que se você fizer aquilo, Deus vai se te castigar. Depois você vai saber que não é bem por ai, que não se faz mesmo, uma coisa de caráter. mas no início você precisa... Acho que a formação religiosa é importante, seja ela qual for. Eu costumo dizer, você conhece os vigilantes do peso, alcoólicos anônimos? Eu falo: A religião é o mesmo procedimento dos alcoólicos anônimos e vigilantes do peso. O que eles fazem? Eles te passam tudo aquilo que você não deve fazer e de tanto ouvir aquilo, você realmente não vai fazer, porque você ouviu tanto, que você acaba não fazendo e começar de cedo é importante porque você vai saber os seus limites. Eu acho que deve ter, vale a pena ter." (Família 7)

Parece-nos interessante destacar uma fala da Irmã Luciana, Diretora da escola, quando se refere aos alunos matriculados na escola. Mostra-nos que nem todos são católicos, apesar

de estudarem no Colégio Nossa Senhora de Fátima: “Se fossemos colocar em porcentagem, poderíamos dizer que 50% são católicos e 50% não católicos”.³⁵

Em diversas entrevistas, pudemos destacar que as famílias buscam na escola uma extensão do que tentam transmitir em casa em termos de valores, o que poderia ser ressaltado como mais um indício de que uma escola confessional seria a mais adequada para tal tarefa, já que os próprios pais confirmam que possuiria modos muito particulares de socialização escolar, como por exemplo, a aula de religião, onde se ensinaria atitudes e comportamentos. Assim, se cada família possui suas próprias razões particulares para terem escolhido o Colégio Nossa senhora de Fátima, parece que algo as unem em torno da busca de valores na escola:

Acho que do jeito que tudo anda hoje em dia a gente tem que dar uma referência além de casa. (Edna, da família 5)

...então acho que tudo junto, a gente, a Igreja, a escola, dá um resultado bom. E é isso que a gente estava querendo.”(Edna, da família 5)

...tem que ter uma ajuda, só a mãe não consegue não. Eles³⁶ estão no mundo também, né?... (Gabriela, da família 6, se referindo aos seus filhos)

Como citado no início deste capítulo, todas as mães entrevistadas apresentam nível superior, o que para NOGUEIRA (1998) pressupõe um maior discernimento no momento da escolha da escola certa para seus filhos, mas, nesse caso específico parece que para todas elas a questão dos valores é fundamental; encontrando-se aí uma das razões da escolha de um estabelecimento de ensino católico.

Nesse sentido, se o nível de escolaridade lhes permite certo conhecimento sobre o funcionamento do sistema escolar e, ao mesmo tempo, uma maior capacidade de discriminação entre os estabelecimentos escolares oferecidos pelo mercado, podendo-se, então, valer-se de critérios variados no momento da escolha (*idem*), concluímos que esse seria um importante subsídio para refletirmos sobre a escolha da ‘melhor’ escola para seus filhos.

E se, ainda podemos afirmar que a posse do diploma universitário por todas as famílias entrevistadas constitui-se em um fator que as identificam entre si, algo as unifica novamente: a relevância que todas dão aos valores ensinados pela escola aos seus filhos.

³⁵ A Irmã citou inclusive a existência de um aluno mulçumano matriculado na escola.

³⁶ Gabriela se refere aos seus filhos.

Enfim, as entrevistas mostraram que os pais definitivamente se mobilizam e se preocupam com a escolarização de seus filhos. Motivadas por diferentes razões e estratégias de investimento escolar, se esforçam para escolher “bem”, para “acertar” na escolha, ou ainda, realizar uma “boa” escolha, mesmo que muitas vezes essa não corresponda exatamente aquilo que desejavam.

A seguir destacamos um quadro pontuando alguns itens considerados pelas famílias entrevistadas ao realizarem sua opção pelo Colégio Nossa Senhora de Fátima. Trata-se de elementos que essas famílias definem como relevantes e que contribuem para nossa reflexão sobre suas escolhas.

Considerando o universo de oito famílias entrevistadas, destacamos as possíveis razões mais acentuadas das escolhas³⁷ e o número de vezes em que elas aparecem na fala das entrevistadas.

Com a análise do quadro abaixo, podemos observar como esses aspectos se encontram mesclados no momento da escolha: uma mesma família pode ter levado em consideração todos os itens citados antes de optar pelo Colégio Nossa Senhora de Fátima, indicando uma pulverização dos motivos da escolha:

Crítérios	Incidência
Valor da mensalidade	III
<i>Rankings oficiais</i>	IIII
Localização	IIII
Método de Ensino	IIII
Corpo Docente	II
Currículo	I
Tratamento aos alunos	IIII
Valores	IIIIIII
Religião	IIII
Rede de Informações	IIIIII
Questão de gênero	I
Perfil do estabelecimento	III

³⁷ Constituem somente os fatores que foram mencionados pelas mães.

Ao analisarmos o quadro, podemos dizer que o valor da mensalidade, por exemplo, foi um fator considerado por três mães. Para Edna, da família 5, isso se agrega as referências que ela já tinha sobre a escola: “...o Nossa Senhora de Fátima eu tinha referencias e a gente acaba agregando a isso o valor da mensalidade. Porque o Nossa Senhora de Fátima não parece, mas é um pouco mais em conta em relação aos outros³⁸.”

Inclusive, Cláudia, pertencente à família 2, quando perguntada como o Nossa Senhora de Fátima é conhecido no bairro, diz que é tido como “a escola de mensalidade mais em conta”³⁹. Nesse caso, o colégio despontaria com uma característica bastante interessante: conhecido nas cercanias em que mora, pertencente à rede privada, mas com mensalidade relativamente acessível e confessional. Agregaria uma série de qualidades que resultaria em sua escolha.

Outro fator que as mães consideram refere-se às avaliações nacionais que cada vez mais tem se transformado em fator relevante quando se tem em mente a discussão em torno da escolha do estabelecimento de ensino. Edna, da família 5, destacou que as avaliações oficiais se apresentam como importante indicativo de qualidade: “...eu vejo que elas já tiveram bons resultados em vestibular, em aprovação.” Nesse caso, já estaria pensando na trajetória futura de seus dois filhos que, com certeza, seguiriam até o curso superior e, quem sabe, no próprio colégio os preparando para o vestibular.

Carina, da família 3, também demonstra acompanhar de perto os resultados do ENEM, até mesmo comparando o desempenho da escola com outra escola religiosa do bairro. A boa colocação do Colégio Nossa Senhora de Fátima se constitui, inclusive, de um fator determinante para manter a criança nessa instituição, apesar do descontentamento da família com o método utilizado pela mesma:

Você pega o resultado do ENEM que saiu essa semana e você vê que o Nossa Senhora de Fátima está em 53^a e o Coração de Maria está em cento e pouco...quer dizer é uma diferença muito grande, não é?...Eu estava disposta a tirar no ano que vem por causa desse Pitágoras⁴⁰, mas agora fiquei na dúvida depois que eu vi o resultado do ENEM..

³⁸ A mãe compara o Colégio Nossa Senhora de Fátima com os outros colégios católicos e não católicos que ela conhecia antes de realizar sua escolha.

³⁹ Comparando com as escolas citadas nas entrevistas, o Colégio Nossa Senhora de Fátima realmente apresenta o menor valor de mensalidade (R\$ 327,33).

⁴⁰ Pitágoras é método de ensino utilizado pela escola e que gerou muita discussão entre as entrevistadas, como veremos abaixo.

Entendemos essa fala como bastante elucidativa, uma vez que os *rankings oficiais* constituem critérios muito atuais utilizados pela maioria das famílias para a escolha de uma “boa” escola. Esse fato parece condizer com a atual realidade caracterizada por uma competição maior entre os estabelecimentos de ensino que focam seu ensino cada vez mais na preparação para o vestibular. Assim, se os valores são algo altamente levado em conta pelas famílias, alia-se a isso a questão não tanto da qualidade do ensino em si, mas da capacidade da própria escola poder competir por um lugar que lhe proporcione alguma visibilidade no mercado escolar, que, objetivamente, é definido pelo resultado do vestibular.

A localização, como já dissemos, é outro aspecto fundamental. A família 6, inclusive, mora na mesma rua, ao lado da escola, evitando, portanto, todas as dificuldades de uma grande cidade – trânsito, longas distâncias, segurança. Interessante observar o cuidado e a preocupação dessa mãe com a questão da segurança, uma vez que mesmo tão próxima do colégio não deixa o filho se deslocar para casa, sozinho: “O Marcelo daqui pra ali eu não deixo vir sozinho, ele vem comigo e fica todo mundo rindo de mim, mas é porque ele é muito pequenininho e na hora da saída é muita gente junta, fico preocupada.”

A família 1 também considera a localização um forte fator para a escolha, uma vez que a proximidade da moradia gera praticidade. Ana, então, explica que a avó da criança a busca na escola, assim como sua sobrinha que fica em uma creche situada no mesmo caminho.

Para Nilce, da família 8, a localização determinou a escolha: “Nem cogitamos a possibilidade de colocá-la nas escolas localizadas do outro lado do Méier”. Enfim, essa variável transforma-se em um fator preponderante no momento da escolha do estabelecimento de ensino e, novamente, a linha do trem aparece determinando as distâncias no bairro. Ou seja, o estabelecimento de ensino é perto ou mais perto, caso se encontre do mesmo lado da linha do trem que as moradias das famílias.

O método de ensino utilizado pela escola também foi bastante mencionado pelas mães, constituindo-se em uma preocupação relevante para a escolha.

A escola desde o ano passado introduziu um novo método de ensino - Método Pitágoras - que conforme explicação de Clara, professora da maioria dos filhos dos pais entrevistados, não se constitui exatamente em um método de ensino. Segundo ela, a Rede Pitágoras tem uma proposta pedagógica que é partilhada com as escolas parceiras através de uma coleção de livros didáticos que auxiliam o trabalho do professor com um programa interdisciplinar e contextualizado. Ainda nos esclarece que o material usado segue a linha do novo ENEM e que alguns pais têm sentido certa desconfiança diante dessa inovação.

O ENEM atualmente, apesar de ainda prezar o conteúdo, apresenta uma proposta mais contextualizada que busca partir da vivência do aluno, do cotidiano, com uma forma de ensino menos caracterizada pela “decoreba” e mais próxima da realidade do estudante.

Assim, o colégio querendo encontrar-se em dia com essas diretrizes buscou através da Rede Pitágoras inserir-se nesse contexto. E se alterou, por meio do novo material didático, o seu ensino, permitindo, segundo as mães entrevistadas, que se tornasse menos conteudista, tornou-se mais adaptado as novas diretrizes adotadas do ENEM: as disciplinas passam a apresentar o conteúdo de maneira contextualizada, partindo de situações reais com o intuito de facilitar a aprendizagem.

Pelas nossas entrevistas, pudemos perceber que essa situação agrada a alguns e não a outros. Sonia, da família 7, pensou mesmo em transferir a filha de escola quando soube que a instituição adotaria o método citado, porém outras questões que considera positivas na escola pesaram na sua decisão de manter a filha na escola.⁴¹

Quando critica o método junto com Claudia, pertencente à família 2, parecem estar valorizando o conteúdo que, para elas, não seria devidamente trabalhado pelo método. Apresentando um comportamento menos conteudista, Gabriela, da família 6, ao contrário, gosta do método e explica como funciona. Inclusive, as opiniões divergentes a seguir mostram o quanto essa questão é polêmica:

Você não vê conteúdo...você vê, o livro é uma coisa assim... eles falam que é um método que vai atender mais o ENEM, porque tem um método de pensar, fazer a criança pensar, não pegar as coisas assim muito prontas...mas eu particularmente não gosto. Na hora de estudar é realmente uma dificuldade. Eu não vejo aquela sedimentação de conteúdo, você não tem, eu não sinto isso... Eu não acho fraco, acho com falta de conteúdo...eles divagam muito, e o conteúdo mesmo...(Família 7)

...porque eu entendo o método, não acho ruim não. O livro que vem pra casa assusta, porque não tem quase nada... mas é porque as professoras conseguem tirar deles. O caderno é cheio de material que elas conseguem extrair do livro e colocar para as crianças, então a principio o livro assusta, ele não serve pra nada... Parece que as professoras também gostam, eu não acho ruim não.” (Família 6)

O método é horrível porque inclusive não aprova para o vestibular. (Família 2)

⁴¹ A mãe citada já conhecia o método porque ele foi adotado em uma escola situada em outro bairro na qual seus filhos mais velhos estudaram.

Se Daiane, pertencente à família 4, declara que uma das razões pela escolha da escola foi o ensino tradicional, na entrevista nos conta que essa opção da escola vem sendo alterada. Também nos diz que essa modificação tem lhe obrigado conhecer melhor que inovações são essas e que, em última instância, tem se rendido a elas: “Na época eu gostava mais do método tradicional, mas agora que tudo mudou, eu estou tentando me adaptar ao novo método”.

Diante de tais ponderações tanto da professora quanto das famílias, acreditamos que a escola, nos últimos anos, tem adotado uma metodologia mais progressista e menos conteudista, apesar de apresentar uma intencionalidade direcionada ao vestibular.

Enfim, pareceu-nos que o material utilizado e fornecido pela Rede Pitágoras serve como uma base, um apoio ao trabalho do professor, que, por sua vez, não segue exatamente o conteúdo dos livros. A nosso ver, a escola para se manter como uma opção real para os moradores do Méier procura se adaptar e mesclar influências. Sabe que seu público ao mesmo tempo em que procura uma escola que dê continuidade a educação realizada em casa, daí a importância dos valores do colégio para as famílias, busca estar atenta às novidades metodológicas a fim de que não fique desatualizada pedagogicamente.

Nesse sentido, o Colégio Nossa Senhora de Fátima, além de demonstrar uma preocupação com os debates atuais sobre ensino, possui um valor de mensalidade acessível às famílias moradoras do Méier, assim como também parece ser uma referência no próprio bairro quando se procura uma escola com características religiosas, como veremos a seguir.

Gabriela, da família 6, compara os métodos adotados no Colégio Nossa Senhora de Fátima e do Educandário Madre Guell, onde seus outros dois filhos estudam:

...e não tem muita diferença também, é tudo católica, (pausa para pensar) quer dizer, o método é diferente. Lá⁴² é mais puxado, tem mais coisas pra estudar, tem prova toda semana; aqui eles adotaram o Método Pitágoras. Vários colegas deles vieram para cá esse ano porque não conseguiram acompanhar lá. O meu filho do meio pena lá.

Interessante sua fala, pois para ela “colégio puxado” é sinônimo de colégio conteudista.

Assim como algumas mães do colégio investigado, Daniele, a mãe entrevistada do Educandário Madre Guell, afirma valorizar bastante o conteúdo, inclusive constituindo esse a principal razão da sua escolha. Também, de acordo com Gabriela, destaca que o colégio

⁴² No Educandário Madre Guell.

escolhido por ela tem provas toda a semana - duas vezes por semana - o que obriga a criança a manter um ritmo de estudo permanente; assim, declara abertamente seu perfil conteudista: “Eu gosto de conteúdo e lá eu vejo isso, por isso eu estou gostando”.

Nesse aspecto, para a mãe entrevistada – Daniele - no Educandário Madre Guell o foco no conteúdo é maior do que no Colégio Nossa Senhora de Fátima. E, nesse caso, reforça-se a ideia de que o Colégio Nossa Senhora de Fátima esteja passando por uma transformação em seu ensino: ao adotar o Método Pitágoras, em 2010, tem se tornado menos conteudista. E apesar de ter melhorado sua atuação no vestibular, a mudança de método tem causado certa insegurança em algumas mães.

Diante de tais ponderações percebemos que esse perfil conteudista de algumas mães entrevistadas se associa ao desejo de que seus filhos estejam bem preparados para o vestibular. Parecem reconhecer a competição e as exigências que envolvem esse processo seletivo, implicando a necessidade de uma boa formação desde o Ensino Fundamental.

Dentro desse contexto, podemos fazer uma reflexão importante acerca do capital cultural conquistado pelas famílias e que se encontra implícito nas aspirações dos pais: que os filhos reproduzam o que conquistaram, a situação de classe que atingiram. Algumas citações nos ajudam a evidenciar esse fato que peculiarmente são de Sônia, que como vimos, é funcionária pública da Fundação Oswaldo Cruz, fez Mestrado e está cursando o Doutorado atualmente. Ou seja, trata-se de uma afirmação que tem como voz aquela que entre todas as entrevistadas/os possui o maior capital escolar:

A gente espera que eles (os filhos) façam um pouco mais do que a gente! A gente faz um pouco, eles fazem um pouquinho mais e assim vai...

A fala acima nos traz uma nítida sensação do desejo de continuidade do padrão sócio-cultural adquirido pelos pais e mesmo a ascensão, conforme expressado pela mãe. Pressupõe, então, a intenção de uma escolarização prolongada para seus filhos. Enfim, um desejo que seus filhos se insiram socialmente por meio da escola.

As relações entre os professores, funcionários e gestão da escola também foi relatado por algumas mães como uma característica bastante positiva. Alguns exemplos deixam transparecer o quanto o bom tratamento dado pelas Irmãs a pais e alunos, a receptividade da escola e a abertura ao diálogo com as famílias favorecem as escolhas. Baseando-se nas opiniões das mães entrevistadas, acreditamos que a escola constitui-se em um espaço aberto

ao diálogo e bastante acessível às famílias, inclusive como já havia sido mencionado pela Irmã Luciana:

Eu gosto do ensino, o jeito como tratam as crianças, porque não é só passar a mão na cabeça, na hora que precisa eles chamam, brigam, assim, eles fazem de tudo para ajudar, pelo menos no meu caso, ou financeiro ou de trabalho lá mesmo. Não tenho problema não. Sempre que tive que conversar, eles estão dispostos, nunca tive problemas de conversar lá. (Gabriela, da família 6)

Eu sou super bem tratada, meus filhos também. Eu também procuro corresponder, tudo que eles pedem eu mando, só quando não dá mesmo pra fazer assim alguma coisa. Por exemplo, teve um trabalho sobre o desmatamento no Sudão, eu não encontrava, liguei para uma amiga, procurei na internet e não encontrava ai mandei para ela um bilhete e ela mandou outro pra mim. Então, tem, retorno.(Gabriela, da família 6)

Eu gosto muito do Nossa Senhora de Fátima , principalmente assim a coisa da atenção à criança. Eu acho que apesar de ser um colégio de freira, as crianças fazem o que querem, mas é um “que querem” sem ter aquela coisa rígida, eles tomam conta, mas a criança tem certa autonomia. Então é “fazer o que querem” no sentido positivo. Uma liberdade vigiada. (Sônia, da família 7)

Toda vez que eu preciso, que eu vou conversar eu sou bem atendida lá. (Edna, da família 5)

Percebemos também o quanto a figura das Irmãs é representativa em termos de carisma e simpatia que, nesse caso, implica na possibilidade de se construir uma relação com base numa certa informalidade, aspecto esse que deixaria os pais mais à vontade para lidar com as questões escolares de seus filhos: “Todas às vezes que participei de eventos lá, as Irmãs são muito simpáticas, elas são muito próximas, chamam minha filha pelo nome, sabe?” (Ana, da família 1)

Os valores, um dos aspectos mais presentes nas falas das entrevistadas, conforme dito anteriormente, constituem um forte motivador para as escolhas. As famílias, em geral, demonstram preocupação em relação à transmissão de valores pela escola e associam a boa formação aos valores:

...eu achei que era importante que ela tivesse esse contato, tivesse essa formação desde cedo...limites, respeitar realmente o próximo, ter limites do que eu posso e não posso. Porque na verdade a gente não pode fazer determinadas coisas e pode fazer outras... (Sônia, da família 7)

Independentemente da questão dos valores, o aspecto religioso também aparece explicitamente, indicando que a escolha também se deve ao fato da escola ser confessional. Assim, a família 8 que acredita que a transmissão de valores morais seja mais garantida quando se trata de uma escola com características religiosas: “Ficamos com medo de colocar em outra escola em que essa questão não fosse tão forte, tão presente, por isso optamos por uma escola católica”.

Assim, se há a certeza de que seus filhos terão uma “boa” educação que se baseará nos “melhores” valores advindos da doutrina católica, quatro mães que se dizem católicas praticantes – frequentam a Igreja e seus filhos fizeram catequese e Primeira Comunhão -, além de considerá-los de suma relevância acreditam, ainda, na potencialidade da religião, como fator educativo. Transforma-se, inclusive, em fator determinante para a escolha do colégio.

Das outras quatro famílias entrevistadas, Sônia, mãe da família 7, que se define como espírita também ressalta a importância da religião, nem que seja para enfatizar a questão da espiritualidade. Interessante frisar que sua filha diz ser católica nos levando a pensar a influência da escola, que, segundo a mãe e até pela opinião da própria criança⁴³, constitui um espaço acolhedor, onde a menina se sente bem. A mãe, portanto, parece apresentar uma postura natural em relação a essa influência:

Acho muito bom que você⁴⁴ seja católica. Acho que a gente tem que ter uma religião e se para você é o catolicismo, tá bom. (Sônia)

... ela, por exemplo, diz que é católica. “Eu sou católica”; “você é espírita, mas eu sou católica”. Então está bem. Até porque antes eu era católica, então não tem nada que atrapalhe, e nem desacredito, só é uma maneira de pensar hoje um pouco diferente, mas no todo é a mesma coisa, tem um Deus, então não tem diferença para mim. (idem)

Frequento, vou sempre ao Centro Espírita.. Agora, a Lucia que eu estou levando um pouco menos. Quando ela diz para mim que é católica, aí eu pergunto para ela, “você quer ir comigo para o Centro, estou indo para o Centro, você quer ir?” Se ela quer, eu levo. Às vezes ela gosta de dizer “Eu sou católica”. Só prá dizer “eu sou católica, não vou”. Aí falo para ela, é a mesma coisa, você vai conversar com Deus, você vai fazer as coisas com Deus. Mas não a obrigo não. Meu marido diz que ela não tem idade para definir isso. Não, quando ela diz para mim que é católica ela está dizendo

⁴³ No início da entrevista com a mãe de Lucia, a menina se encontra na sala e quando perguntado à mãe o que a escola tem de atrativo, a criança responde do sofá: “Lá é educativo, as Irmãs ensinaram que a gente tem que respeitar...e lá também é uma escola muito boa para aprender educação...”

⁴⁴ A mãe exemplifica um diálogo dela falando para a filha.

para mim que ela não quer ir. Então, vamos esperar, uma hora ela vai, ela escolhe. Eu estou até assim se eu coloco ela para fazer catecismo. (idem)

Para reforçar esse aspecto da religiosidade, Daniele, a mãe cuja criança estuda em outra instituição católica do bairro, o Educandário Madre Guell, ressalta a importância de uma escola religiosa nos dias de hoje. Também se definindo como espírita, aponta que a filha adora as aulas de religião da escola e que deseja fazer o catecismo e que, ainda, a convenceu a iniciar essa atividade ano que vem – esse ano – quando estarão morando perto de uma Igreja na Tijuca:

Nenhum deles fez Primeira Comunhão, nenhum deles fez, porque eu já era espírita. Mas se quisessem fariam, ela agora esta manifestando a vontade de fazer catecismo. Por mim, se ela quiser fazer, pode fazer...vamos ver. (idem)

De acordo com as entrevistas, podemos dizer que a rede de informações também foi percebida como um dos fatores de maior peso para as escolhas da escola. A família 7, por exemplo, além das opiniões de amigas, obteve, ainda, a indicação da pessoa que lhe vendeu o apartamento:

...Olha, na época que a Lucia entrou, todo mundo falava que era uma boa escola. Até na época, eu comprei o apartamento e a moça que o vendeu pela Caixa Econômica me disse que ela havia estudado no Nossa Senhora de Fátima... comentou ainda que era um bom colégio, que ela gostava muito, que se ela tivesse filho colocaria lá. (Sônia, da família 7).

Todas as mães levaram em consideração as opiniões de amigos, parentes e vizinhos para optarem por uma escola para seus filhos, nos possibilitando, pelo menos dois comentários: o peso do capital social e a relevância da opinião de terceiros no momento da decisão, mesmo que sejam de desconhecidos conforme o exemplo acima. A família 4, inclusive, chega a afirmar que o aspecto que determinou a sua escolha foi suas primas terem estudado na escola: “Foi o fato das minhas primas estudarem lá e a mãe elogiar. Ou seja, conhecer alguém que já conhece a escola, que já gosta da escola.”

O pai da família 3, Paulo, único entrevistado ex aluno do Colégio Nossa Senhora de Fátima, destaca que a escolha foi decidida pela própria filha, que sabia que ele tinha estudado

na escola e demonstrou o desejo de estudar na mesma escola que a dele: “Ela sabia que eu tinha estudado lá e sempre dizia que ia estudar lá também. Foi porque ela quis”.

O perfil⁴⁵ do estabelecimento foi outro aspecto considerado pelas famílias no momento da escolha. “Isso porque os pais operam um ‘ajustamento’ entre, de um lado, a capacidade e o investimento do filho nos estudos e, de outro, o nível de exigência do estabelecimento” (BALLION, *apud* NOGUEIRA1991).

De acordo com as necessidades de sua filha adotiva, Sonia (família 7), apesar de possuir um modelo de escola ideal para sua filha – construtivista – e de também não gostar do método adotado pela escola, reconhece que no momento o colégio ainda é sua melhor opção:

Para uma criança que tem déficit de atenção, uma escola construtivista seria o ideal, porque é aquela em que cobrança é mínima, né? Aqui é mais tradicional, mas é tradicional com lado que a cobrança não é tão...

Se ela tivesse normalzinha, não tivesse problema nenhum hoje eu tiraria ela de lá. Mas mediante a situação dela e esse outro lado que a escola oferece eu não tiro de lá. É aquele negócio, né, a gente sabe o que o filho pode ou não acompanhar.

Sônia cita como o lado bom da escola o fato de que, em sua opinião, a escola é pouco exigente em termos de conteúdo, o que facilita o desenvolvimento e acompanhamento da sua filha, considerando que a criança apresenta alguns problemas de saúde relacionados ao déficit de atenção. Segundo a mãe, seria mais difícil para sua filha corresponder às expectativas escolares em uma instituição onde a cobrança fosse maior. Além disso, cita outros pontos positivos do Colégio Nossa Senhora de Fátima, como a liberdade de expressão que as crianças possuem, a formação moral e a participação dos pais, por exemplo.

Esse é o típico caso em que a escolha ocorre em função da realidade objetiva; ou seja, não é a escola dos sonhos, mas a escola possível. Assim, vale observar o quanto a mãe se esforça para acreditar que o Colégio Nossa Senhora de Fátima seja a melhor opção para sua filha: se não é construtivista, é tradicional, mas não tão puxado assim, possibilitando que sua filha esteja nele:

Na verdade quando falaram do método que eles iam começar, eu quis tirar, mas ai meu marido achou que devia esperar porque a Lucia tem déficit de atenção, e ai a gente também... você sabe que toda criança que tem esse

⁴⁵ No sentido de mais ou menos tradicional / mais ou menos exigente na questão do ensino.

déficit tem um ritmo diferente, uma cobrança diferente e talvez a escola, se eu colocar em um colégio mais puxado ela não consiga ir....

Sua conduta vai ao encontro do que NOGUEIRA (1998) chama de estratégias preventivas de escolarização, como já anunciamos em capítulos anteriores:

estratégias “preventivas”: trata-se de uma conduta de antecipação que visa prevenir problemas esperados. Por exemplo, mudança de um estabelecimento com certo nível de exigência acadêmica para outro mais tolerante, na tentativa de evitar um eventual fracasso escolar (p. 50).

Ainda a respeito do perfil da escola, a família 7 demonstra conhecer as características específicas dos estabelecimentos de ensino ao comparar o Colégio Nossa Senhora de Fátima ao Colégio Martins (colégio de prestígio no bairro):

Os meninos estudaram no Colégio Martins, que é uma coisa tipo curso, que é uma coisa para passar em concurso, e eles vem preparando as crianças desde pequenininho para passar em concurso, mas ali é uma experiência nova para mim que foi com a Lucia, tem essa coisa da escola onde a criança tem todos os tipos de atividade de escola, que é desde a formação até o aprendizado realmente. (Sônia, da família 7, ao falar de seus filhos biológicos e, depois, ao se referir a sua outra filha adotada que se encontra no Colégio Nossa Senhora de Fátima)

A família 5, assim como a família 7, demonstra conhecer bem o mercado escolar da região, destacando que a opção por uma escola tem que estar associada ao que se pretende em termos de escolarização. A análise do perfil da instituição fica bem explícita na sua fala:

O Colégio Martins é para quem quer resultado, para quem quer o filho aprovado no Colégio Militar, buscando o vestibular, desembolsa mesmo mais que o dobro de mensalidade, é só estudo, diminui pra caramba o lazer da criança, porque ai começa olimpíada de matemática, torneio de redação e a média é alta também, mas ai é opção...

Como podemos perceber, as mães conhecem as características da escola e ao mesmo tempo a escolhem por múltiplas razões. Percebemos também que, muitas vezes, suas escolhas encontram obstáculos concretos que as impedem de alcançar aquilo que almejavam. Nesse

caso, esses limites se impõem às suas escolhas, que se restringem, principalmente, em função de questões financeiras ou de certas características da criança. Assim, nem sempre haveria uma correspondência total entre a escolarização buscada pelas famílias e a escola onde elas matriculam seus filhos (ALMEIDA, 2002).

Percebemos ainda que se o perfil, a rede de informações, a localização, os valores, os *rankings oficiais* e o método constituem os aspectos mais considerados pelas famílias no momento de optar por uma escola para seus filhos, dentre todos esses aspectos a rede de informações e os valores transmitidos pela escola são os mais importantes e preconizados por eles.

Consideramos que a escolha pelo Colégio Nossa Senhora de Fátima envolveu uma reflexão cuidadosa por parte das famílias, inclusive, mobilizando todo um esforço familiar, capacidade de investigação e, ainda, um trabalho comparativo entre alguns estabelecimentos de ensino do bairro.

Apesar de termos identificado alguns descontentamentos, especialmente em relação ao método de ensino, podemos dizer que o Colégio Nossa Senhora de Fátima apresenta algumas características positivas que se sobrepõem aos aspectos negativos considerados pelas famílias e que fazem com que essas mães não só tenham optado por ele, mas, também, mantenham seus filhos na escola.

Na impossibilidade de encontrar uma instituição que corresponda perfeitamente às suas expectativas, as famílias fazem suas análises a partir de certo pragmatismo que pode ser sintetizado pela afirmação feita por Ana, da família 1: “Para mim, ali é o melhor lugar para ela”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento do trabalho teórico e do que a empiria permitiu observar, destacam-se algumas reflexões relevantes, que não se esgotam, porém, com esta pesquisa.

Através das entrevistas com as famílias procurei elucidar as questões que estariam presentes no processo de escolha de alguns pais residentes no Méier pelo colégio religioso Nossa Senhora de Fátima, localizado no mesmo bairro. Sendo assim, foi possível traçar um perfil dessas famílias como um grupo de indivíduos bastante ativo na busca pela melhor escolarização para seus filhos, apesar de algumas diferenças referentes à posse de capital cultural, econômico e social, dada a diversidade característica das classes médias.

Pudemos notar que os pais se preocupam bastante com o futuro escolar das crianças; apresentam perspectivas em relação à escola e demonstram conhecer bem o mercado escolar da região. Alguns, inclusive, acompanham com muita proximidade o desempenho do Colégio Nossa Senhora de Fátima nos *rankings oficiais*.

Esse fator, além disso, pode ser visto como um aspecto que ainda interfere na decisão de transferir ou não a criança de escola. Postura que denota mais um caráter utilitarista como, por exemplo, a aprovação no vestibular, do que uma preocupação com aspectos associados à qualidade no ensino e a aprendizagem significativa da criança. Assim, em algumas das citações, os pais deixam transparecer o gosto pelo conteúdo, defendendo muitas vezes a necessidade de muitas horas de estudo. Tudo isso porque acreditam na relevância dos conteúdos para a preparação para o vestibular. Talvez possamos perguntar: pelo fato de a escola estar adotando o Método Pitágoras, menos conteudista, estaria sendo considerado pelos pais como de menor qualidade, por exemplo, que o Educandário Madre Guell?

Assim como o *ranking oficial* que aparece em cinco citações nas entrevistas, a localização e o método de ensino também se destacam. A localização constituiu um fator relevante para as famílias e nos possibilitou reflexões elucidativas acerca do bairro e da distância, cada vez mais enfatizados nas pesquisas atuais. Demonstram que a escola encontrar-se perto da moradia significa estar localizada no mesmo lado dos trilhos do trem das casas das famílias. Indicam que o que é perto ou longe é demarcado pela linha do trem. E como os pais normalmente possuem uma ocupação, procuram uma escola localizada perto de sua residência por motivos de praticidade e segurança. Ou seja, uma escola do mesmo lado da linha do trem que suas casas.

Quanto ao método, se aparece em cinco citações, não pressupõe unanimidade. Sugerem que se o conteúdo ainda é algo buscado pelas famílias, também pode ser encarado como um aspecto do ensino que é possível de ser alterado. Mas, essas constatações, principalmente, apontam para o fato de que a escola está mudando ao adotar o Método Pitágoras. Resta, então, a pergunta: “Essa inovação irá alterar no futuro o perfil de seu alunado?” Não sabemos no momento responder a essa questão.

Sônia, da família 7, pode nos responder a questão: embora declare durante a entrevista não gostar do método adotado pela escola, reconhece que a criança se sente bem e à vontade na escola, que se configura como um espaço onde ela consegue corresponder às exigências escolares, apesar dos seus problemas de déficit de atenção, além de ter a liberdade para se expressar. Sendo assim, o Colégio Nossa Senhora de Fátima se mostra como um ambiente acolhedor, onde ela se sente segura e feliz.

Outro aspecto que também chama atenção diz respeito ao valor da mensalidade. Acessível às famílias entrevistadas, mas não se constituindo na mensalidade mais cara do bairro, talvez seja um fator que somado aos demais – o fato de ser religiosa, católica, e perto da moradia – solidifique a escolha dos pais e reafirme sua posição de destaque frente a essas mesmas famílias. Além disso, sua mensalidade nos fala um pouco mais sobre o perfil dessas famílias, enquanto pertencentes às frações de classe média, assim como seus diplomas universitários oriundos de universidades particulares.

A rede de informações assim como os valores são os itens que mais se destacam quando os pais buscam explicitar as razões de suas escolhas. O primeiro deles se configura como um recurso comumente utilizado pelas famílias na busca de subsídios que as levem a uma decisão. A opinião dos outros se agrega às suas próprias crenças e valores, na busca de uma instituição que melhor corresponderia as suas expectativas. Nesse sentido, são considerados todos os tipos de informação, desde as de parentes que já estudaram até as de simples conhecidos, como a da corretora de imóveis.

Em relação à religiosidade, apesar de nem todas as famílias se definirem como católicas praticantes, a maioria das famílias apresenta formação católica, o que nos leva a pensar que, esse seja um fator importante para a escolha que, inclusive, se mescla com o item relacionado aos valores.

Através das falas das famílias, pode-se até perceber que a questão que mais se destaca é o fato de que se procuram uma escola com características religiosas, nem sempre esse é em si o fator da escolha, mas sim por acreditarem que esse tipo de escola – católica -

seja a instituição mais preparada para transmitir os valores que os pais estejam procurando para serem ensinados para seus filhos.

Neste sentido, verifica-se que o aspecto religioso se confunde com os valores, apesar de se constituírem em itens diferentes. Assim, católicos praticantes ou não e mesmo não adeptos ao catolicismo escolheram o Colégio Nossa Senhora de Fátima para seus filhos estudarem. O fato é que para esse grupo de famílias a escola católica, comparada com as outras instituições de ensino, é a mais apta e competente na tarefa de transmitir valores, daí constituir-se na melhor escola para a educação de seus filhos, já que para eles os valores ensinados seriam um dos aspectos mais relevantes do que pensam sobre uma educação escolar exemplar.

Apontamos como uma situação interessante extraída das entrevistas os casos das famílias espíritas cujas crianças demonstram preferência pelo catolicismo; algumas até com o desejo de fazer Primeira Comunhão, o que ao nosso olhar marca a influência da instituição confessional.

Outro exemplo que se aproxima da afeição das crianças pela escola católica pode ser observado na descrição que Ana, da família 1, faz da sua filha. Destaca que a menina apresenta uma postura comprometida, responsável, disciplinada, dedicada e que, inclusive, não gosta de se atrasar para não perder o momento inicial de oração na escola; enfim, parece querer nos dizer o quanto o perfil da criança se assemelha ao da instituição católica, sendo também influenciado por ela.

Concordando com NOGUEIRA (1998), outro aspecto observado pelas entrevistas é que algumas famílias demonstram consciência ao tentar adequar o perfil da criança ao da instituição escolar, procurando a escola que apresente as características que mais se aproximam da personalidade e do nível de aprendizagem de seus filhos.

Esse fator, apesar de não ser um dos mais considerados, pode ser tido como uma estratégia das famílias no sentido de prevenir um possível fracasso escolar, uma vez que procuram escolas que sabem que a criança tem condições de acompanhar e obter resultados satisfatórios. Esse grupo de famílias demonstrou grande conhecimento do mercado escolar que compõe o Méier, levando em consideração o leque de opções que têm disponível para realizar suas escolhas. Inclusive em trabalhos posteriores julgamos enriquecedor ampliarmos a nossa análise comparativa a fim de aproveitarmos melhor as outras escolas do bairro, uma vez que, com certeza, essa comparação nos auxilia na explicitação da escolha das famílias.

Por fim, este trabalho, bastante prazeroso e motivante, especialmente, o contato com as famílias, levaram-me a perceber o quanto a escolha dos indivíduos investigados se encontra

entrecruzada por uma série de fatores que foram sendo expostos ao longo das análises das entrevistas. Sendo assim, uma única razão seria incapaz de definir uma escolha, uma vez que esta envolve tanto as especificidades das experiências de cada grupo familiar quanto a complexidade de suas combinações no momento da escolha do Colégio Nossa Senhora de Fátima para seus filhos.

Acredito, ainda, e, principalmente, em uma dimensão maior, poder ter contribuído para o avanço das discussões acerca da relação família e escola e mesmo entre escola e desigualdades sociais, na medida em que através da análise do processo de escolha das famílias - que não se trata simplesmente de um levantamento das razões pelas quais optaram por uma escola católica para seus filhos - tentei explicitar como esses indivíduos, pertencentes a uma mesma classe, porém, com muitas diferenças entre si, fizeram suas escolhas diante de uma determinada realidade - bairro, opção de escolas e contextos familiares muito particulares - que se diferenciam de outros grupos sociais.

Dentro deste contexto, destaco a ideia do mercado escolar visto a partir das escolhas; mercado este que devido às diferentes condições de acesso das famílias, expressaria uma desigualdade escolar.

Chamo, por último, a atenção para o fato de que pensar sobre a “escolha” constitui-se outra perspectiva de estudo acerca da relação entre família e escola. Nesse caso, ressalto o protagonismo das famílias que, no seu processo de busca contribui para a manutenção ou ascensão social, bem como para a repartição desigual de capitais na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Maria. Um colégio para a elite paulista. In: ALMEIDA, Ana Maria & NOGUEIRA, Maria Alice. *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 135-147.

ALVES, Fátima. Escolhas familiares no contexto da estratificação educacional e residencial da cidade do Rio de Janeiro. *Seminário GERES*. Belo Horizonte, 2008, p. 1-34.

BALL, Stephen. Mercados educacionais, escolha e classe social: o mercado como estratégia de classe. In: GENTILI, Pablo. *Pedagogia da exclusão*. Petrópolis: Vozes. Tradução de Vânia P. Thurler e Tomaz Tadeu da Silva, 1995.

BARROS, Myriam Lins de. *Autoridade & afeto – avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BAUDELLOT, Christian. A Sociologia da Educação: para que? In: *Teoria & Educação*. Porto Alegre: Pannonica, nº 3, 1991.

BILAC, Elisabete Dória. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares. In: RIBEIRO Ivete & TORRES RIBEIRO, Ana Clara T. (Orgs.). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 43-60.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Zero, 1983.

------. Classificação, desclassificação, reclassificação. In NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

------. Os três estados do capital cultural. In NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

------. O capital social – notas provisórias. In NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

------. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 41-64.

BRANDÃO, Zaia. Práticas cotidianas na escola e na família: hipóteses sobre a constituição de *habitus* escolares. In *33ª Reunião Anual da ANPED, 2010, Caxambu, p.1-19*.

BRANDÃO, Zaia & LÉLLIS, Isabel. Elites acadêmicas e escolarização dos filhos. In *Educação e Sociedade*, Campinas, v.24, n. 83, 2003, p. 509-526.

BRANDÃO, Zaia & CARVALHO, Cynthia Paes. Processos de produção das elites escolares. In *Educação e Sociedade*, Campinas, v.32, n.115, p.507-522, abr-jun 2011.

BRITO, Cleomir Fatima de & CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *Religião e Sociedade no Brasil: o Colégio Passionista São Paulo da Cruz*. Pesquisa em Debate, 7ª Ed,v.4, n.2, jul/dez 2007.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Catolicismo e família no Brasil contemporâneo. *Estudos CEBRAP*, São Paulo, v.12, 1975.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. *A Vitória Colegial: registros de sucesso escolar nos anos 1950*. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas: SBHE/Autores Associados, n. 23, maio/ago. 2010a, p. 197-224.

------. Revistas de escolas católicas do Rio de Janeiro nos anos 1920/1950: religião e educação. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: Inep, vol. 91, n. 228, maio/ago. 2010b, p. 424-444.

COSTA, Márcio da. Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal. In: *Revista Brasileira de Educação*, v.13, n.39, set/dez. 2008, p. 455-594.

COSTA, Márcio da & KOSLINSKI, Mariane Campelo. Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro. In: *Revista Brasileira de Educação*, v.11, nº 31, jan/abr 2006, p.133-154.

------. Escolha, estratégia e competição por escolas públicas: pensando a ecologia do quase-mercado escolar. 33º Encontro Anual GT 17, ANPOCS, 2009.

------. Quase mercado oculto: disputa por escolas “comuns” no Rio de Janeiro. In: *Cadernos de Pesquisa*, v.41, nº 142, jan/abr 2011.

DUARTE, Luiz Fernando Dias & GOMES, Edlaine de Campos. *Três famílias – Identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. In: *Educação e Sociedade*, v.19, n. 62, Campinas, abr, 1998.

DUBET, François. *Sociologia da Experiência*. Porto: Ed. Instituto Piaget, 1994

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FIGUEIRA, Sérvulo A. “O ‘moderno’ e o ‘arcaico’ na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social”. In: FIGUEIRA, S.A. (Org.). *Uma nova família?* Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FRAIHA, Silvia & LOBO, Tiza. *Méier & Engenho de Dentro*. Coleção Bairros do Rio. Rio de Janeiro: Fraiha, 1999.

FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. 7ª Ed. São Paulo: Centauro, 2007.

KOSLINSKI, Mariane Campelo. Introdução. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz e KAZTMAN, Ruben (Orgs). *A Cidade contra a escola – Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina*. Rio de Janeiro : Letra Capital, 2008

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

------. *Retratos Sociológicos. Disposições e variações individuais*. São Paulo: Artmed, 2004.

------. Esboço do programa científico de uma sociologia psicológico. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 34, n. 2, mai/jun. 2008, p. 373-389.

MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MEDEIROS, Camila de Souza Lanes. *Disputa por escolas em Angra dos Reis: quase mercado escolar em um município de médio-porte*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

NOGUEIRA, Maria Alice. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais: notas em vista da construção do objeto de pesquisa. *Teoria & Educação*, 1991, n. 3, p. 89-112.

----- Elementos para uma discussão da relação classes médias/escola. In: VEIGANETO, Alfredo (Org). *Sociologia da Educação*. Porto Alegre: ANPED, 1994, p. 131-145.

----- A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. *Revista Brasileira de Educação*, n. 7, jan.-fev.-mar.-abr.1998a, p. 42-56.

----- Relação Família-escola: novo objeto na sociologia da educação. In: *Paidéia*, v. 8, n 14-15, Ribeirão Preto, fev/ago, 1998b.

----- Estratégias de escolarização em famílias de empresários. In ALMEIDA, Ana Maria & NOGUEIRA, Maria Alice. *A Escolarização das Elites*. Petrópolis: Vozes, 2002, p 49-65.

----- ROMANELLI, Geraldo & ZAGO, Nadir (orgs). *Família e Escola-Trajatórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2003.

----- NOGUEIRA, Claudio Marques Martins. Bourdieu & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

----- Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. In: *28ª Reunião Anual da ANPED*, 2006, Caxambu, p. 155-169.

----- Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. *Currículo sem fronteiras*, v.10, n.1, p. 213-231, Jan/Jun 2010.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. O significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 124, p. 141-170, jan./abr. 2005.

----- Socialização na escola. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro & ZAGO, Nadir (orgs). *Sociologia da Educação. Pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis, Vozes, 2007.

----- Escolarização: estratégias instrumentais e identitárias. In: *Atos de Pesquisa em Educação –PPGE/ME FURB*, v.2, n 1, p 23-51, 2007.

PORTES, Écio Antônio. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo & ZAGO, Nadir (orgs). *Família e Escola-Trajatórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis:Vozes, 2003, p. 61- 80.

RETAMOSO, Alejandro & KAZTMAN, Ruben. Aprendendo juntos. Desafios na educação a partir dos processos de segregação urbana. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & KAZTMAN, Ruben (Orgs). *A Cidade contra a escola – Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina*. Rio de Janeiro : Letra Capital, 2008.

ROMANELLI, Geraldo. Projetos de escolarização dos filhos e estilos de vida de famílias das camadas médias. In 18ª Reunião Anual da ANPED, ,1995, Caxambu.

------. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos – O estudante-trabalhador. In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo & ZAGO, Nadir (orgs). *Família e Escola- Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 99-123.

SALEM, Tânia. Do Centro Vital à Universidade Católica. In SCHWARTZMAN, Simon (org). *Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq, 1982, p. 97-134.

SENRA, Álvaro de Oliveira. *Matizes do privado – A AEC e a defesa da educação escolar católica (Brasil, 1945-1994)*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, p. 11-252.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Retomando as teorias da reprodução. In: *Teoria e Educação*. Porto Alegre: Pannonica, 1990, p. 155-179.

SOUSA, Jessé. *Le Monde Diplomatique*. Ed. 40. 01 de Novembro 2010.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares-Algumas condições de possibilidade. In NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo & ZAGO, Nadir (orgs). *Família e Escola- Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis:Vozes, 2003, p.45-60.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares – As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo & ZAGO, Nadir (orgs). *Família e Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17- 43.

ZANTEN, Agnès Van. Reflexividad y elección de La escuela por los padres de La clase media em Francia. *Revista de Antropologia Social*, 2007, n. 16, p. 245-278.

ANEXO A:

Roteiro Geral das entrevistas - Diretora

QUESTIONÁRIO

- 1- QUE LIGAÇÃO PODEMOS FAZER ENTRE A HISTÓRIA DO BAIRRO E A HISTÓRIA DO COLÉGIO? POR QUE O COLEGIO FOI FUNDADO NO MÉIER E NÃO EM OUTRO BAIRRO QUALQUER?
- 2- QUAL O PERFIL DOS PAIS DOS ALUNOS?
- 3- QUANTOS ALUNOS E FUNCIONÁRIOS TEM A ESCOLA ATUALMENTE?
- 4- COMO É O DESEMPENHO DA ESCOLA NAS AVALIAÇÕES NACIONAIS? O QUE ACHA QUE PRECISA MELHORAR?
- 5- QUAL O DIFERENCIAL DA ESCOLA? QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE A DIFEREM DAS DEMAIS ESCOLAS DO BAIRRO DO MÉIER? POR QUE RAZÕES ACHA QUE ALGUMAS FAMÍLIAS MORADORAS DO MÉIER ESCOLHERAM O COLÉGIO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA?
- 6- QUAL O PESO DA RELIGIÃO PARA A ESCOLA?

ANEXO B:

Roteiro Geral das entrevistas – famílias (pais que não estudaram na escola)

QUALIDADES DA ESCOLA

1. O SENHOR (A) MORA NO MÉIER? SEMPRE MOROU? MORA PERTO OU LONGE DA ESCOLA? (O QUANTO PERTO E O QUANTO LONGE)
2. O SEU FILHO SEMPRE ESTUDOU NESSA ESCOLA? POR QUE TRANSFERI-LO DE ESCOLA? QUANTAS VEZES TRANSFERIU A CRIANÇA DE ESCOLA?
3. ONDE O SENHOR (A) ESTUDOU NO ENSINO FUNDAMENTAL?
4. POR QUE O SENHOR (A) NÃO COLOCOU SEU FILHO NESSA ESCOLA QUE O SENHOR ESTUDOU?
5. O QUE A ESCOLA ESCOLHIDA TEM DE BOM? O QUE ELA TEM DE DIFERENTE DAS DEMAIS ESCOLAS DO MÉIER? E O QUE FALTA NELA?
6. QUANDO O SENHOR (A) ESCOLHEU ESSA ESCOLA O SENHOR CONHECIA OUTRAS OPÇÕES DE ESCOLAS DO BAIRRO?
 - QUAIS ESCOLAS CONHECIA?
 - POR QUE NÃO ESCOLHEU AS OUTRAS ESCOLAS RELIGIOSAS DO BAIRRO? POR QUE NÃO O ESCOLHEU O MADRE GUELL, NÃO SERIA UMA BOA OPÇÃO? E O CORAÇÃO DE MARIA?
 - E AS ESCOLAS PRIVADAS NÃO RELIGIOSAS?
7. QUE REFERÊNCIAS TINHA DESSA ESCOLA?
 - PERGUNTOU A ALGUÉM SOBRE A ESCOLA? (PARENTES QUE JÁ ESTUDARAM NELA, AMIGOS, VIZINHOS,...)?
 - FEZ VISITAS ÀS ESCOLAS DO BAIRRO ANTES DE FAZER SUA ESCOLHA? QUAIS ESCOLAS VISITOU? QUE INFORMAÇÕES VOCÊ

BUSCOU NAS ESCOLAS VISITADAS? O QUE QUIS SABER SOBRE ELAS?

8. COMO ESSA ESCOLA É CONHECIDA NO BAIRRO?

9. QUAL É A MELHOR ESCOLA DO BAIRRO PARA O SENHOR(A)? POR QUE?

10. QUAL É A PIOR ESCOLA DO BAIRRO PARA O SENHOR(A)? POR QUE?

PROJEÇÃO DE FUTURO

11. PRETENDE QUE SEU FILHO PERMANEÇA NESTA ESCOLA ATÉ O ENSINO MÉDIO? CASO NÃO, POR QUE?

RELIGIÃO

12. O FATO DE SER UMA ESCOLA CATÓLICA DETERMINOU A ESCOLHA? POR QUE? EM QUE?

- EM QUE MEDIDA OS VALORES RELIGIOSOS DETERMINARAM A ESCOLHA? QUE VALORES SÃO ESSES?

13. OS SENHORES SÃO RELIGIOSOS? PRATICANTES? FREQUENTAM A INSTITUIÇÃO (DEPENDENTE DA RELIGIÃO)?

14. AS AULAS DE RELIGIÃO SÃO IMPORTANTES? POR QUE?

QUESTÕES SÓCIO ECONÔMICAS

15. O SENHOR (A) TRABALHA? QUAL A SUA PROFISSÃO?

16. SEU MARIDO TRABALHA? QUAL A PROFISSÃO DELE?

17. SUA RENDA FAMILIAR SE INSERE EM QUAL FAIXA DE VALORES?

- 1 A 3 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 4 A 6
- 7 A 10
- ACIMA DE 10

18. QUAL A SUA ESCOLARIDADE? (SABER O NÍVEL, O DIPLOMA QUE A PESSOA POSSUI: NÍVEL FUNDAMENTAL, MÉDIO, SUPERIOR) EM QUE ESCOLA?

CASO SEJA NÍVEL SUPERIOR, QUAL O CURSO E QUAL UNIVERSIDADE?

19. MORA DE ALUGUEL OU CASA PRÓPRIA?

ANEXO C:

Roteiro Geral das entrevistas – famílias (pais ex alunos da escola)

QUALIDADES DA ESCOLA

1. O SENHOR (A) MORA NO MÉIER? SEMPRE MOROU? MORA PERTO OU LONGE DA ESCOLA? (O QUANTO PERTO E O QUANTO LONGE)
2. O SEU FILHO/FILHA/FILHOS/FILHAS SEMPRE ESTUDOU NESSA ESCOLA?
 - POR QUE RESOLVEU TRANSFERI-LO (TRANSFERI-LOS) DE ESCOLA?
 - QUANTAS VEZES O/A (OS/AS) TRANSFERIU DE ESCOLA?
3. O QUE FEZ O SENHOR (A) COLOCAR SEU FILHO NA MESMA ESCOLA EM QUE ESTUDOU?
4. O SENHOR (A) ESTÁ SATISFEITO COM ESSA DECISÃO? O QUE ESTA ESCOLA TEM DE POSITIVO, DE DIFERENTE DAS OUTRAS? E O QUE FALTA NELA?
5. A ESCOLA MUDOU DA SUA ÉPOCA PARA OS DIAS DE HOJE?
 - EM QUE?
 - PARA MELHOR?
 - O QUE TINHA DE BOM E NÃO TEM MAIS?
 - HÁ ALGUM ASPECTO Q LHE DESAGRADA E QUE PODERIA MUDAR PARA MELHOR? O QUE É?
6. PRETENDE QUE SEUS NETOS ESTUDEM AQUI TAMBÉM?
7. QUANDO O SENHOR (A) ESCOLHEU ESSA ESCOLA O SENHOR CONHECIA OUTRAS OPÇÕES DE ESCOLAS DO BAIRRO?
 - QUAIS ESCOLAS CONHECIA?

- POR QUE NÃO ESCOLHEU AS OUTRAS ESCOLAS RELIGIOSAS DO BAIRRO, COMO O COLÉGIO MADRE GUELL OU O CORAÇÃO DE MARIA?
- E AS ESCOLAS PRIVADAS NÃO RELIGIOSAS?

8. COMO ESSA ESCOLA É CONHECIDA NO BAIRRO?

9. QUAL É A MELHOR ESCOLA DO BAIRRO PARA O SENHOR (A)? POR QUE?

10. QUAL É A PIOR ESCOLA DO BAIRRO PARA O SENHOR(A) POR QUE?

PROJEÇÃO DE FUTURO

11. PRETENDE QUE SEU FILHO PERMANEÇA NESTA ESCOLA ATÉ O ENSINO MÉDIO? CASO NÃO, POR QUE?

RELIGIÃO

12. O FATO DE SER UMA ESCOLA CATÓLICA DETERMINOU A ESCOLHA? POR QUE? EM QUE?

- EM QUE MEDIDA OS VALORES RELIGIOSOS DETERMINARAM A ESCOLHA? QUE VALORES SÃO ESSES?

13. OS SENHORES SÃO RELIGIOSOS? PRATICANTES? FREQUENTAM A INSTITUIÇÃO (DEPENDENTE DA RELIGIÃO)?

14. AS AULAS DE RELIGIÃO SÃO IMPORTANTES? POR QUE?

QUESTÕES SÓCIO ECONÔMICAS

15. O SENHOR (A) TRABALHA? QUAL A SUA PROFISSÃO?

16. SEU MARIDO TRABALHA? QUAL A PROFISSÃO DELE?

17. SUA RENDA FAMILIAR SE INSERE EM QUAL FAIXA DE VALORES?

- 1 A 3 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 4 A 6
- 7 A 10
- ACIMA DE 10

18. QUAL A SUA ESCOLARIDADE? (SABER O NÍVEL, O DIPLOMA QUE A PESSOA POSSUI: NÍVEL FUNDAMENTAL, MÉDIO, SUPERIOR) EM QUE ESCOLA?

CASO SEJA NÍVEL SUPERIOR, QUAL O CURSO E QUAL UNIVERSIDADE?

19. MORA DE ALUGUEL OU CASA PRÓPRIA?

ANEXO D:

Roteiro Geral das entrevistas – famílias (pais de outra escola)

QUALIDADES DA ESCOLA

1. O SENHOR (A) MORA NO MÉIER? SEMPRE MOROU? MORA PERTO OU LONGE DA ESCOLA? (O QUANTO PERTO E O QUANTO LONGE)
2. O SEU FILHO/FILHA/FILHOS/FILHAS SEMPRE ESTUDOU NESSA ESCOLA?
 - POR QUE RESOLVEU TRANSFERI-LO (TRANSFERI-LOS) DE ESCOLA?
 - QUANTAS VEZES O/A (OS/AS) TRANSFERIU DE ESCOLA?
3. O SENHOR (A) ESTÁ SATISFEITO COM ESSA DECISÃO? O QUE ESTA ESCOLA TEM DE POSITIVO, DE DIFERENTE DAS OUTRAS? E O QUE FALTA NELA?
4. PRETENDE QUE SEUS NETOS ESTUDEM AQUI TAMBÉM?
5. QUANDO O SENHOR (A) ESCOLHEU ESSA ESCOLA O SENHOR CONHECIA OUTRAS OPÇÕES DE ESCOLAS DO BAIRRO?
 - QUAIS ESCOLAS CONHECIA?
 - POR QUE NÃO ESCOLHEU AS OUTRAS ESCOLAS RELIGIOSAS DO BAIRRO, COMO O COLÉGIO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA?
 - E AS ESCOLAS PRIVADAS NÃO RELIGIOSAS?
6. COMO ESSA ESCOLA É CONHECIDA NO BAIRRO?
7. QUAL É A MELHOR ESCOLA DO BAIRRO PARA O SENHOR (A)? POR QUE?
8. QUAL É A PIOR ESCOLA DO BAIRRO PARA O SENHOR(A) POR QUE?

PROJEÇÃO DE FUTURO

9. PRETENDE QUE SEU FILHO PERMANEÇA NESTA ESCOLA ATÉ O ENSINO MÉDIO? CASO NÃO, POR QUE?

RELIGIÃO

10. O FATO DE SER UMA ESCOLA CATÓLICA DETERMINOU A ESCOLHA? POR QUE? EM QUE?

- EM QUE MEDIDA OS VALORES RELIGIOSOS DETERMINARAM A ESCOLHA? QUE VALORES SÃO ESSES?

11. OS SENHORES SÃO RELIGIOSOS? PRATICANTES? FREQUENTAM A INSTITUIÇÃO (DEPENDENTE DA RELIGIÃO)?

12. AS AULAS DE RELIGIÃO SÃO IMPORTANTES? POR QUE?

QUESTÕES SÓCIO ECONÔMICAS

13. O SENHOR (A) TRABALHA? QUAL A SUA PROFISSÃO?

14. SEU MARIDO TRABALHA? QUAL A PROFISSÃO DELE?

15. SUA RENDA FAMILIAR SE INSERE EM QUAL FAIXA DE VALORES?

- 1 A 3 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 4 A 6
- 7 A 10
- ACIMA DE 10

16. QUAL A SUA ESCOLARIDADE? (SABER O NÍVEL, O DIPLOMA QUE A PESSOA POSSUI: NÍVEL FUNDAMENTAL, MÉDIO, SUPERIOR) EM QUE ESCOLA?

CASO SEJA NÍVEL SUPERIOR, QUAL O CURSO E QUAL UNIVERSIDADE?

17. MORA DE ALUGUEL OU CASA PRÓPRIA?